

E112
.R48
1927



a 00002 994736

This book is due at the WALTER R. DAVIS LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

[illegible]

A
NACIONALIDADE PORTUGUESA
DE
CRISTOVAM COLOMBO

PATROCINIO RIBEIRO

Cyano

·A·NACIONALIDADE·PORTUGUESA·
·DE·CRISTOVAM·COLOMBO·
·THE·PORTUGUESE·NATIONALITY·OF·
·CHRISTOPHER·COLVMBVS·

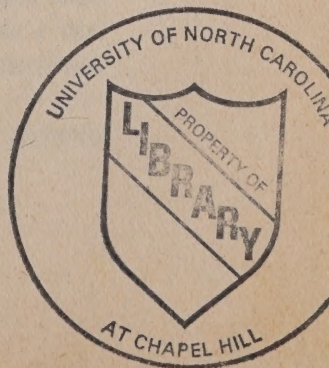
SOLUÇÃO DO DEBATIDÍSSIMO PROBLEMA
DA SUA VERDADEIRA NATURALIDADE,
PELA DECIFRAÇÃO DEFINITIVA
DA FIRMA HIEROGLÍFICA

THE MUCH DISCUSSED PROBLEM OF HIS ACTUAL
NATIONALITY AT LAST DISPOSED OF THROUGH
THE CONCLUSIVE DECIFRATION
OF HIS HIEROGLYPHIC SIGN



LIVRARIA RENASCENÇA
JOAQUIM CARDOSO
27, RUA DOS POJAIS DE S. BENTO, 29
LISBOA

E 112
. R48
1927



PALAVRAS DE ABERTURA

A importancia que de longe vem tomando o problema da nacionalidade de Christovam Colombo, disputada por genoveses e espanhoes, levou-nos com certo fundamento, baseados nos conhecimentos que os portuguezes sempre revelaram desde o inicio das descobertas realizadas atravez do mar mysterioso, e da primazia no encontro das terras mais remotas a lançar á publicidade esta obra, por todos os motivos notavel.

• Não ha dúvida sobre a reputação creada na Europa pelos navegadores portuguezes desde os meados do seculo XV e o estabelecimento scientifico creado pelo genio do Infante D. Henrique, no Promontorio da costa do Algarve; como tambem é certa a estada em Portugal, — centro e origem dos mais arrojados empreendimentos, de navegadores estrangeiros como Americo Vespucio, vindo aqui adquirir conhecimentos, sem os quaes, difficilmente poderiam exercer a profissão a que se destinavam.

Com a publicação do trabalho de Patrocínio Ribeiro, em portuguez e inglez, para mais largo conhecimento das suas deduições, cuidamos prestar um alto serviço á sciencia e verdade historica nem sempre respeitada e talvez, tendenciosamente deturpada.

O publico e o juizo critico dos historiadores, poderão

avaliar melhor do que nós o fazemos, do criterio e razão scientifica contidos nos factos, mais que simples coincidencias, para levarem o malogrado e erudito escriptor a sustentar a nacionalidade portugueza de Christovam Colombo. Já em 1915 fôra apresentada à Academia de Sciencias de Portugal pelo mesmo auctor, uma memoria intitulada O Character mysterioso de Colombo e o problema da sua nacionalidade, estudo sensacional, mais tarde ampliado e admiravelmente refundido, estudo que o notabilissimo publicista sr. Julio de Lemos, illustre secretario perpetuo do Instituto Historico do Minho, considerou esplendido titulo de immortalidade do seu modestissimo auctor. Por sua vez, aquele Instituto, dirigia a Patrocinio Ribeiro e á Academia, a par de agradecimentos as mais calorosas felicitações por tão brilhante como notavel escrito.

O trabalho presente, aumentado com outros estudos e novamente refundido, deverá constituir um glorioso padrão do patriotismo e profundo saber do eminente escriptor.

Os espanhoes, provaram já, não ser Christovam Colombo, genovez; mas não provaram que fosse espanhol.

Consideram segura a afirmativa de ter nascido entre a Galiza e o Algarve, no extremo ocidental da Peninsula, documento que publicamos em apendice, assim como alguns historiadores italianos reconhecem como oriundo de Portugal o irmão do famoso navegador, Bartholomeu Colombo, tambem não se provou até hoje, apezar das persistentes investigações dos mais notaveis historiadores espanhoes, que fosse Colombo natural da Galiza.

Restava então averiguar se era portuguez, o que ainda não haviam tentado os investigadores. Patrocínio Ribeiro, arguto e meticoloso, espirito dotado d'uma intelligente e bem formada competencia, provada em muitos trabalhos anteriores de incontestavel valor, executados pela paciente vontade d'um benedictino, estava designado a bem da verdade, para desvendar o mysterio.

Ou fosse pelas perseguições movidas em torno do seu genio audaz ; ou pela pouca importancia que poderia representar para o desenvolvimento comercial da Europa, a descoberta de um imaginário caminho para as Indias pelo Ocidente, idealizado com interesse e fantasia por Colombo ; o que é certo, é que os portuguezes, emprehendendo a execução de um largo plano estabelecido em Sagres, desde o conhecimento da forma esferica da terra, procuravam chegar á Índia pela costa da Africa, tendo descoberto o Cabo da Boa Esperança 6 anos antes da expedição de Palos, com o fim de fazerem derivar para Portugal, o commercio riquissimo do lendario Oriente.

Os portuguezes não ambicionavam terras incultas e selvagens, que absorvessem gente e dinheiro ; por esta razão repelião os oferecimentos feitos mediante exigentes propostas, para a descoberta de terras que eles conheciam havia 29 anos, (desde 1463) antes, da primeira viagem de Colombo. Lá tinham estado os Côrte-Reaes, Alvaro Martins Homem, Afonso Sanches e muitos outros.

O objectivo era o caminho seguido em 1498 por Vasco da Gama ; e certos disto, estavam os portuguezes, prestando to-

da a atenção e louvor a esse extraordinario acontecimento, sobre o qual, Camões concebeu e realisou, a maravilhosa epopeia que permaneceu eterna; e Portugal, dedicou-lhe um esforço, que não lograram merecer outras descobertas — nem mesmo o Brasil

No Seculo de 28 de Dezembro de 1926, publicou o illustre historiografo sr. Antonio Ferreira de Serpa um magnifico e bem documentado artigo, provando a descoberta da America dezenas de anos antes de Colombo, por navegadores portuguezes; e em 15 de Fevereiro do corrente ano o mesmo auctor; publica ainda sob o titulo A prioridade do descobrimento da America pelos portuguezes, um notabilissimo artigo em que o proprio Colombo, confessa ter sabido das expedições dos filhos do verdadeiro descobridor, João Vaz Corte-Real, cujas indicações seguiu na sua viagem.

Em muitos pontos se confirma o criterio de Patrocinio Ribeiro, com eloquente demonstração e perfeito raciocinio que já não é possivel permanecer em dúvida.

Sendo como é caso largamente demonstrado e bem esclarecido quanto á questão da prioridade, toma maior destaque e mais se confirma n'esses artigos a prova da nacionalidade tal como é apresentada pelo auctor d'esta obra.

Quando, porém, os italianos asseguram que o irmão de Colombo é portuguez e os espanhoes teem como certo, ter este nascido na parte que vae da Galiza ao Algarve, o trabalho firmado por Patrocinio Ribeiro é uma obra altamente notavel e verdadeiramente sensacional. Todos os documentos que possam vir à luz da publicidade, e que a morte não con-

sentiu a Patrocínio Ribeiro — infelizmente—o seu estudo, na casa da India em Espanha como na Torre do Tombo em Portugal, temos a convicção, que não darão senão maior relevo a esta valiosa e interessantissima monografia.

Critico e historiador, contista e inspirado poeta, dispondo d'um estilo leve e limpido como a agua fresca dos regatos, corre nas paginas admiraveis dos trabalhos que Patrocínio Ribeiro nos legou, ora graciosos e alegres, ora de critica e de analyse, tocados sempre pela luz brilhante do seu espirito e do seu talento.

Theofilo Braga, tinha pelo auctor da Nacionalidade Portugueza de Colombo, uma particular estima; admitindo-o em 14 de Maio de 1912 como socio da Academia de Sciencias de Portugal, por unanimidade de votos, depois d'esta ter apreciado a sua memoria, A verdadeira «Célia» de Sá de Miranda, como prova de talento, profundo saber e meticoloso estudo. Nessa comunicação, Patrocínio Ribeiro concluia, que Célia era a celebre poetisa Victoria Colonna, (Marqueza de Pescara) e não como afirmava Theofilo, Isabel Freire.

Délia, era uma personagem diferente e d'ela provinha, sem dúvida, uma errada interpretação.

A 2 de Julho, apresenta Patrocínio áquela douta Academia os-interestantissimos quesitos: O que é o genio? e em 30 do mesmo mez, a notavel monografia A bem-amada de Bernardim Ribeiro e as personagens secundarias da «Menina e Moça»; comentando n'este trabalho todos os raciocinios e documentação, para estabelecer o principio de que foi

a poetisa de Almada, D. Leonor Mascarenhas, a bem-amada (Aonia), inspiradora musa do poeta bucolista e não Joana Tavares, mostrando-nos pelo entrecho da celebre novela em criptónimos e anagramas, as personagens de Joana, a louca, a imperatriz Isabel de Portugal, Margarida de Valois, Francisco I, Carlos V, Filippe I e Jacopo Sanazaro. Em Agosto de 1912 e Setembro de 1913, sob a epigrafe de A ecloga II de Bernardim Ribeiro, retificava no Diario de Noticias a interpretação, a que juntou outros novos elementos biograficos; publicando em Novembro de 1920 um artigo no Seculo, em que prova a permuta de versos, entre o reformador da poesia lyrica em Portugal e a fermosa e mal empregada Lianor.

No espolio literario legado á posteridade, podêmos tomar nota de muitas obras de incalculavel valor, que é necessario não deixar permanecer ineditos ou sepultados no pó do esquecimento, e, a par d'estas obras ainda alguns preciosos escriptos que merecem ser publicados. D'essa relação damos conhecimento publico, em homenagem ao auctor e em beneficio das letras nacionaes :

«Chrisfal», Apontamentos diversos (Inedito); «O auctor occulto do Chrisfal» (publicado); «Menina e Moça», celebre novela portugueza do seculo XVI, interpretada por Patrocínio Ribeiro, (Inedito); «O amôr lésbio atravez dos seculos» (Inedito); «Onomotografia» assignaturas (impresso); I, Diversos artigos publicados na Ilustração Portugueza; II, Artigos publicados em diversos jornaes; III, Artigos de colaboração em varios jornaes de Lisbôa e provincias: «Favo de Amôr», contos com um prefacio de Julio Dantas (Inedito);

«O Sol de Africa», contos (*Inedito*); «A conjura dos sargentos» (*Inedito*); «Antologia dos Poetas Brasileiros» (*Inedito*); «A bem-amada de Bernardim Ribeiro» (*Impresso*); «Amor-sidade elaborativa de Gustavo Flaubert» (*Impresso*); «A verdadeira Célia de Sá de Miranda» (*Impresso*); «Eduardo Metzner», estudo biografico (*Inedito*); «Dicionario dos termos obscenos», coligidos em linguagem popular do nosso tempo por * * * (*Inedito*); «Colombo» (apontamentos varios); «A nacionalidade Portuguesa de Colombo» (publicado no Jornal da Europa); «Rocal de Vidrilhos», versos (*Inedito*); «Musa Ironica», versos escolhidos.

Nasceu Patrocinio Ribeiro na Ericeira, a 9 de Julho de 1882; de compleição fraca e mediana estatura, a côr morena o nariz aquilino, formando uma curva com o prolongamento da testa; os olhos pequenos e prescrutadores de miope, sob o largo supercilio negro e cerrado; na boca um permanente e leve sorriso de amarga ironia e o inseparavel cigarro.

Foi socio correspondente da Academia de Sciencias de Portugal e socio da Associação dos Arqueologos. Estudou na Casa Pia: mas a sua persistencia e ancia de saber, dominaram-o sempre atravez da curta existencia.

Serviu na Inspeção das Bibliothecas, foi bibliotecario archivista na Escola Pratica de Infanteria em Mafra e á data do seu falecimento, em 2 de Dezembro de 1923, era escriptorio no Archivo da Camara Municipal de Lisboa.

Colaborou no Ocidente, O Seculo, Diario de Noticias; Jornal da Europa, A Capital, Ilustração Portuguesa, Victor-ria e muitos outros jornaes da provincia.

Foi um incansavel lutador, torturado pela pertinacia d'uma bronchite e atormentado pela dolorida concentração do seu espirito, na absorção da propria materia. Alegre e quasi ingenuo como as crianças, foi antes de tudo um sonhador e um poeta como foi um profundo observador.

«A nacionalidade portugueza de Colombo» revela nas suas paginas cheias de saber e de logica o grande exemplo do seu patriótico intuito.

Lisbôa, Abril de 1927

OS SEUS AMIGOS

OS FAMOSOS «DOCUMENTOS» DE PONTEVEDRA

«De modo que quando fué su persona a proposito y adornada de todo aquello que convenia para tan grand hecho, tanto menos conocido y cierto quiso qui fuese su origen y patria, e casi algunos que en cierta manera quisieron oscurecer su fama, dicen que fué de Nervi, otros de Cugureo, otros de Buggiasco, logarcillos cerca de Genova, y situados en su ribera; otros que quisieron exaltarle mas, dicen és Saona, y otros, genevés, y algunos tambien saltando más sobre el viento lo hacen naturál de Plasencia».

Herman Colon, Vida del Almirante
Don Cristobal Colon.

Em todas as circunstâncias da sua vida oficial — a mais conhecida — o celebrado descobridor da América ocultou sempre sistematicamente, o verdadeiro nome da terra do seu nascimento a até mesmo o seu próprio apelido de familia, duma fórmula intencional, premeditada, com um fim reservado muito pessoal e muito íntimo.

As variantes ortográficas dêsse presuposto apelido em documentos coevos, — *Colomo* e *Colombo* — a declaração singular de seu filho Fernando, na *Vida del Almirante*, — que seu pai «volvió a renovar el *de Colon*» — e o facto de nem uma única vez êle se ter assinado pelo sobrenome

porque éra conhecido, são provas mais que suficientes para fazer crêr que o grande navegador adoptára um pseudónimo.

Todavia a cidade de Pontevedra, na Galiza, pretendeu demonstrar, últimamente, ser o verdadeiro e único berço natal de Cristóvam Colombo, colocando-se assim ao lado das vinte e tantas povoações italianas que, entre si, veem disputando, de há muito, essa honra insigne.

Ahí por fins de Abril de 1914 — como, decerto, toda a gente se lembrará ainda — o sr. dr. D. Enrique de Arribas y Turull, advogado galego, efectuou, na ampla sala *Portugal* da Sociedade de Geografia, de Lisboa, uma conferência subordinada ao título estrondoso: *Cristobal Colon, natural de Pontevedra*.

Nessa celeberrima conferência — não será descabido, talvez recordar aqui de novo — o orador preconizava a teoria moderna da naturalidade galaica do descobridor da América, segundo os trabalhos históricos do seu conterraneo D. Celso Garcia de La Riega, que fôra o primeiro a proclamar a novidade no seu livro *Colon Español*:

Para firmar melhor a sua argumentação, D. Enrique Turull referiu-se, largamente, a uns documentos antigos, descobertos por D. Garcia de La Riega, manuscritos de grande valor — segundo a sua maneira de vêr — por se achar consignado nêles o facto incontestado da naturalidade galaica do denodado nauta que deu um novo mundo ao mundo.

E — verdade, verdade — êsses documentos referentes, na sua maioria, aos *Colons* de Pontevedra, citados pelo conferencista, produziram uma viva emoção no culto auditório dessa noite memorável. Mais ou menos, os ouvintes sentiram-se abalados e propensos a acreditar nessa espantosa documentação, pois vinte e um documentos, vinte um pergaminhos amarelados pelos séculos, vinte e um manuscritos gatafunhados da era de 1413 a 1529, afirmando e comprovando a esplanada teoria, não são coisas para des-

prezar e pôr em dúvida! De resto, todos os membros conhecidos da família do denodado nauta figuravam nesses documentos célebres: os irmãos, os filhos e até o proprio pai e a mãe!...

Eu tive conhecimento dos assuntos tratados nessa conferência apenas pelo relato dos jornais do dia seguinte. Achei comprovações excessivas, analogias demasiadamente flagantes, tópicos singularmente palpáveis, e essa superabundância de documentos autênticos fez-me nascer uma suspeita... Ruminando-a, durante algum tempo, procurei maneira de me poder informar, o mais detalhadamente possível, do conteúdo desses famosos documentos de Pontevedra, e quando o consegui, em parte, pareceram-me tão deficientes, tão vagos, tão poblematicos, tão despidos de importância e interesse, que me enchi de coragem para estudar o complexo problema colombino e reivindicar para Portugal a glória de ter dado ao mundo o marinheiro ilustre que descobriu a América.

Em Agosto dêsse ano, porém, estalou a guerra europeia, emocionando o mundo inteiro. Fui forçado a suspender os meus estudos colombinos, os meus trabalhos de investigação histórica sobre o assunto, durante o tempo que estive ausente da metrópole, durante os meses que permaneci em Mossamedes fazendo parte da expedição do Sul de Angola, contra os alemães. Quando regressei de África — em Maio de 1915, por motivo dum desastre, — continuei desde logo, na tarefa que com tanto gôsto e afinco encetára. Os famosos documentos dos *Colons* espanhóis não me intimidavam, tanto mais que a suspeita continuava a ferroar-me como um caruncho obstinado... e o meu espírito, anciadamente, previa uma torpeza! Ah! se eu pudesse ir á Galiza vêr, rebuscar, analisar, meter o naris nos papeis de Pontevedra — pensava de contínuo, de mim para comigo. No entanto, ia trabalhando sempre com ardor, com fé, com entusiasmo.

E, finalmente, em 23 de Novembro dêsse mesmo ano, consegui apresentar na Academia de Ciências de Portugal a minha memória sobre *O carácter misterioso de Colombo e o problema da sua nacionalidade*, em que refutava a pretendida nacionalidade espanhola do imortal nauta, opondo, honestamente, uma novíssima argumentação portuguesa.

Transcrevo, em seguida, a resposta que nessa memória dei ao sr. Arribas y Turull sôbre o assunto em questão :

«Colombo é espanhol, nasceu em Pontevedra, — afirma-se.

«Quem primeiro o afirmou, em terras de Espanha, foi Celso Garcia de La Riega, erudito investigador histórico; e foi o sr dr. D. Enrique Maria de Arribas y Turull — distinto advogado — que veio preconizar na nossa terra, por meio de conferências públicas efectuadas em Lisboa e Pôrto, esta *verdade evidente*, segundo a sua maneira de vêr.»

«Ora eu — que á época me encontrava em Beja, absorvido nas ocupações da minha vida profissional, — não assisti a essas interessantes prelecções, mas adquirindo há tempo o livro que o ilustre conferente publicou sôbre o assunto, li-o atentamente, e tão atentamente o li que não posso deixar de refutar certas afirmativas exóticas que na referida obra são feitas, em especial, nas referências directas ao nosso país. ⁽¹⁾

«Depois de, para defesa da sua tese, ter apontado algumas analogias de nomes entre as terras baptisadas por Colombo, no Novo Mundo, e uma igreja — *San Salvador*, — uma bahia — *Puerto Santo*, — uma praça, — *La Galea* — e quatro confrarias de Pontevedra, — *San Miguel*, *Santa Catalina*, *San Nicolás* e *San Juan Bautista* — mas sem se re-

⁽¹⁾ V. *Cristobal Colon, natural de Pontevedra*, por D. Enrique Maria de Arribas y Turull. Madrid, Imprensa de «La Enseñanza» Ruiz, 33, bajo, 1913.

cordar, talvez, de que «*sôbre simples homonímias no se pue de cimentar nada solido en la história*» — como tão criteriosamente disse Garcia de La Riega ⁽¹⁾ acrescenta o sr. Turull a pág. 77 do seu curiosíssimo livro :

«*De todo lo expuesto deducimos, que ni una sola vez se le ocurre a Colon imponer a sus descubrimientos un nombre italiano o portugués, o que por lo menos recuerde cosa alguna de estos países*».

«Ora não se pode ser menos exacto ! Colombo impoz, de facto, alguns nomes portuguezes ás novas terras descobertas, e tão portuguezas são essas denominações que nem a própria Pontevedra — com os seu famosos documentos ! — poderá contestar.

«A um porto e a um rio, recendescobertos, deu o grande navegador estes dois nomes inconfundíveis : — *Puerto de Santa Maria de Belen* e *Rio de Belen*.

«Onde encontra o sr. D. Enrique Turull nomes identicos em Espanha ? Não os pode encontrar lá porque são bem portuguezes, pois *Rio de Belem* designa o *Rio Tejo* em frente de *Santa Maria de Belem*, que era por esse tempo uma pequena povoação ao ocidente de Lisboa.

«Mas ha mais ainda.

«Colombo baptizou duas ilhas novas com o nome de S. Tiago e Santa Maria, respectivamente. Ora *S. Tiago* é uma das ilhas do arquipelago português de Cabo Verde, e *Santa Maria* aquella ilha dos Açores a que ele *intencionalmente* arribou no dia 18 de Fevereiro de 1493, regressando já da sua primeira viagem ao ocidente.

«Se no século XV havia, em Pontevedra, uma praça chamada La Galéa e uma bahia com o nome do Porto

(1) V. *Cristobal Colon y Fonterosa*, artigo de D. Celso Garcia de La Riega, publicado em «*La Ilustracion Española y Americana*» de 8 de Janeiro de 1902.

Santo, também na ilha da Madeira — onde Colombo viveu algum tempo — havia a *ponta da Galé*, e Afonso Baldaia, em 1436, tinha dado nome identico a um cabo que descobrira na costa da Africa; e *Porto Santo* sugere logo o nome daquela ilha onde o ousado navegador residiu com os seus parentes portugueses da parte de sua mulher, sendo fácil, portanto, determinar porque motivo assim denominou uma enseada de Cuba e um cabo da ilha Trinidad.

«Para demonstrar ao sr. dr. Turull que é menos verdadeira a sua desconforme afirmativa de *que ni una sola vez se le ocurre a Colon imponer a sus descubrimientos un nombre italiano o portugués, o que por lo menos recuerde cosa alguna de estos países*», indicarei alguns, a seguir, onde a homonimia é flagrante.

«Vejamós, pois :

«A um cabo da ilha Fernandina chamou *Cabo Verde*, — o cabo Cabo Verde, em África, fôra descoberto pelo português Diniz Fernandes, em 1444.

«*Puerto de Santa Catalina*,, em Cuba, — o cabo de Santa Catarina tinha sido o limite das descobertas de Portugal no reinado de D. Afonso V, e havia uma ponta de terra, na ilha da Madeira, com o mesmo nome.

«*Puerto de Santa Maria*, na ilha Espaniola, — porto de identica denominação na ilha do Sal do arquipelago de Cabo Verde.

«*Isleu Cabra*, — ilha das Cabras, na Costa de S. Tomé.

«*Isla Santa Cruz*, — portos de Santa Cruz nas ilhas da Madeira, Graciosa e Flores.

«*Vale del Paraizo*, — foi em Vale do Paraizo, povoação perto de Vila Franca de Xira, que Colombo foi recebido por D. João II, de Portugal, e onde esteve hospedado trez dias, em Março de 1493, quando, vindo de regresso da descoberta do Novo Mundo, arribou a Lisboa, *intencionalmente*.

«*Rio del Oro*, — o rio do Ouro, no continente africano descoberto de 1436, por Afonso Baldaia, e rio de nome identico na ilha de S. Tomé.

«*Isla Guadalupe*, — costa de Guadalupe, ilha de S. Tomé.

«*Islas San Christovam, San Miguel, e San Thomás*, — das ilhas dos Açores assim denominadas; a ilha de S. Tomé tambem fôra, primitivamente, conhecida por S. Tomás.

«*Islas de Nuestra Señora de las Nieves*, — Santa Maria das Neves, bahia a que chegou Alvaro Fernandes no tempo do infante D. Henrique, e nome dum monte que se avista do mar, na costa ocidental de Portugal, entre o Cabo da Roca e Peniche, muito conhecido dos nossos mareantes que lhe chamam tambem Alto de Manjapão.

«*Islas San Vicente e Santa Luzia*, — ilhas do arquipelago de Cabo Verde.

«*Cabo Cabrão*, — ponta do Bode, na ilha da Madeira.

«*Rio del Sol*, — ribeira da ponta do Sol, na Madeira.

Cabo de S. Vicente, — Cabo de S. Vicente, no extremo ocidental da provincia do Algarve.

«E, não cito mais, para me não alongar demasiadamente.

«Mas se bem que não creia — como crê o sr. Turull, — que o descobridor da America fosse impondo nomes de igrejas e confrarias ás ilhas que via pela primeira vez — pois denominava-as, certamente, conforme as analogias topograficas de outras terras conhecidas e evocadas das reminescencias das suas viagens anteriores, — no entanto, a mero titulo de curiosidade, pois «*sobre simples homonimias no se puede cimentar nada solido en la historia*», apontarei algumas coincidencias de denominação, que topei no decurso dos meus trabalhos, entre localidades alentejanas e as novas regiões por ele baptisadas, convindo advertir nesta altura que D. Filipa Moniz — com quem casou — era

duma familia oriunda do Alentejo, e que Diogo Gil Moniz — tio materno de D. Filipa — foi reposteiro-mór do infante D. Fernando, senhor de Beja, onde tinha casa.

«A' primeira ilha descoberta no Novo Mundo pôz-lhe Colombo o nome San Salvador, — «a comemoracion de Su Alta Magestad al cual maravillosamente todo esto ha dado» — (S. *Salvador*, paróquia de Beja desde 1306).

«Á segunda ilha encontrada chamou Concepcion, (convento da *Conceição*, fundado em Beja pelo infante D. Fernando, em 1467). e *Sr.^a da Conceição*, nas proximidades de Colos.

«Isla Santa Maria la antigua, (*Santa Maria* da Feira a mais *antiga* paróquia de Beja, que foi mesquita de mouros e cujas memórias mais remotas datam de 1282).

«Isla de San Juan Bautista, (S. *João Baptista*, paróquia de Beja desde 1320).

«Isla San Thiago, (S. *Thiago* Maior, paróquia de Beja desde 1329).

«Isla San Bartolomeu, San Martinho, Santa Cruz, San Miguel, Santissima Trinidad, Santa Luzia, Santa Margarida, Espírito Santo, Nuestra Señora de las Nieves, (S. *Bartolomeu* da Serra, S. *Martinho* das Amoreiras, *Santa Cruz*, S. *Miguel* do Pinheiro, *Santíssima Trindade*, S. *Luzia*, S. *Margarida* da Serra, *Espírito Santo* e *Nossa Senhora das Neves*, povoações no termo de Beja).

«Isla Guadalupe, (*Serra do Guadalupe* que se avista do castelo de Beja, para o lado de Serpa) e *Sr.^a de Guadalupe*, perto da Vidigueira.

«Islas Juana, Cubanancan, Colba ou Cuba (*Vila da Cuba*, ao norte de Beja).

«Castelo Verde foi a primeira fortaleza fundada por Colombo, na América, (*vila de Castro Verde*, ao sul de Beja).

«Tinha o apelido de Esquível o *primeiro* governador da ilha de S. Tiago e, presentemente, há ainda a *rua do Esquível* em Beja.

«Com respeito á analogia de denominação, a cidade portuguesa Beja e seu districto leva a palma á de Pontevedra, como se vê e constata pelo mapa que adiante publicamos! Se a Galiza apresenta *sete* nomes identicos, apenas; o Alentejo ficar-lhe muito superior neste ponto, sem ser necessário incluir as confrarias...

«Diz, também, o ilustre autor do *Cristobal Colon natural de Pontevedra*, que Colombo *no supo el idioma italiano ni el portugués*.

«E' arriscado, porém, fazer uma afirmação dêste quilate sabendo-se, tanto mais, que viajou e conviveu com portugueses, que casou com uma dama da aristocracia portuguesa, que residiu em Lisboa, na Madeira, em Porto Santo e, talvez, nos Açores, etc. Mas o sr. D. Enrique Turull, para afirmar tal, baseia-se em o famoso nauta ter escrito, no seu *Diário de Navegación*, esta passagem:

«... en el Catay domina um principe que se llama Gran Kan, que en *nuestro romance* significa rei de los reis...»

«E, por isto, conclue que o grande Almirante *dice que el castellano és su romance*, que é como se dissesse que a língua castelhana era a sua própria língua, o seu idioma natal. Ora o *Diário*, da primeira viagem de Colombo, que chegou até nossos dias; não é o autêntico, o primitivo, o original, pois foi coordenado por Las Casas, que alterna a sua linguagem com a do navegador. O trecho citado e transcrito pelo sr. Turull, como argumento de pêso, vem precisamente no preambulo, e esse preambulo, acrescentado depois, parece mais do coordenador, pelo estilo do que do próprio punho de Colombo ⁽¹⁾.

(1) V. «Coleccion de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los españoles desde fines del signo XV» por D. Martim Fernandez de Navarrete, vol. 2.º

Mas suponhamos que foi, de facto, o descobridor da America o auctor dessas linhas; elas nada significam para se poder deduzir e afirmar a sua nacionalidade espanhola porque o grande nauta, mesmo como estrangeiro, ao traduzir a frase duma lingua desconhecida para os reis de Castela — aos quais se dirige no preambulo — podia, muito belamente empregar a expressão *nuestro romance* tal qual como o alemão Valentim Fernandes, que escrevendo em português ahi por 1506, as suas *Chronicas das ilhas do Atlantico* — que fazem parte do celebre manuscrito de Munich, de que existe uma cópia na Biblioteca Nacional de Lisboa — empregava periodos como estes;

«*Arvores* nascem nesta ilha da Madeira de muitas sortes e diferenciadas das *nossas* delas e delas não».

«A sua feição é fóra das *nossas arvores*».

«E esta arvore não tem nenhuma feição das *nossas arvores* porém se quer parecer acerca como a cerejeira».

«Toda esta ilha é cheia de *arvores* e diferenciadas das *nossas* salvo figueiras e parreiras que os portugueses lá levarão».

«Das outras aves já todas são da arte das *nossas terras*».

«Ovelhas ha nesta ilha tão grandes como de Portugal, e não teem lan se não no papo, e todo outro é cabelinho curto, como cão de *nossa terra*».

«Mas pelo facto deste estrangeiro, escrever em português, *nossa terra* poder-se-ha deduzir que ele nascera em Portugal? Não, evidentemente. Logo Colombo podia muito bem escrever *nuestro romance* — traduzindo assim essa passagem da carta em latim que recebera de Paolo Toscanelli, — sem que por isso quizesse designar a sua nacionalidade espanhola.

Alegam tambem, os partidarios da naturalidade galai-

ca do imortal descobridor, que ele, numa das suas cartas dirigidas aos Reis Católicos, escreveu isto :

«Llego a un mundo nuevo y bajo un nuevo cielo, y és cosa maravillosa ver las arboledas y frescuras y el agua clarissima y las aves y amenidad que invitan a permanecer contemplando tanta hermosura. Hermosura de la tierra, tan solo comparable con la de la *campiña en Cordoba*, aire embalsamado, puro como el de *Abril en Castilla canto del ruisenor como en España*, montañas en la Isla Juana (Cuba) que parecen llegar al cielo, copiosos e saludables rios, imensa variedad de arboles de gran elevacion con hojas tan reverdecidas y brillantes, *cual suelen estar en España en el mes de Mayo* y siete u ocho variedades de *palmas, superiores a las nuestras* en su belleza y altura... (1)

«Ora estas comparações não servem de argumento porque não comprovam — como pretende o sr. dr. Turull — que o ousado navegador nasceu em Pontevedra; não palpita nelas o espírito nativo — como tenta insinuar o distinto advogado — mas demonstram apenas, muito simplesmente, a necessidade lógica dos confrontos, pois é bem natural que o estrangeiro Colombo evocasse regiões conhecidas dos monarcas de Castela para lhes pintar a beleza das novas terras descobertas. Ilógico e descabido seria êle referir-se, nos seus descritivos, ás regiões portuguesas por onde tinha andado, que a rainha Izabel e o rei Fernando não conheciam. decerto.

«O alemão Valentim Fernandes, que já citei, faz comparações identicas, estabelece os mesmos confrontos, não com o calor exuberante e meridional do célebre nauta, concordo, mas sucintamente, lacónicamente, com o ar frio e

(1) Citação de D. Enrique Turull. V. «*Cristobal Colon natural de Pontevedra*» pag. 159.

rápido dum verdadeiro germânico. Referindo-se á ilha da Madeira diz êle na sua *Chronica*.

«E tem todas as frutas *que ha em Portugal* afóra ce-rejas».

«Dos peixes a metade são diferenciados *dos de Portu-gal*».

«Escrevendo em português, e para portugueses, não seria risível que êste cronista se puzesse a evocar a sua pátria alemã? Ora Cristovam Colombo seguiu a mesma orientação, muito naturalmente.

«Mas o descobridor da América, ao referir-se ás belezas de Maio e ao canto do rouxinol, designa a Espanha, em absoluto, e nesta comparação pode abranger Portugal, também, onde canta o rouxinol e Maio reverdece deslumbrantemente. E' muito possivel que até fosse esse o seu fim, que tivesse isso exclusivamente em vista, atendendo a não ter determinado nesse ponto região alguma de além-fronteiras, e ter baptisado uma das ilhas descobertas com a significativa denominação de *Espaniola*.

«Os escritores portuguezes, antigos, usavam então muito essa designação exclusiva para indicar toda a península Ibérica.

«O cronista-mór Damião de Gois, aludindo á fauna de Sintra, deixou escrito :

«...ha nela muita caça de veados, e outras alimarias, e sobretudo muitos, e muito boas frutas de todo o genero das que *em toda Hispanha* podem achar...»

«E, referindo-se á chegada de Vasco da Gama a Calcut, por ocasião da sua primeira viagem á India, esclarece melhor :

«...até que forão dar com dous mercadores de Tunez

dos quaes hun per nome Monçaíde fallava castelhano, que em o degradado entrando pola porta da casa, *conhecendo no traje que era Hispanhol* lhe perguntou *de que nação da Hispanha era*, e sabendo que *portuguez* lhe mandou dar de comer...» (1).

«Por argumento supremo, por prova irrefutável, — segundo a opinião do ilustre advogado — há, ainda, os documentos de 1413 a 1529, escritos em galego, onde o apelido de Colon aparece frequentes vezes, que desfralda nas páginas do seu livro como uma bandeira vitoriosa mas... nuns *fac-similes* tão apagados e tão reduzidos que é impossível lêr-se alguma coisa!...

«Ora se na escritura de 14 de Outubro de 1495, que cita, se fala em «la heredad de Cristobal de Colon — *el proprio Almirante*, como afirma, — e se tal Cristobal Colon era, de facto, o descobridor do Novo Mundo com propriedades em Pontevedra, como poderia ele declarar-se estrangeiro, em Castela, e escrever em 1498, um documento oficial:

«La dicha ciudade de Genova, de donde yo sali y donde yo naci...»

quando havia muito já que a fama de seu nome enchia o mundo inteiro e... até mesmo a própria Galiza?!

«Mas nos documentos de Pontevedra aparece, também, o apelido *Fonterosa* — que o sr. dr. Turull diz ser o da mãe de Colombo. Ora foram os modernos genealogistas italianos que tendo descoberto uma Suzana *Fontanarrossa*, casada com um tal Domenico Colombo, *supuzeram* que devia ser a mãe do denodado marinheiro.

(1) «Chronica de el-rey Don Emanuel» primeira parte, cap. XXII e XXXIX; respectivamente.

«E assim, o distinto advogado galego, pretendendo refutar a nacionalidade italiana do descobridor da América, contradizendo-se, vai insensivelmente... seguindo os italianos!»

Quando publiquei o que deixo transcrito nos «*Trabalhos da Academia de Ciências de Portugal*» ainda não tinha sentido a exalação acre da mentira, ainda me não tinha ferido o olfato o bafo nauseabundo da fraude estupefahante!... Os *famosos documentos* de Pontevedra teem uma história nojenta que repugna aos historiógrafos sérios e aos investigadores honestos.

O meu presado amigo e consócio da Academia sr. Óscar de Pratt teve a extrema gentileza de me chamar a atenção para o «*Informe que presenta a la Real Academia Galega de la Corunha el individuo de numero D. Eladio Oviedo y Arce, sobre el valor de los Documentos Pontevedreses, considerados como fuente del tema Colon Español, propuesto primeramente por D. Celso Garcia de La Riega, y ahora renovado por sus continuadores*», trabalho monumental de crítica, erudição e desassombro. publicado no n.º 122, ano XII, do *Boletim* da mesma Academia, de 1 de Outubro de 1917.

Ainda há galegos honestos, felizmente, e entre eles deverá incluir-se, para o futuro, o saudoso Oviedo y Arce, benemérito da História. Com uma honestidade muito de louvar, o escrupuloso paleógrafo analisou, com a maior atenção e cuidado, os *famosos documentos* de Pontevedra e: com uma honestidade muito mais de louvar ainda, veio dizer, alto e bom som, com desassombro, com altivez, sem reboço, que êsses *documentos famosos* tinham sido falsificados, velhacamente.

Pois é verdade, e causa náuseas, Garcia de La Riega — que o sr. dr. Arribas e Turull enalteceu na Sociedade de Geografia de Lisboa, como sendo o primeiro investigador do seu paiz — era, simplesmente, um *falsario*! Nos manuscritos antiquíssimos de Pontevedra ele raspou, modificou,

substituiu o que muito bem quiz para dar vulto á sua teoria da naturalidade espanhola de Colombo.

Portanto os *famosos documentos* de Pontevedra são nulos, inúteis, para a solução do problema colombino, porque *no son colonianos, puesto que han sido falsificados en los passages referentes al tema de aquella teoria y carecen, por lo tanto, de todo valor historico en cuanto fuentes del tema Colon Español*, segundo diz Oviedo y Arce.

Relativamente ás obras de Garcia de La Riega, informa o mesmo auctor:

«El libro Colon Español» en que este tema se expone, no és más que una pobre ficcion, una supercheria, que solo por la dañesca a la cultura regional, merece ser desenuasagrada para aviso de los unos y ridiculizada para exemplo de los otros».

«La Gallega, nave capitana de Colon, otro libro de Garcia de La Riega con ciertas infulas de original, representa una nueva faceta de la personalidad literaria de este autor quien pretendiendo tratar su tema, a fuer de investigador sereno, que antepone los documentos a la erudicion libresca resulta, no un cientifico, como pedria creerse, si no un «invencionista». «La Gallega» no és una obra historica; és una ficcion amañada con documentos sospechosos y documentos falsificados».

Desmascarada assim a intenção velhaca de Garcia de La Riega por um seu compatriota, perdem todo o interesse documental os *famosos documentos* de Pontevedra, estragados de resto, pelas alterações e retoques do falsificador que os inutilizou até para a própria história da sua terra.

Perante este fracasso de falsificação da Historia, as pretensões galegas á solução do problema colombino desfizeram-se em terra, pó, cinza e nada...

Mas não merece a pena occuparmo-nos por mais tempo de coisas torpes...

II

COLOMBO CONSPIRADOR?!...

Se a individualidade heroica de Cristovam Colombo é fulgorantíssima, a sua personalidade íntima é, porém, muito tenebrosa.

Este homem superior — que era um persistente, um obstinado, um tenaz, oferece o fenómeno pouco trivial do génio inato.

A sua decisão inabalável em levar a efeito a descoberta, teve todos os característicos mórbidos dum grande caso de impulsivismo místico.

A sua viagem reveladora foi uma alucinação maravilhosa.

Nenhum homem célebre teve, como ele, a previsão do seu destino; nenhum outro se submeteu, com ar mais resignado, aos designios imperiosos do fatalismo.

Foi sobretudo a Fé, a sua singular fé ardente, o grande motivo moral que o impeliu através do Oceano para as regiões ignotas porque Colombo julgava-se um predestinado, um iluminado do Espirito Santo ⁽¹⁾.

(1) Cristóvam Colombo escreveu uma obra muito curiosa, que deixou inédita, intitulada — *«Libro de las Profecias»* — onde se jactava de ter sido escolhido do Céu para descobrir o Novo Mundo; nesse livro de pseudo-revelação divina há periodos interessantissimos como, por exemplo, estes dois:

«Quien dubida que esta lumbre no fue del Espirito Santo, asi

Mas o descobridor do Novo Mundo apesar de ser um espirito abertamente crente, foi tambem, uma criatura excessivamente misteriosa, pois occultou sempre os seus antecedentes, não revelando nunca a sua pátria verdadeira, nem a sua verdadeira familia aos seus amigos de Castela, parecendo até que quanto mais subia em dignidades *tanto menos conocido y cierto quiso que fuese su origen y patria*, como o declara seu filho illegitimo, Fernando, que não sabia ao certo, tambem a naturalidade e ascendencia de seu pae.

Ora é pela análise sintética do character misterioso de Colombo — servindo-me, é claro, dos documentos históricos, — que eu vou tentar resolver o problema da sua nacionalidade.

Em Portugal, que me conste, não ha em cronistás nem

como de mi, al cual com rayos de claridad maravillosa consoló con su santa y sacra Escltura a voz muita alta y clara con 44 libros del Viego testamento, y 4 Evangelios con 23 epistolas daquellos bienaventurados Apostolos avivando-me que yo proseguiese, y de contino sin cesar un momento me avivan com gran priesa?»

«...e digo que no solamente el Espirito Santo revela las cosas de por venir á las criaturas racionales mas nos las amuestra por señales del cielo, del aire y de las bestias quando le aplaz».

Como se sabe a prioridade da descoberta da America foi-lhe contestada pelos seus proprios contemporaneos que a atribuiam a um piloto náufrago que lhe fornecera elementos a ponto de ele poder efectua-la, mais tarde, como ideia exclusivamente sua. Essa insinuação absurda, que tinha em vista obscurecer o mérito do grande navegador, criou raízes no seu tempo tanto que ele escreveu o «*Livro das Profecias*» para se justificar e fazer emudecer os seus detractores, procurando demostrar que a previsão da descoberta lhe fôra sugerida pelo proprio Espirito Santo. Ainda hoje, em Portugal, quando alguém efectua alguma cousa imprevista cuja decisão subita é posta em duvida, parecendo ter sido anteriormente segredada por outrem, se diz com ironia: — «*Parece que teve Espirito Santo... de orelha!*» ¿Remontará a origem desta frase ao tempo de Colombo?

em documentos inéditos, referencia alguma aos *Colombos*, italianos, ou aos *Colons*, espanhóis.

Rui de Pina no cap. CLXIV, da *Chronica del Rey* D. Affonso V, alude apenas, a um famoso corsário francês, chamado *Cullam*, que tendo feito reverencia a D. Afonso V em Lagos, o ajudou na defesa de Ceuta contra os mouros.

Rui de Pina e João de Barros só se referem a Cristovam Colombo pelo feito que o celebrizou, mas duma forma muito breve, muito vaga, acentuando, porém, este ultimo historiador, — que *ele era esperto, eloquente, e bom latino e mui glorioso em seus negocios*.

Historicamente sabe-se que o descobridor da América casou com uma dama da aristocracia portuguesa de quem teve um filho, Diogo Colombo, e que, acompanhado dêste, abandonou Portugal dirigindo-se a Huelva, parece que de maneira oculta, como um fugitivo, mas desconhecem-se os motivos verdadeiros porque assim procedeu.

Eu vou procurar explicar; pelo lado mais racional, esta sahida misteriosa de Colombo do nosso país — baseando-me, exclusivamente, na teoria das hipoteses, onde, de resto, se tem baseado, tambem, toda a enorme bibliografia colombina, como é notório.

Consta que o denodado nauta—irritado contra D. João II —saíu de Portugal, ás escondidas, pobremente vestido; mas a data dêste facto não é determinada, com precisão, pelos historiógrafos indicando uns um ano e outros outro, hipotéticamente.

Vejamos se se poderá fazer luz sôbre êste obscurecido ponto.

Segundo Fray Bartolomeu de Las Casas o descobridor do Novo Mundo, encontrando-se na ilha Espaniola, escreveu uma carta aos reis de Castela—carta que reproduz na sua *Historia general de las Indias*—onde, entre outras coisas diz o seguinte, referindo-se á descoberta:

Ya saben vuestras Altezas que anduve *siete años* en su còrte importunandoles por esto.»

Ora Colombo embarcou para a sua primeira viagem em 3 de Agosto de 1492, no porto de Palos ; retrocedendo sete anos, desde 1492, dá a data 1485 ano em que, evidentemente deu entrada aos domínios de Isabel, a católica (1).

Navarrete, nos *Documentos Diplomaticos*, publica uma carta do duque de Medinaceli, escrita em 19 de março de 1943, e dirigida ao gran cardeal de Espanha para que este peça á rainha autorização para ele poder enviar, cada ano, duas caravelas suas ás novas terras descobertas por *Cristobal, Colomo*, como lhe chama, *que se venia de Portugal y que se queria ir al Rey de Francia para que se emprendiesese de ir a buscar las Indias*.

Alega o duque, para justificar a pretensão, os seus serviços anteriores á corôa, nesta passagem interessante da carta :

«... a mi cabeza y por yo deternerle en mi casa *dos años*, y haberle enderezado á su servicio, se ha hallado tan gran cosa como esta».

Referem alguns historiadores que D. João II regeitara as propostas de Colombo, depois de ter mandado analisá-las pela junta dos cosmógrafos do reino, que se pronunciou contra a empresa, mas parece mais crível que o monarca se não conformasse com o que o navegador exigia para si pela descoberta pois entre outras recompensas pre-

(1) O historiador Bernaldez chega mesmo a indicar o dia:—20 de Janeiro do referido ano. Las Casas porém diz que ele fugiu de Portugal em fins de 1484 ou principios de 1485, enquanto que Hernan Colon afirma que essa fuga foi em fins de 1484.

tendia ele ser almirante e vice rei das novas regiões que encontrasse na sua viagem.

Ora no dia 3 de março de 1483, Fernão Dulmo (Ferdinando van Olm), capitão da ilha Terceira (Açores), foi autorizado por D. João II a tentar a descoberta das fantásticas *ilhas das sete cidades e terra firme*, que se imaginava que ficassem para o poente, no rumo ocidental do Atlântico ⁽¹⁾.

E' natural que esta autorização do rei descontentasse Colombo ao ter conhecimento do facto, e dahi se tornasse inimigo figadal do monarca, colocando-se ao lado dos partidarios do duque de Bragança, D. Fernando — que conspirava então contra a soberania real — isto motivado pelo despeito de ter sido preterido em beneficio de outro, ou por promessas de ante-mão feitas de poder realizar a planeada descoberta logo que este fidalgo conseguisse os seus fins.

Mas a conspiração foi descoberta a tempo, por uma casualidade, e o rei informado dela por denuncia.

Os conjurados trataram de salvar a vida passando a fronteira, fugindo para Castela, França e Inglaterra; e o Bragança, descoberto, foi imediatamente preso, julgado num processo sumario, e executado no cadafalso de Evora a 21 de junho de 1483.

Entretanto fôra descoberta uma outra conspiração da

(1) Posteriormente, associou-se com João Afonso do Estreito, escudeiro, morador na Madeira, sendo em Lisboa sancionado o seu contracto para este fim, pelo mesmo monarca em 24 de Julho de 1486. Deviam ser equipadas duas caravelas para largarem da Ilha Terceira em 1 de Março de 1487. Parece que nunca se levou a efeito a viagem, porque desta tentativa nada se sabe.

Virá daqui a origem dessa lenda — referida por alguns historiógrafos de que D. João II tendo simulado regeitar as propostas de Colombo por inexequíveis, mandara, secretamente, caravelas suas em busca das terras occidentais ?

nobreza. Em 23 de agosto de 1484, D. João II apunhala, em Setubal, o duque de Vizeu, tido como chefe da conjura. Novas prisões, nova revoadas de fugitivos para além-fronteiras. Mas desta vez o ouro soberano paga, largamente, o punhal dos sicarios, o veneno dos facinoras. Ai! dos que fossem indigitados pelos espiões do rei! Nem o proprio paiz estranho valia de refugio, nem a propria terra estrangeira evitava a morte violenta! Como uma maldição, seguia os fugitivos, cheios de pavor, galopando deante da morte, esta praga condenatoria do monarca: *Quizeste matar-me?! Morrerás...* E o *Príncipe Perfeito* executava na perfeição, pela Europa, fóra, a caça ao homem...

Afim de evitar o odio vingativo do rei, que os perseguia por toda a parte, muitos dos exilados tiveram de usar o velho estratagema de mudar de nome, o que nem sempre surtia efeito como succedeu a um dos fidalgos exilados que tendo conseguido passar os Pirineus, sob um suposto apelido francês, mesmo assim foi reconhecido e apunhalado em Avinhão.

É muito natural, pois, que o futuro descobridor da América houvesse de usar do mesmo estratagema. para segurança pessoal, fazendo-se passar por genovês, auxiliado um tanto pelo seu fisico de homem de tez rosada e cabelo louro conseguindo chegar até casa do duque de Medinaceli, na Andaluzia, sem ser apanhado na fuga e onde se conservou occulto durante dois anos, enquanto os ares andaram turvos para os que haviam podido escapar-se de Portugal a tempo e a salvo.

Foi na mesma casa protectora de Medinaceli que meses antes se acolhera, tambem, o refugiado politico português D. Afonso, conde de Faro. irmão do Bragança executado em Evora, para escapar á vingança que D. João II jurára á nobreza conspiradora, porque uma sua filha era casada com o duque.

E, assim, comeram ambos o pão amargo do exílio sob o mesmo tecto andaluz : o fidalgo português de ascendência nobre — conde, irmão dum duque e sogro doutro duque — e o mísero plebeu foragido que, mais tarde, anos depois, havia de dar um Novo Mundo ao mundo !

Pelo que deixo exposto não é arriscado concluir-se que Colombo era cúmplice na conspiração contra D. João II, e tanto assim parece que a seguinte carta, encontrada após a sua morte entre os seus papeis, é bem significativa porque tem todo o teor dum salvo-conduto, concedido a quem tinha culpas muito graves no cartório régio :

«A Cristovam Collon, noso especial amigo em Sevilha».

«Cristoval Colon :

«Nós Dom Joham per graça de Deos Rey de Portugall e dos Algarves, daquem e dallem mar em Africa, Senhor de Guinee vos enviamos muito saudar. *Vimos a carta que nos escreveste e a boa vontade e afeição que por ella mostraes teerdas a nosso serviço.* Vos agradecemos muito. E quanto a vosa vinda cá, certa, assy pollo que apontaes como por outros respeitos para que a vossa industria e bõo engenho nos será necessário, nós a desejamos e prazer-nos-ha muyto de vyrdes porque em o que vos toca se darà tal forma de que vós devaaes ser contente. *E porque por ventura teeres algum reço das nossas justiçaes por razam dalgumas cousas a que sejaaes obrigado.* Nós por esta nossa Carta vos seguramos polla vinda, estada, e tornada, que não sejaaes preso, reteudo, acusado, citado, nem demandado por nenhuma cousa ora que seja civil ou crime, de qualquer qualidade. E pella mesma mandamos a todas nosas justiçaes que o cumpram assy. E portanto vos rogamos e encommenda-

mos que vossa vindo seja loguo e para isso non tenhaaes pejo algum e agradecer-vo-lo-hemos e teremos muito em serviço. Scripta em Avis a vinte de Março de 1488.

EL-REY». ⁽¹⁾

Por este salvo-conduto de D. João II póde vêr-se que o monarca não se dirigia a um *genovês* e sim a um vassalo seu que residia no estrangeiro por «*reção de nossas justiças*».

E' muito para lastimar que a carta de Colombo se tivesse extraviado no nosso Arquivo Nacional, pois talvez ela esclarecesse o *reção* a que o rei se refere...

Assim, esta carta do rei de Portugal — confrontada com a de Paulo Toscanelli, de 1474, — explica, duma maneira bem clara, o motivo porque o célebre cosmógrafo de Florença chamou português a Colombo, tendo-lhe sido feita a apresentação deste pelo *italiano* Giraldi; Giraldi que, evidentemente, devia conhecer a verdadeira nacionalidade do individuo de quem fazia a apresentação indicou-a, decerto, a Toscanelli pois só assim se explica a razão dos elogiosos

⁽¹⁾ V. o texto desta carta em Navarrete «*Coleccion de los viajes y descubrimientos*» etc., e em Teixeira de Aragão, «*Memoria acerca do descobrimento da America*», 1892. Luciano Cordeiro, que a transcreveu a pág. 17 do seu opúsculo «*De la decouverte de l'Amerique*», 1876, anota-a nestes termos: «*Cette lettre n'est pas une invitation comme l'ont dit toutes les biographes de Colomb. C'est, au contraire, une acceptation*». Anteriormente assim o notára também, Pinilla designando-a por «*acceptation obligeante*». Henri Vignaud, nos *Nouvelles etudes critiques sur la vie de Christophe Colomb*, Paris, 1911, pag. 678, reprodu-la em *fac-simile*, sendo a autenticidade deste documento garantida pela analyse paleografica do distintissimo conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, sr. Dr. José Pessanha.

termos da carta do sábio, enaltecendo a nação portuguesa e os seus homens mais ilustres entre os quais incluye também Colombo o qual — se bem que já manifestasse disposições de navegar para o Ocidente — vivia ainda em Lisboa, muito modesto e obscuro. (1)

Logo o nauta imortal que descobriu a America era um português ao serviço da Espanha — como Fernão de Magalhães, Faleiro, João Serrão, Duarte Barbosa; e outros — para honra e gloria da nossa patria, para maior celebridade da nossa terra de heroes do mar, de descobridores intrépidos, de navegantes arrojados, que — sulcando os Oceanos em todos os rumos — foram levar aos confins do mundo a emissão sonora da sua linguagem fortemente nasalada, o fervor rútilo da sua grande fé cristã, e a rútila corroboração do seu génio ousado!

(1) V. o texto da referida carta na obra de Hernan Colon, *Vida del Almirante*. e nas notas da *História Universal* de César Cantu, tradução de Bernardes Branco.

III

COLOMBO PORTUGUÊS

Mas a nacionalidade portuguesa de Cristovam Colombo — afirmada pela carta de Toscanelli e confirmada pela de D. João II — é esclarecida, ainda, por outros pontos comprovativos, por factos historicos que vou enunciar transcrevendo, primeiramente, para elucidação preambular das minhas deducções o que diz o ilustre escritor J. A. Coelho na sua eruditissima obra «*Evolução geral das sociedades ibericas*» :

«... é lusa e bem lusa a ideia, levada definitivamente á pratica, de uma navegação atlantica, scientifica, systematicamente realisada, e tendo por objectivo — numa primeira phase devassar os mysterios do Oceano, e numa segunda, relacionar o Lavante e o Ocidente, e portanto, substituir por uma nova linha de comunicabilidade de character atlantico a simples arteria de character mediterraneo que se alargava, passando pelos desertos, desde o Indus ás Columnas de Hercules. Esta concepção, verdadeiramente nova, de character aventuroso e essencialmente maritimo, *nunca poderia sahir do cerebro dum castelhano*, pois estava isolado na cerrada continentalidade do seu planalto... *Na Peninsula, só a podia crear o Lusitano, porque occupava uma situação ver-*

dadeiramente insular... franca e largamente atlantica... Por isso, apesar da América ter sido descoberta por um homem de genio ao serviço de Castela, *não foi do cerebro do Castelhano que despontou essa ideia;... creada sob a influencia da alma lusa*, levaram-lh'a de fora, encontrou mesmo por parte do genio castelhano dura e intransigente opposição e, francamente aceite, só o foi por uma mulher superior — a grande Isabel, a qual *bisneta do grande Mestre de Avis*, era de alguma maneira a nobre e digna *representante do genio luso* em terras de Castela». (1)

Posto isto, vejamos pois.

O maior amigo de Colombo, em Castela, o seu grande amigo intimo mesmo, foi um frade português que, se estava de posse do segredo confidencial da descoberta, havia de estar, evidentemente, bem informado tambem sobre a verdadeira personalidade do descobridor do Novo Mundo.

E' pena que nada deixasse escrito sôbre o assunto esse modesto franciscano, que os historiôgrafos teem confundido com outro religioso chamado frei João Perez, quando afinal as suas entidades são perfeitamente distintas.

Colombo — numa carta endereçada aos monarcas de Castela — referiu-se a este seu dilecto amigo duma forma que, de futuro, destruirá todas as duvidas que ainda prevaleçam no espirito indeciso dos investigadores :

«Ya saben vuestras Altezas que anduve siete anos en su côrte importunandoles por esto; nunca en toda este tiempo se halló piloto ni marineiro, ni filosofo, ni de otra ciencia que todos no dijesen que mi empreza era falsa; que

(1) V. *Historia da Literatura portugueza, segunda epoca: Renascença*, pág. 20-21, Porto, 1914, por Teófilo Braga.

nunca yo hallé ayuda de nadie salvo de *Fray Antonio de Marchena*, después de aquella de Dios eterno» ⁽¹⁾

A opposição singular que o navegador encontrou na corte de Isabel, a católica, — especialmente dum cortesão de grande influencia e muito devotado ao soberano português,

(1) «Todo esto engendró nueva ansia y golosina en Cristobal Colon (que de suyo era, aunque pobre, de anima alentado, para emprender este descubrimiento, pero no tenia el con que executarlo. Aviendo se aconsejado cõ su hermano Bartolomé Colon, y con uno *Relegioso llamado Fray Juan Perez de Marchena*, del Monasterio de la Rabida del Orden de San Francisco, *Português de nacion*, que sabia algo de Cosmografia y con parecer y acuerdo suyo fué a valerse del favor del Rey don Juan de Portugal, que no lo oyó como el quiera...», etc. V *Historia general de la Orden de Nuestra Senora de la Merced*, vol. 2.^o, cap. VI pág. 89, por Frei Alonso Remon, mercenário.

Neste cronista monástico o nome do frade Marchena não condiz com o dos seguintes documentos, mais antigos, que confirmam o da carta de Colombo, com todo o rigor:

«Nos parece que seria bien llevasedes con vos un buen estrologo y nos parescio que seria bueno para esto *Fray Antonio de Marchena*, porque és buen estrologo, y *siempre nos paresció que se conformaba con vuestro parecer*».

V. «*Carta mensajera*», dirigida pelos reis católicos ao Almirante em 25 de setembro de 1493, dando-lhe várias instruções para a sua segunda viagem ao Novo Mundo, publicada, nos «*Documentos Diplomáticos*», por Navarrete.

Las Casas — na sua «*Historia general de las Indias*», parte 1.^a, cap XXXII, diz também:

«Segundo parece por algunas cartas de Cristobal Colon escritas por su mano (que yo he tenido en las mias) á los Reys desde esta isla Espaniola, un *relegioso que habia por nombre Fray Antonio de Marchena*, fué el que mucho le ayudó, á que la Reyna se persuadiesse y *aceptasse la petition*. Nunca pude hallar de que Orden fuese, aunque creo que fuese de San Francisco, por cognoscer que Cristobal Colon después de Almirante siempre fué devoto de aquella Orden. Tampoco pude saber quando; ni en qué, ni como le favoreciese ó que entrada tuviera con los Reys el ya dicho *Padre Fray Antonio de Marchena*».

Hernando de Talavera, — afim de lhe ser concedida autorisação para o seu empreendimento, é bem sintomática; D. João II sabia tudo quanto se passava em Castela, dentro e fóra da côrte; refere Rezende que a espionagem diplomatica paga pelo ouro português, era exercida até pelos próprios castelhanos de destaque em cargos officiais do Paço, «*de quem recebia muitos avisos bem necessarios a seu serviço e estado e ao bem de seus reinos*» e «*todoslos conselhos e segredos lhe eram descobertos primeiro que nenhuma coisa se fizesse*». Desta fórma se explica que, tendo sabido que um piloto e dois marinheiros da carreira da Guiné se haviam ausentado do reino afim de irem oferecer os seus serviços a Castela, mandasse, pelos seus espias, apunhalar os marinheiros no caminho e trazer preso a Portugal o piloto que foi enforcado em Evora, para exemplo de futuros traidores á patria.

Mas a despeito da opposição tenaz aos projectos de Colombo, opposição que durou anos seguidos, como se sabe, sempre e sempre mais cheia de embaraços de toda a ordem a viagem foi autorizada, por fim, e o descobridor fez-se ao mar sob o patrocínio de Isabel, a católica. òOra o ousado nauta poude, afinal, partir da Peninsula para efectuar a descoberta a que se tinha proposto, porquê?

«... porque nesse tempo — é o cronista Garcia de Rezende quem esclarece, — *entre os Reys de Portugal e Castella houve causas e cousas que pareciam de quebra*; El Rey alem das lianças que com França mostrava mandou no reino e fora dele fazer grandes e dissimulados apercebimentos que para se segurar da guerra que desejava escusar. por causa da sua doença, muito lhe aproveitaram». (1)

(1) V. Chronica de D. João II, respectivamente, cap. CLXIV, CLXVIII e CLXIX.

No entanto, dias antes do embarque em Palos, os reis de Castela tinham mandado apregoar pelos seus estados que as caravelas que iam enviar-se ás Indias não podiam tocar em portos portugueses, aviso este que tanto poderia ser para salvaguarda dos nossos interesses do povo vizinho e evitar complicações previstas como para obstar a uma deslialdade de Colombo de que, de resto, não se livrou da fama, como as suas cartas posteriores o demonstram, suficientemente, muito em especial aquela que dirigiu a Dona Juana, ama do principe D. Juan e irmã de Pedro de Torres, secretario da rainha Isabel, a católica :

«Yo creo que se acordará vuestra merced quando la tormenta sin velas me echó en Lisbona, que fui acusado falsamente qué habia ido ya allá al Rey para darle las Indias. Despues supieron sus Altezas al contrário, y todo fue com málicia. Bien que yo sepa poco: no sé quien me tenga por tan torpe que yo no conozca que aunque las Indias fuesen mias, que yo no me pudiera sustener sin ayuda de Principe.»

Mas, apesar da recomendação proibitiva dos soberanos, Colombo — no regresso — aportou, *intencionalmente*, a terras portuguesas. Em 18 de fevereiro de 1493 fundeou nos Açores, no pôrto de S. Lourenço da Ilha de Santa Maria, onde foi pagar uma promessa que fizera à Virgem durante a viagem, a uma capelinha rústica, edificada sobre a rocha, sobranceira ao Oceano vasto que a sua caravela vinha de sulcar pela segunda vez. Depois, approando novamente à terra portuguesa, entrou a barra de Lisboa a 4 de março, subiu o Tejo, fundeou em frente do Restelo, e foi visitar D. João II — a Vale de Paraíso — que o hospedou durante três dias, presenteando-o, à despedida, com uma mula como sinal de distinção. E só a 13 de março é que levantou ferro

para se ir a Sevilha levar, aos castelhanos, a notícia estrondosa do seu feito épico.

Não foram apenas os súbditos de Isabel, a católica, que tiveram a honra insigne de ir descobrir o Novo Mundo, nas caravelas capitaneadas pelo glorioso nauta. Colombo quiz levar portugueses consigo, também. Ao certo, não se sabe quantos teriam ido mas numa relação incompleta da equipagem, que chegou até nossos dias, figuram os nomes de dois grumetes, compatriotas nossos, que a imortalidade bafeje:

JOÃO ARIAS

filho de Lopo Arias — de Tavira —

e

BERNALDIM

criado de Afonso, marinheiro do piloto
João Rodrigues de Mafra

Relatando uma transação comercial com os naturais, quando da sua chegada a S. Salvador, escreveu Colombo aos soberanos de Castela: «Vi dar 16 ovillos de algodón por *tres ceotis de Portugal*, que és una blanca de Castilla...». O *ceotil* (nome derivado de Ceuta), foi mandado cunhar por D. João I, exclusivamente, em comemoração da primeira empresa marítima dos portugueses à Africa em 1415, de que resultou a conquista daquela praça mourisca para o nosso domínio. O facto de Colombo consignar êste episódio da sua *primeira viagem* — em que figura a pequena moeda comemorativa portuguesa, tem o seu quê de significativo...

Realmente, Colombo só deixou ficar à posteridade escritos seus em latim e em castelhano; mas, nos escritos castelhanos que dêle nos restam, a mais superficial análise revela logo que a ortografia de muitos termos é *aportugue-*

sada, que bastantes vocábulos são, a rigor, da *nossa lingua*, e que a construção sintáctica — como ela era então por êsse tempo — é, positivamente, *lusitana*.

Colombo, que possuía a crença sincera e fervorosa do português do tempo das descobertas, tinha uma devoção especial com o Espírito Santo. Tendo-se em vista o quanto as impressões subjectivas dos primeiros anos actuam na alma plástica, no espírito dúctil, das crianças isto parece até que vincula, etogénicamente, a sua naturalidade portuguesa. A festividade dos Açores — a mais antiga, a mais tradicional, — é a do «*Divino Espírito Santo*», que teve a sua origem primitiva na ilha de Santa Maria, onde a divinizada pomba tinha uma capela sob a sua invocação e festejos anuais de grande pompa, isto já ao tempo da descoberta da América. Se foi, efectivamente, à ermida do Espírito Santo, da ilha de Santa Maria, que Colombo foi orar, no dia 18 de fevereiro de 1493, quando regressou da primeira viagem ao Novo Mundo, este desembarque em terra portuguesa tem o seu não sei quê de significativo e revelador...

No descritivo das suas viagens ao Continente Novo êle extasia-se perante as belezas emocionantes da Natureza, exaltando a frescura convidativa das sombras dos arvoredos, o pitoresco das encostas alcantiladas, a elevação soberba das montanhas colossais, a fragancia penetrante das flores e o canto melodioso dos passarinhos. Isto caracteriza, profundamente, a alma lírica do lusitano, o espírito contemplativo do português, navegador e poeta.

Quando a má fé dos hespanhoes o intrigava com mais bravio furor e maior hostilidade, não lhe permitiram desembarcar na ilha Espaniola nem sequer fazer concertos nos seus navios avariados pelas tormentosas rotas dos mares

ocidentais que êle, pelo seu génio luminoso, lhes dera. Naufragou na Jamaica e, após ter pedido, com uma ansiada insistência, várias e repetidas vezes socorros à colónia daquela outra ilha, o governador resolveu-se, afinal, a atendê-lo e enviou-lhe, como víveres, *um porco pequeno e um barril de vinho*, que mandou pôr no meio da praia, recomendando muito que ninguém da sua gente comunicasse com os companheiros do desventurado nauta e, em especial, com ele. Êste gesto infame dos castelhanos demonstra um ultrage feito a um compatriota nosso, pois é sabido que já por êsse tempo portugueses e espanhoes se assacavam, mutuamente, o epíteto depreciativo de *marranos* (judeus). E, por isso, escarnicadores, lhe enviaram a *cuba* de vinho e o animal excomungado em que o israelita não pode tocar.

Dahí, a razão de Colombo consignar, no seu «*Diário*», esta frase dolorida, referindo-se a si próprio: — O que te está sucedendo agora é a recompensa dos **serviços que prestaste a outros amos**». *Outros amos* são os reis de Castela, porque o seu *verdadeiro amo* era o rei de Portugal.

E, por essa ocasião, escreveu também: — «Quem, depois de Job, não morreria de desespero ao vêr que, apesar do perigo que corria a minha vida, a de meu filho, a de meu irmão, a dos meus amigos, nos vedavam *a terra e os portos descobertos a preço do meu sangue?*»

A preço do seu sangue?!... Sim, a preço do seu sangue, porque, tendo-se insurgido contra a autoridade do seu legítimo rei, D. João II, tivera necessidade de se mascarar de genovês para salvar a vida e evitar a vingança do monarca, mas vendo sempre ameaçadoramente, na alucinação remordente da sua deslealdade, o punhal homicida dos espias.

No entanto, reconforta-o a esperança da justiça póstuma, a certeza da futura imortalidade: — Quando chegaste

a uma idade conveniente, *Deus encheu maravilhosamente toda a terra com a fama do teu nome, e o teu nome tornou-se célebre entre os christãos*». Nada receies, tem confiança. *Todas estas tribulações estão escritas no mármore e não são sem motivo*».

Era a submissão heróica da raça portuguesa que palpitava nele, essa heróica submissão ao fatalismo do lusitano verdadeiro, essa resignação piedosa perante a fatalidade vendo, unicamente, no que lhe acontecia, a interferência súbita de Deus onisciente, o dedo justo da Providência impondo um desígnio inexorável. No seu brado vibra a a força máscula, o belo estremecimento nervoso que ainda anima o português aventureiro de hoje, quando pretende arrojar-se a um lance perigoso de que possa sobrevir o fim da vida: — *Morra o homem e fique a fama!*

Mas, dir-me-hão: Se Cristovam Colombo era, realmente, português, porque motivo consignou, então, num documento oficial, escrito em castelhano, a sua naturalidade genovêsa, naturalidade que, de resto, a maioria dos seus biógrafos tem aceitado como verídica?!...

Ora, nesse documento — a instituição de um morgadio — que tem servido, esplendidamente, as pretensões italianas, encontra-se, apenas, a declaração singular *de haver saído* de Génova e *ter nascido* nela, frase algo confusa, com o seu tanto ou quanto de desnorteante, de reservado, de obscuro, visto que Hernan Colon, biógrafo e historiador de seu pae, afirma que *ele quiz que fosse desconhecido e incerta a sua origem e patria*.

Portanto, Colombo, sistematicamente, obstinadamente, envolveu-se num mistério, guardando de si para comsigo toda a verdade ácerca dos seus antepassados, não se referindo nunca a seus paes tanto nos seus escritos como nas conversas com os seus amigos mais íntimos da côrte de Isabel, a católica. Até a sua própria família castelhana —

de parte de D. Beatriz Enriquez de Córdoba, sua amante — ignorava onde ele tinha nascido, porque, se para alguns dos membros dessa família, era considerado como natural de Saona, para outros a dúvida prevalecia na mesma, pois, tendo-se efectuado umas pesquisas, após o seu falecimento, para se determinar, com rigor, a sua verdadeira naturalidade, o irmão de D. Beatriz, Pedro de Arana, de quem fôra grande amigo, declarou singelamente, diante de testemunhas, no seu depoimento: *que ouvira dizer que Cristovam Colombo era genovês, porém que não sabia ao certo de onde ele era natural.*

A incerteza dessa naturalidade prevalecia também no filho de Beatriz, Hernan Colon, pois manifesta desconhecê-la em absoluto quando diz na *Vida del Almirante*:

«De forma que quando a sua pessoa se viu adornada de tudo quanto precisava para realizar tão grande feito, tanto menos conhecido e certo quiz que fosse a sua origem e patria, pelo que alguns, que de maneira alguma pretenderam obscurecer a sua fama, dizem que foi natural de Nervi, outros de Cugureo, outros de Buggiasco, aldeólas perto de Génova; outros, querendo exaltá-lo mais, dizem que foi de Saona, e outros genovês, e alguns outros ainda, deitando-se a adivinhar, o fazem natural de Plasencia.»

De resto Hernan Colon foi, de proposito, á Italia fazer averiguações, mas nada conseguiu apurar, em Genova, que lhe trouxesse a convicção de que seu pai era, efectivamente, aparentado com a família Colombo 'daquella cidade.

Os escritores contemporaneos do denodado nauta—espanhoes, italianos, portugueses — nada dizem de positivo ácerca da sua terra natal, limitando-se a copiarem-se uns aos outros. Bernaldez, auctor da «*Cronica de los Reys Catolicos*», amigo intimo e depositario dos papeis mais importantes do ousado navegador, chama-lhe «*homem de Geno-*

va», mas, ao referir o seu falecimento, diz que era «*da provincia de Milão*», demonstrando assim desconhecer, também, a sua verdadeira naturalidade.

Como vimos é, de facto, muito duvidosa a decantada naturalidade genovêsa bem como a sua suposta nacionalidade italiana. Parece até que desconhecia, por completo, a lingua italiana, porque todos os escritos que deixou — documentos, cartas, e as notas nos seus livros de estudo — são em castelhano ou latim... sem que neles, porém, se encontre a minima referencia a Genova. E', pois, evidente que foi, apenas, por conveniencia propria que se fez passar por genovês quando abandonou Portugal e entrou em Castela, sabendo que os genovêses «*tenian gran acogimento y benevolencia en la Corte de los Reys Catolicos*», segundo afirma um auctor espanhol.

Foi em 1474, estando ainda em Lisboa, que o grande navegador consultou, sobre um assunto nautico, por escrito, o celebre cosmógrafo *italiano* Paolo Toscanelli, tendo servido de intermediario entre ambos o comerciante Lorenzo Giral-di, *italiano* também.

Na sua carta o sabio exalta Portugal, entusiasticamente, e trata Colombo *por português* :

«A Cristovam Colombo, Paulo, fisico, sauda :

«Recebi as tuas cartas e agradeço-te as expressões com que me favoreces. É digno do maior louvor o desejo, que mostras, de navegar do Levante para o Poente, como se indica no mapa que te enviei, e melhor poderá demonstrar-se em uma esfera propriamente dita. Foi para mim motivo de jubilo o facto de haver sido compreendida a minha demonstração, e oxalá essa viagem, que por enquanto não saiu ainda dos limites da possibilidade, se torne real e certa, para gloria de quem a levar a cabo, e para interesse de

todos os cristãos. Desses paizes só pela experiencia poderás fazer ideia perfeita, emquanto que eu a faço por boas e veridicas informações, que me teem sido fornecidas por homens ilustres e de grande saber, vindos dessas regiões a esta côrte de Roma, e por varios negociantes que ali teem traficado por longo tempo, pessoas estas para mim de toda a fé.

«De modo que, quando conseguires levar a cabo essa viagem, penetrarás em poderosos reinos, em provincias e cidades riquissimas, abundantemente providas de todas as coisas de que carecemos, isto é, de todas as especies de drogas e de pedrarias em profusão. De certo ha da ser tambem muito grato aos príncipes e reis dessas regiões comerciarem e entreterem relações, como ha tanto tempo desejam, com os cristãos dos nossos países, não só porque entre eles existem tambem muitos sectarios da nossa religião que teem grandissimo empenho em tratar com os nossos sabios e homens ilustres, mas tambem porque gosam ali de grande reputação os imperios e instituições dos nossos paizes.

«Não me surpreende, pois, por estas e por muitas outras coisas que sobre o assunto poderiam ainda dizer-se, que *tu, que és dotado duma tão grande alma, e a mui nobre Nação Portuguesa, que em todos os tempos tem sido sempre enobrecida pelos mais heroicos feitos de tantos homens ilustres, tenhaes tão grande interesse em que essa viagem se realise*».

Como se vê pelo final desta carta, o *florentino*, o *italiano*, Paolo Toscanelli, exalta, com entusiasmo, *um português* que tencionava efectuar uma viagem maravilhosa. Se se tratasse de facto, dum genovês os termos deste final seriam, evidentemente, outros, porque o sabio de Florença decerto, empregaria outras expressões muito diferentes di-

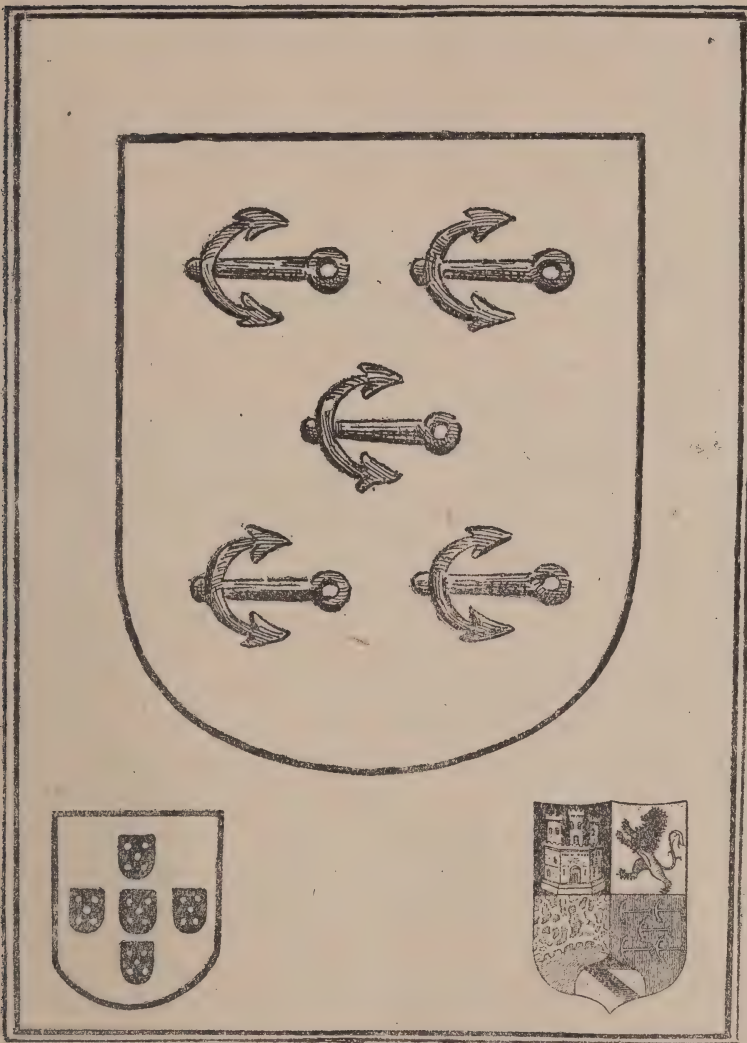
rigindo-se a um compatriota. Mas como foi o comerciante *italiano* Giraldi que fez a apresentação de Colombo a Toscanelli, não resta a menor duvida que, para estes dois *italianos*, ele era *português*.

Ora ha outro facto ainda que confirma a nacionalidade portuguesa do denodado nauta. Apoz a descoberta da América, Colombo foi feito almirante dos mares que navegára, vice-rei das terras que descobrira, sendo-lhe concedido usar a particula *Dom* antes do nome, como titulo de nobresa, e acrescentado o seu brasão de armas. Numa Carta de Provisão, de Isabel, a catolica, datada de 20 de Maio de 1493, que Navarrete reproduz no volume 2.^o da sua «*Coleccion de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los espanoles desde fines del signo XV*», entre outras disposições, encontra-se a seguinte:

«... un castillo é um Leon, que Nós vos damos por armas: conviene a saber, el Castillo de color dourado en campo verde, en el cuadro del escudo de nuestras armas en lo alto a mano derecha, y en el outro cuadro alto a la mano izquierda un Leon de purpura en campo blanco rampando de verde, y en outro cuadro bajo a la mano derecha unas islas douradas en ondas de mar, y en outro cuadro bajo a la mano izquierda *las armas vuestras que sabiades tener*, las cuales armas sean conocidas por vuestras armas e de vuestros fijos y descendientes para siempre, jamas...» etc. etc.

O brasão que Colombo anteriormente adoptára para si, por sua alta recreação, decerto, — «*las vuestras armas que sabiades tener*», segundo refere o documento, — era muito significativo e revelador: um escudo com *cinco* ancoras, dispostas da mesma maneira que as *quinas* dos *cinco* es-cudetes da bandeira de Portugal! Parece que por esta ma-

neira grafico-simbolico o misterioso nauta, que tão ciosamente escondia em Espanha a sua vida preterita, pretendeu soerguer um pouquinho o veu com que ocultava a sua verdadeira nacionalidade luzitana... Este numero simbolico das *cinco* ancoras — em confronto com as *cinco* quinas, e com os *cinco* escudetes da nossa gloriosa bandeira,—revela o misterio. Colombo era português, porque só um português buscaria uma analogia simbolica com o pavilhão épico das quinas!



O bração de armas de Colombo

No bração de armas de Colombo, a disposição das ancoras no escudo, é idêntica á das quinas dos escudetes da bandeira de Portugal, como se pode confrontar com os desenhos que reproduzimos.

IV

DECIFRAÇÃO DEFINITIVA DA FIRMA HIEROGLIFICA

Cheguei, finalmente, ao ponto mais interessante deste meu estudo histórico — determinativo da verdadeira nacionalidade do celebrado descobridor da America: — a análise do curioso hieroglifo com que autenticava os documentos oficiais e todos os seus escritos de maior importância, hieroglifo singular que é a chave do complexo e tão discutido enigma da sua naturalidade.

Documentalmente, historicamente, nada se sabe de positivo dos antepassados de Cristovam Colombo, dos seus progenitores, da data certa do seu nascimento, dos episódios da sua infância, do objectivo da sua educação, dos primeiros anos da sua vida, etc., etc. Êle, que escreveu tanto, que deixou tantos manuscritos do seu proprio punho, nada quiz revelar, porém, sôbre a sua familia nem a respeito da sua propria personalidade! Sabe-se todavia, que teve dois irmãos — um chamava-se Diogo e foi clérigo, e o outro Bartolomeu, que Antonio Gallo, auctor coevo genovês, afirma ter nascido em Portugal. Sabe-se, tambem, que viveu alguns anos em Lisboa de onde escreveu ao sábio florentino Toscanelli, e onde casou com D. Filipa Moniz de Melo, filha de Bartolomeu Perestrelo, donatário da ilha do Porto Santo, tendo nascido dêste consórcio um filho chamado Diogo. Foi acompanhado por esta criança que o

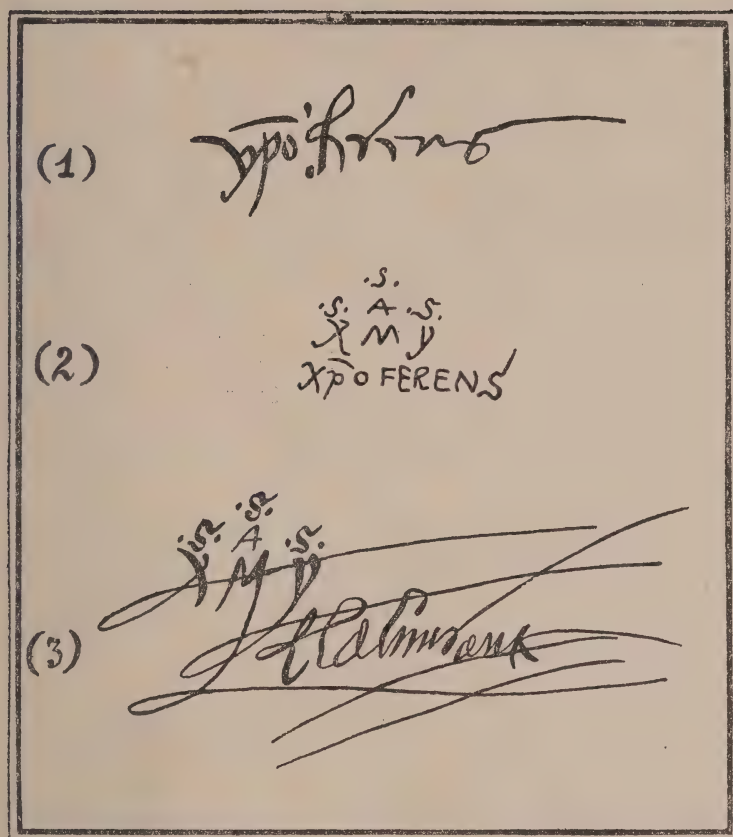
futuro descobridor do Novo Mundo saíu de Portugal afim de se dirigir a Huelva, onde residia sua cunhada D. Violante Moniz, casada com Michelle Moliarte. Viveu, então, em casa do duque de Medinaceli algum tempo, até que, após várias peripécias, conseguiu ser apresentado à rainha Izabel, a católica, que se interessou por êle e o autorizou, ao cabo de alguns anos, a efectuar a sua viagem maravilhosa, que iniciou a 3 de Agosto de 1492. E, em consequência dêste feito famoso, esse português obscuro, mas denodado nauta e marinheiro intrépido, conquistou a imortalidade gloriosa, firmando, definitivamente, o seu lugar na História sob um nome castelhano: *Cristobal de Colón*.

É interessante, porém, que sendo conhecido no seu tempo por êste nome, nunca assim se tivesse assinado mas, unicamente, desta maneira inconfundível.

XPOFERENS (Christoferens)

Por disposição testamentária, ele até deixou muito recomendado, aos seus descendentes, que autenticassem, sempre, todos os documentos com a firma de que tinha feito uso :

«... firme de mi firma la cual agora acostumbro, que és una X com una S em cima y una M com una A romana en cima, y en cima dela una S y despues una Y griega con una S en cima con sus rayos y virgulas, como yo agora fajo; y se parecerá por mis firmas de las cuales se hallaram muchas y por esta parecerá, Y no escrebirá sino el almirante puesto que outros titulos el Rey le desse o ganasse; esto se entiende en la firma y no en su ditado que poderá escribir todos sus titulos como lo pluquire; solamente en la firma escribirá *el Almirante*.»



A assinatura de Colombo

(1) e (2) — Antes de 1492: Christoferens

(3) — Depois da descoberta da America: El Almirante

Esta recomendação singular aos seus descendentes — certamente para que a firma-hieroglífica se perpetuasse através dos tempos — não deixa de ser significativa num homem tão misterioso, dum carácter tão reservado e tão enigmático, que, conforme via o seu nome tornar-se mais e mais célebre «*tanto menos conocido y cierto quiso que fuese su origen y patria*».

Ora a assinatura habitual do grande nauta, antes de embarcar para a primeira viagem ao Ocidente, era esta:

.S.
.S. A. S.
X M Y
XPOFERENS

Depois da descoberta — quando entrou na posse de todos os direitos e honras que pelo seu feito épico ganhára — passou a assinar-se assim:

.S.
.S. A .S.
X M Y
EL ALMIRANTE

Como se vê, esta firma exótica é uma verdadeira charada, charada extranha que diferentes historiographos modernos teem procurado decifrar debalde. Após algumas tentativas falhadas, coube-me a sorte, porém, de ter conseguido descobrir a complexa chave do tenebroso enigma onomatográfico, como em seguida vou expor.

Todos os escritos que o descobridor do Novo Continente deixou á posteridade, como já vimos, são em latim

ou castelhano. E' singular que, dizendo-se natural de Genova — *de onde yo sali y donde yo nasci* — nada deixasse escrito na lingua *materna* ! E é singularíssimo, também, que tendo vivido tanto tempo em Portugal — segundo o que historicamente se conhece dêle — nada deixasse escrito em português puro. Mas se é aceitavel supôr que o denodado nauta não sabia italiano, não tem aceitação alguma possível o seu desconhecimento total da língua portuguesa... tanto mais que as palavras que os investigadores espanhoes teem tomado por termos galegos são, genuinamente lusitanas.

Ha aqui, pois, um mistério.

Analizando a firma que Colombo usava em Castela — pois não se conhece escrito algum seu, durante a sua permanência em Portugal — apenas se lê, claramente, XPOFERENS (*Christoferens*) duas palavras latinas — *Christo* e *Ferens* — equivalentes á expressão : — o que conduz Cristo, o que vai com Cristo, o que leva Cristo.

Ora porque não escreveu êle, correntemente, em latim, *Christophorus*, que tem a mesma significação? .

A razão explica-se: — é porque a firma está escrita em grego e os vocábulos *Christo* e *Ferens* equivalem ao *Christoforos* da referida língua, que escrito com caracteres próprios seria de difficil leitura, e escrito em caracteres latinos estabeleceria confusão com a fórmula gráfica italiana: *Christóforo*.

Intencionalmente, premeditadamente, pretendendo assim ocultar ainda a sua nacionalidade, êle imprime á sua própria assinatura um carácter hieroglífico, evitando assinar-se com o nome castelhano porque era conhecido — *Cristobal de Colon* — e com o italiano *Cristoforo Colombo* — que realmente lhe pertenceria se fôsse genovês, como pretendia fazer acreditar ao apresentar-se nos domínios de Izabel a católica. Espírito culto, homem de vistas largas, com uma pr literária e erudita, que poucos dos

seus contemporâneos possuíam, Colombo, extremamente inteligente, descobriu a forma gráfica de universalizar o seu nome sem todavia o revelar duma maneira clara, terminante, certa, pois o **Xpoferens** que êle inventou, equivalerá, perpetuamente, ao *Christopher* dos ingleses, ao *Christophe* dos franceses, ao *Cristobal* dos espanhoes, e ao *Xpovão* ou *Christovam* dos portugueses.

No apelido, porém, é que está o enigma. Êsse apelido — *Colon* — por que era conhecido, jamais êle o escreveu junto ao seu nome próprio. Misteriosamente, recomenda aos seus descendentes que façam sempre uso da firma que usar, essa firma-hieroglífica que era o seu segredo e que ele, meticoloso em extremo, queria que se perpetuasse através dos séculos. Nenhum biógrafo ligára importancia a esta recomendação de Colombo, ninguém reparára no cuidado intimo com que formulára esta disposição testamentária. A firma era enigmática, tenebrosa, indecifrável, diziam os investigadores, encolhendo os ombros com indiferença. Alguns, porém, mais pertinazes, tentavam matar a charada. E todos iam bater ao mesmo ponto: as letras soltas eram apenas, as iniciais de nomes de santos! Eu nunca me convenci d'isto. Tinha a certeza moral de que só por êsse facto, Colombo não tomaria tanto interesse para que o mistério da sua assinatura passasse á posteridade. Uma razão mais poderosa devia haver, pensava eu, registando as opiniões da firma-invocatória. E puz-me a estudá-la com afincio, com pertinácia, procurando a decifração integral, buscando uma solução mais coerente, mais lógica.

Durante longos meses, a firma hieroglífica de Colombo constituiu toda a minha preocupação e, coisa curiosa, quanto mais impenetrável me parecia, mais e mais crescia em mim o desejo intenso de decifrá-la.

Uma noite, casualmente, reparei que o desenho dos três

primeiros caracteres gregos da palavra *Colon* se assemelhava, notavelmente, ao do *X*, *M*, e *Y*, sobrepostos ao *Xpofereus*, se bem que estas três letras estivessem invertidas... Estava encontrada a chave do enigma, estava morta a charada. Emocionado com a minha descoberta, tratei logo de a verificar, de a analisar, e a palavra que a constituí, então, encheu-me de surpresa, deixou-me, positivamente, assombrado!

Ora a firma-hieroglífica, apesar da declaração de Colombo no seu testamento, — *...que és una X con una S en cima, y una M com una A romana en cima, y en cima dela una S y despues una Y griega com una S en cima com sus rayos y virgulas, como yo agora fajo...* — é composta, apenas aparentemente, por cinco caracteres latinos diferentes, repetindo-se duas vezes o *S*, por mera disposição estética, talvez.

E assim esses caracteres *aparentemente latinos* — que uma simples casualidade, como já expliquei, me fez descobrir invertidos — são rigorosamente helénicos e equivalentes ás seguintes letras do alfabeto grego: — o *X* ao *Khi* o *M* ao *ómega*, o *Y* ao *lambda*, o *S* ao *sigma*, entrando tambem o *alpha A*, que ocupa o centro da firma e que ás vellas — *V* — dá um *V* ou um *U*.

Afirmar é muito, mas comprovar é tudo. Vamos pois, fazer a confirmação rigorosa desta afirmativa verídica.

Ora a firma misteriosa de Colombo, como já vimos, era esta:

.S.
 .S. A .S.
 X M Y
 X P O F E R E N S

Supondo as letras, que estão sobrepostas ao *XPOFERENS*, como numa projecção, teremos:

.S.
 .S. A .S.
 X M Y
 X P O F E R E N S
 X W Λ
 'S' V 'S'
 'S'

Eliminada agora a parte superior, por inútil, fica-nos:

X P O F E R E N S
 X W Λ
 'S' V 'S'
 'S'

Está agora a firma na sua ordem racional, isto é: o o nome próprio antes do apelido como é de uso, como é vulgar. Foi evidentemente, sob esta primitiva forma que Colombo a concebeu, porque os caracteres são rigorosamente gregos, excepto o do centro que dá um *V* romano decerto para não se repetir o *ómega*. Vejamos pois:

X P O F E R E N S
 X (*Khi*) W (*Ómega*) Λ (*Lambda*)
 S (*Sigma*) V S (*Sigma*)
 S (*Sigma*)

Revelado o character oculto da firma, encontrados por esta forma os caracteres que a compõem, basta juntá-los — o *Khi*, o *ómega*, o *lambda*, o *V*, e qualquer dos *sigmas*,

para se poder ter a palavra grega que resulta dessa combinação ;

X P O F E R E N S
 X (Ch) W (o) Λ (l)
 V (u)
 S (s)

A palavra grega é *Cholus* ; portanto, a firma escrita em grego rigoroso, daria *Xptophoros Cholos* (*Christophoros Cholos*) e, traduzindo-a em latim, teremos :

X P O F E R E N S
 C O L
 V
 S

Encontramos assim *Xpoferens Colus* ou, com mais rigor, *Christophorus Colus*.

Portanto, a decifração integral da curiosa charada da assinatura do imortal descobridor da América é esta, muito simplesmente :

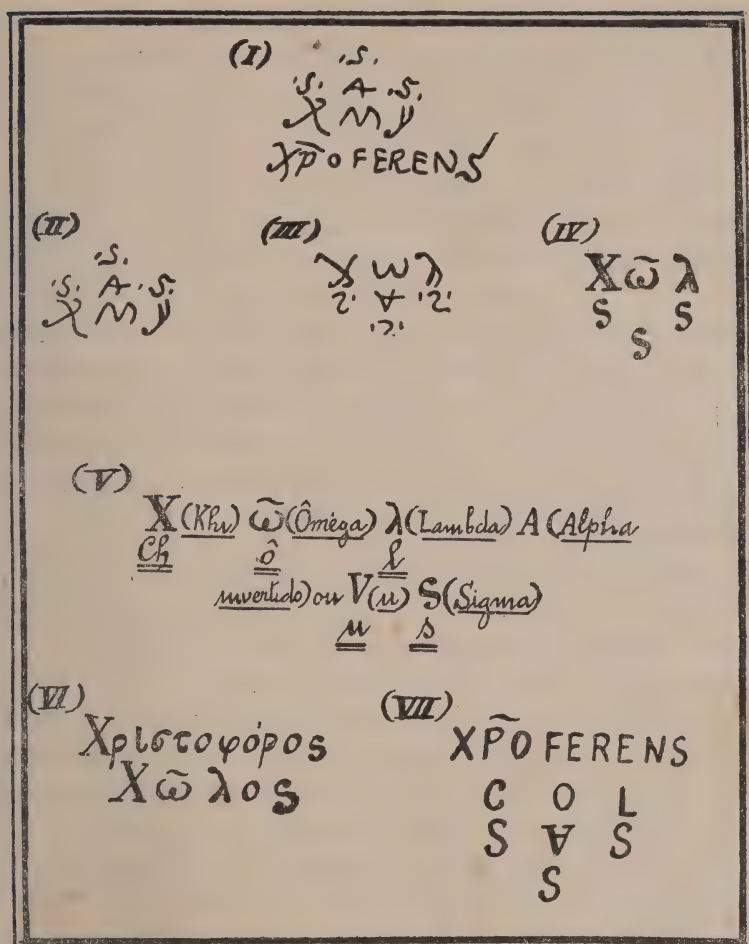
CHRISTOFERENS COLVS

que se pode traduzir em português corrente, em português do nosso tempo, desta maneira :

CRISTOVAM DE COLOS

Ora a povoação de **Colos** só existe em Portugal, na provincia do Alentejo. (1) E' uma vila antiquissima, de funda-

(1) **Colos**—Vila de Portugal, no Alentejo. El-Rey D. Manuel I, a fez Vila dando-lhe foral; antigamente era lugar do Termo da Vila de Sines.



Decifração integral da firma

- (I) A assinatura, mais vulgar, do grande navegador.
 (II) A firma isolada parece escrita em caracteres, aparentemente, latinos.
 (III) Na firma invertida esses caracteres são gregos, correspondentes aos do n.º IV, como o confronto demonstra claramente.
 (V) As letras gregas que entram na composição da firma.
 (VI) A assinatura em grego: Christoforos Cholus.
 (VII) A assinatura em latim: Christoferens Colus.

ção romana, edificada na raiz dum pequeno monte, entre duas ribeiras afluentes do Sado, — a ribeira da Ferraria e a de S. Romão — perto de Messejana, pertencente ao distrito e bispado de Beja, no concelho e comarca de Odemira.

Nasceria então o denodado nauta *Cristovam de Colos* na vila de Colos? Será esta, de facto, a sua naturalidade que sempre e tão obstinadamente, ocultou? Será esta modestíssima povoação alentejana a sua verdadeira terra natal? Tudo o parece indicar, como veremos.

De resto, no seu tempo, era vulgaríssimo em Portugal, empregar-se, logo em seguida ao nome próprio, a designação local da naturalidade. Assim temos, entre outras personalidades históricas de destaque, os navegadores: Diogo de Azambuja, João de Santarém, Gonçalo de Sintra, Pedro de Sintra, João de Mafra, Pero de Alemquer, João Afonso de Aveiro, e os viajantes: Pero da Covilhã, Ayres de Almada, Pero de Évora, Abraão de Beja, José de Lamego e Fernão Martins de Santarém.

Mas Colos — como berço natal de Colombo — tem ainda outros argumentos a seu favor. Quando o sol é muito forte, muito quente, muito intenso, os habitantes de Colos referindo-se á penetração molestante dos raios solares sobre a pele, costumam dizer:—Está um grande **espeto**!

Ora este termo — **espeto** — que eu nunca tinha ouvido empregado nesta acepção e que, percorrendo o Baixo-Alentejo, o ouvi unicamente em Colos, foi usado por Colombo, com o mesmo significativo sentido, numa passagem da carta que, em 4 de Março de 1493, escreveu a Luiz de Santangel, comunicando-lhe a descoberta que vinha de efectuar:

«En estas islas fasta aqui no he hallado hombres monstrudos, como muchos pens van, mas antes és toda gente de muy lindo acatamiento, ni son negros como en Guinea,

salvo con sus cabellos corredios, y no se crián adonde *ay espeto demasiado de los rayos solares*; és verdade qu'el sol tiene ali gran fuerça, puesto que és distante de la linea equinoccial veinte é seis grados».

Esta passagem da carta — «*espeto demasiado de los rayos solares*» — empregada nesta acepção exclusiva, puramente regionalista, tem o seu quê de significativa e reveladora.

Presentemente, existe ainda nas proximidades da vila de Colos, uma herdade chamada *Colombais*.

Era conhecida sob a mesma designação nos princípios século XVIII — segundo se lê numa escriptura de compra de 1709 — e não será arriscado supor-se que já existiria com o mesmo nome em pleno século XV, no século em que nasceu Cristovam Colombo.

Ora o vocábulo *Colombais* parece derivar-se das palavras portuguesas *Colombar*, ave congénere ao pombo, ou de *Colombário*, que significa *pombal*.

Mas pode também ter uma origem latina, por exemplo: de *Columbarius*, ou *Colombaris (re)*, respeitanta a pombo, ou de *Columba*, (*ae*) a pomba, e *Columbus (i)* o pombo. Nasceria Colombo nesta herdade? Eis um ponto histórico que convem estudar com a maior atenção, quando se encontrarem os necessários documentos para se poder fazê-lo com critério e segurança.

Colos, de resto, resolve também o problema tenebroso do apelido castelhano do grande nauta, porque o nome portuguesíssimo de Cristovam *de Colos* — segundo uma regra etimológica — transportado à língua de Cervantes, traduzido em espanhol, dá, muito simplesmente, *Cristobal Colon*.

E aqui está um apelido deturpado, improvidado, que serviu depois, esplendidamente, ao seu possuidor.

Cristovam de Colos passou a ser, então, para os castelhanos, o estrangeiro Cristobal de Colon, apenas, que se dizia genovês e descendente dos Almirantes Colombos.

E conquanto houvesse por êsse tempo o apelido Colon na Península, pois existiam famílias Colons em Pontevedra, Tarragona e em Plazencia — originárias, decerto, do ramo francês *Cullam* -- nenhum dos cronistas contemporâneos do ousado navegador se lembrou de lhe atribuir parentesco com quaesquer destas famílias. Para êstes, Cristovam de Colon era, muito simplesmente, um Colombo italiano.

Dá-se, porém, a circunstancia singular de que, por êsse tempo, vivia em Génova um tecelão chamado *Cristoforo Columbo*, filho de Dominico Columbo e de sua mulher Suzana de Fontanarubia, personagem completamente obscura que os historiôgrafos italianos modernos tem procurado identificar, de balde, com o próprio *Cristobal de Colon*, descobridor da America, mas nada de comum existe entre êles, a não ser... a analogia do nome próprio: *Cristovam*.

Apesar de tudo, Colombo declarou-se natural de Génova, ocultando, todavia, o nome de seu pai e de sua mãe, que se não sabe quem foram.

Mas mentiu. e mentiu com um fim reservado muito pessoal e muito intimo.

Ora essa mentira intencional, dizendo-se nascido numa cidade onde nunca pôs os pés, trouxe-lhe, de certo, a vantagem de o impôr na côrte de Izabel a católica, como homem do mar, como marinheiro de longo curso, como marítimo experimentado em navegações ousadas, pois por êsse tempo os genoveses eram os rivais dos portugueses na arte de marear.

E assim, sob este aspecto, sob esta máscara recomendativa, imaginou ser-lhe muito mais facil conseguir os seus fins, como de facto depois se viu, se bem que a luta fôsse

obstianda, tenaz, durante uma série de anos, de solicitações e vexames, segundo reza a História, e como *ele* próprio, por várias vezes, amarguradamente, acentuou nos seus escritos.

Mas, alguns auctores modernos pretendem ver nessa *mentira* de Colombo a maneira prudente de ocultar a sua origem israelita, que seria, evidentemente, um grande obstáculo ás suas aspirações e um grande estôrvo aos seus desígnios.

Podem ter razão, também, esses biógrafos, tanto mais que as enfadonhas dificuldades que Colombo encontrou para lhe aceitarem o oferecimento dos seus serviços nauticos, em Castela, os cristãos-novos — Luís de Santangel, Luís de Torres, Rodrigo Triana e outros, — que levou por companheiros nessa primeira viagem ao Ocidente, onde não quiz ir um único padre, as profusas citações bíblicas dos seus escritos, os legados do seu testamento a judeus residentes em Lisboa, a forma entusiástica como exalta as sublimidades do Ouro, com todo o calor dum verdadeiro hebreu ganancioso, e outros, e vários outros pontos sintomáticos, tudo parece provar uma possível origem israelita.

Por esse tempo, os sábios semitas viviam livremente na côrte portuguesa, cercados pela estima e consideração dos próprios monarcas.

D. Afonso V — que teve no hebreu Isaac Abrabanel, o seu verdadeiro ministro das Finanças — foi um acérrimo defensor dos judeus, dando-lhes, até, a mais ampla liberdade dentro do reino.

Seu filho e sucessor — o impávido D. João II — também os estimava muitíssimo, especialmente os que ele conhecia como homens de comprovado mérito e competência.

Foi perante a sua insistente solicitação que o grande

estralico judeu Abraham Zacuto, distinto matemático autor do famoso «*Almanach perpetuus*», veio para Portugal exercer o elevado cargo de astrónomo real.

Mestre Josepo Judeu, ou José Vizinho, era astrónomo e médico da Junta dos Matemáticos, tendo efectuado várias viagens á Guiné para determinar com rigor algumas latitudes.

Abrahão de Beja e José de Lamego — que desempenharam missões diplomáticas do maior segredo e da mais alta importancia para a vida política da nação — eram ambos hebreus, como o era, também, Mestre Rodrigo, *físico-mór* da côrte.

Garcia de Rezende — no capítulo XCI da sua *Chronica* — refere que Mestre Antonio, cirurgião-mór do reino, era judeu e, ao tornar-se cristão-novo, foi seu padrinho de baptismo o próprio D. João II.

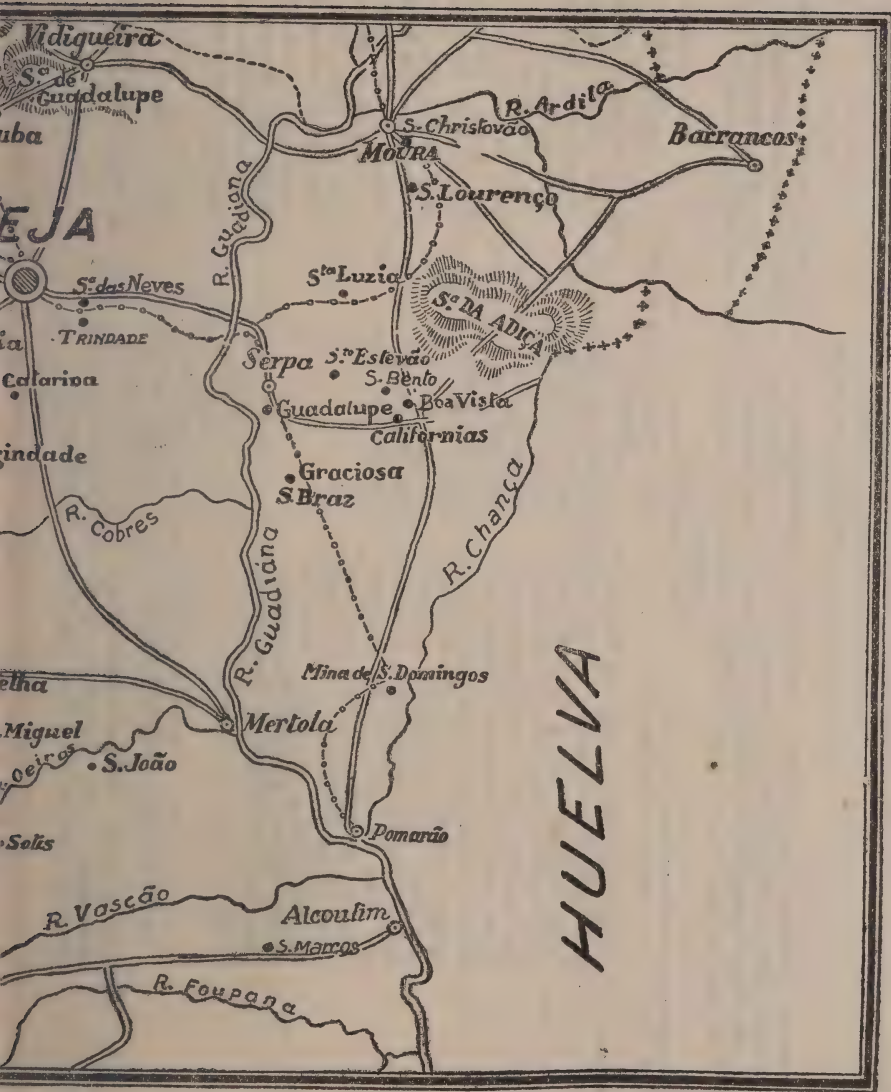
Muitos e muitos dos nossos navegadores de maior destaque, da época das descobertas, eram antigos judeus conversos, cristãos-novos.

Colombo seria judeu português convertido? Seria cristão-novo, também?

É muito possível que o fôsse, conforme vimos.

Mas, cristão-novo ou cristão-velho, o que não resta a menor dúvida é que êste homem genial nasceu na província do Alentejo e que, pelo seu feito épico, comprovou possuir íntegras todas as qualidades heroicas da raça portuguesa, que Camões brilhantemente, enalteceu nos versos candelantes dos *Lusíadas*!

Mais uma grande glória cabe, a Portugal por ter dado ao mundo *Cristovam de Colos*, êsse seu filho eminente, navegador ousado, denodado nauta, descobridor imortal, «*que cuando fué su persona a proposito y adornada de todo aquello que convenia para tan gran hecho tanto menos coñocido y cierto quiso que fuese su origen y patria...*»



ra, com nomes correspondentes a terras descobertas por Cristovam Colombo.

Ascendência e descendência de D. IZABEL MONIZ — Sogra de Colombo

HENRIQUE MONIZ, alcaide-mór de Silves, casou em 2.^{as} núpcias com D. IGNEZ PEREIRA, filha de D. Diogo Alvares Pereira e, entre outros filhos, geraram :

VASCO MARTINS MONIZ

que, passando á ilha da Madeira, fixou residência no Machico, e ali casou por três vezes, sendo a última com D. Joana Teixeira, filha de Lançarote Teixeira, *o velho*, e de D. Brites de Gois, neta paterna de Tristão Vaz, 1.^o capitão donatário do Machico, e de sua mulher D. Branca Teixeira, da casa fidalga dos Teixeiras, de Vila Real, e neta materna de João do Rego e de sua mulher D. Brites de Gois. Vasco Martins Moniz faleceu na vila do Torrão, onde residia sua mãe já bastante idosa. Do seu casamento com D. JOANA TEIXEIRA, nasceram :

GARCIA MONIZ

de quem não falam os genealogistas.

DIOGO GIL MONIZ

Foi reposteiro-mór e vedor da fazenda do infante D. Fernando, senhor de Beja, onde tinha casa. Era casado com D. Leonor da Silva, filha de Ruy Gomes da Silva, senhor da Chamusca e Ulme, e de D. Branca de Sousa, irmã do 1.^o conde de Abrantes. Dêste casamento nasceu D. Francisca da Silva, que casou com D. Sancho de Noronha. 3.^o conde de Odemira; ela faleceu antes de 1521 e foi sepultada no convento de Santo Antonio de Odemira. Diogo Gil Moniz exerceu com sua irmã viúva, D. Izabel Moniz, a tutoria de seu sobrinho Bartolomeu Perestrelo, durante a menoridade dêste.

FREI CHRISTOVAM MONIZ

Era da Ordem dos Carmelitas. Foi bispo titular de Reona, e coadjutor do bispado de Évora. Sendo eleito prior do convento do Carmo, em Lisboa, no ano de 1510, exerceu o cargo até 1522. Em 1528, como bispo, sagrou a igreja de Colares.

D. IZABEL MONIZ

Foi a 3.^a mulher de Bartolomeu Perestrelo, primeiro donatário da ilha de Pôrto Santo. Quando seu marido faleceu na vila da Baleira, da referida ilha, recolheu-se a casa de seu pai com os seus dois filhos Bartolomeu de 7 anos, e Filipa, de 5, vendendo a capitania de Pôrto Santo a Pedro Correia da Cunha, casado com D. Iseu Perestrelo, filha de Bartolomeu Perestrelo e de sua segunda mulher D. Brites Furtado de Mendonça, venda esta que seu filho mais tarde fez anular. Exerceu a tutoria de seus filhos menores conjuntamente com seu irmão Diogo Gil Moniz. Do seu casamento com Bartolomeu Perestrelo parece ter havido os seguintes filhos :

BARTOLOMEU PERESTRELO

Casou com D. Guiomar Teixeira, que assassinou, e em segundas núpcias com sua cunhada D. Solana Teixeira.

FILIPA MONIZ DE MELO

que casou com Cristovam Colombo.

BRIOLANJA ou VIOLANTE MONIZ

que casou com Michelle Muliarte.

Ascendência e descendência de BARTOLOMEU PERESTRELO — Sogro de Colombo

Gabrielle Pelestrello e Bartholine Biforti geraram FILIPPONE PELESTRELO, que casou com D. CATHARINA DE MELO

Dêste casamento nasceu :

BARTOLOMEU PERESTRELO

da casa do Infante D. Henrique, e o primeiro donatário da ilha de Porto Santo, para onde fôra com alguns colonos do continente

Casou com D. Margarida Martins, que assassinou.

Casou em segundas nupcias, com D. Brites Furtado de Mendonça, filha do capitão-mór do mar Afonso Furtado, de quem teve :

D. FILIPA, que casou com Mem Rodrigues de Vasconcelos, comendador do Seixo e senhor das terras do Caniço (Madeira).

D. CATHARINA FURTADO, que casou com João Teixeira, 3.º filho do 1.º capitão donatário do Machico, Tristão Vaz.

D. ISEU PERESTRELO, que casou com Pedro Correia da Cunha, proprietário da quinta da Charneca, perto de Lisboa, onde faleceu em 1499. Dizem alguns nobiliários que também foi capitão da ilha Graciosa.

Casou em 3.^{as} nupcias com D. IZABEL MONIZ, filha de Vasco Martins Moniz e de D. Joana Teixeira, de quem teve :

BARTOLOMEU PERESTRELO

Que era menor de oito anos quando seu pai faleceu. Foi tutelado por sua mãe e seu tio Diogo Gil Moniz. Embarcou em Lisboa para Larache, afim de tomar parte nas guerras de Africa. Após alguns anos de ausência, voltou á Madeira e, instigado por seu cunhado Mem Rodrigues de Vasconcelos, promoveu uma demanda a seu cunhado Pedro Correia da Cunha, para anulação do contracto da venda de Pôrto Santo, effectuado por sua mãe durante a sua menoridade. Venceu esta demanda em 15 de Março de 1473. Casou com D. Guiomar Teixeira, filha do navegador Tristão Vaz e de sua mulher D. Branca Teixeira, de quem teve um filho chamado Bartolomeu e, assassinando sua esposa por adultério, casou em segundas nupcias, com a irmã dela D. Solana Teixeira.

D. FILIPA MONIZ DE MELO (1)

Esteve no mosteiro de Santos, segundo diz o autor da *Vida del Almirante*. Parece que faleceu no Funchal, onde seria sepultada. Casou com Cristovam Colombo, de quem teve :

DIOGO COLOMBO

que casou, em Castela, com D. Maria de Toledo, e geraram :

IZABEL DE COLON

que, em 3 de Maio de 1531, casou com D. Jorge de Portugal, conde de Gelves, viuvo já de D. Guiomar de Ataíde.

D. BRIOLANJA ou VIOLANTE MONIZ

Que casou com Michelle Mullarte, e residiam em Huelva, onde Colombo os foi procurar, quando saiu de Portugal, em 1484. Parece que já tinha enviuado no começo do século XVI, pois Diogo Colombo, filho do navegador, no seu testamento de 16 de Março de 1509, determina o seguinte: *Manda viniséis. Item manda que a mi tia Brigulaga (sic) Moniz seran dados por sus terços veinte mil maravedis en cada un año mientras que viviere para sus necesidades computados los dies mil maravedis que la salia dar.* Diogo Colombo, irmão do descobridor, tem no seu testamento a seguinte verba também : *Item, mando que se paguem a Briolanza Muñiz diez ducados de oro, en lisona, e perdoe-lhe uma divida antiga de oito mil maravedis.*

(1) Conforme o costume entre as famílias portuguesas do século XV, adoptou o apelido do avô materno (Vasco Martins MONIZ) e o da avó paterna (D. Catharina de MELO).



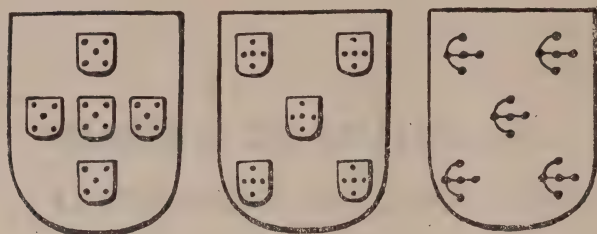
A ASSINATURA DE COLOMBO SOB O ASPECTO CABALÍSTICO ⁽¹⁾

Cristovam Colombo — é ponto de fé para mim — teve certos conhecimentos das chamadas sciências ocultas, quer adquiridos directamente nalguma associação secreta do tempo, onde estivesse filiado, quer tomados dalgum iniciado na mesma sociedade, ou de qualquer amigo que cultivasse tais sciências. Dada a possível origem israelita de Colombo, é facil supor como êle os poudes obter, porventura dalgum íntimo que fôsse conhecedor da cabala.

* * *

A forma como Colombo extraíu das armas portuguesas o brazão que usava— descoberta por Patrocínio Ribeiro —indica, para mim, o dedo de pessoa acostumada a manejar assuntos referentes a Cabala. Pela primeira figura se verifica como Colombo fez a transformação de escudetes em âncoras.

(¹) Por insistente solicitação da minha parte, o meu prezadíssimo amigo, talentoso publicista, e distinto clínico, Dr. Barbosa Sueiro, dignou-se fazer a análise da assinatura do descobridor da América, sob o ponto de vista do Ocultismo. Como não conheço nenhuma análise, neste género, com a devida vénia, reproduzo, na integra o interessantíssimo trabalho de Barbosa Sueiro, que ficará como um valioso estudo sôbre o carácter misterioso de Colombo, enriquecendo assim a vastíssima bibliografia colombina. — *O Auctor.*



Cada ancora foi construída sôbre 5 pontos dispostos em cruz, fazendo passar por 3 pontos, respectivamente, o segmento rectilíneo e o segmento de curva. Assim:



Pode verificar-se o seguinte: a linha recta passa por 3 pontos (ternário); a linha curva passa, também, por 3 pontos (ternário). O número cabalístico 3 duas vezes repetido ($3+3$), uma das vezes para indicar uma linha recta e outra para indicar uma curva (linhas antogónicas) revela-nos o hexagrama:

Linha recta, passando por 3 pontos, pode significar.....



Linha curva, passando por 3 pontos, pode significar.....



Âncora, formada pelas duas linhas antagonicas, pode significar



Cada ancora equivale, pois, a um hexagrama. Cumpre ainda notar que os hexagramas são 5, e cada um deles tem o valor cabalístico de 6; teremos, pois :

$$6 \times 5 = 30$$

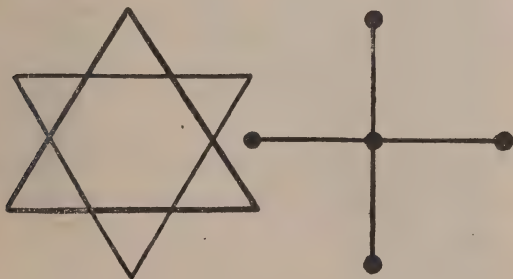
$$3 + 0 = 3$$

segundo uma simples operação cabalística.

Existe, portanto, no braço de Colombo o número cabalístico de 3. Existe, também, o de 5, se considerarmos cada hexagrama uma unidade. Existe ainda o de 7, porque sendo de 25 o número total de pontos, sobre que os hexagramas foram construídos, obteremos por uma operação:

$$2 + 5 = 7.$$

Aliás, a disposição dos pontos em cruz, já nos revelava o quaternário, que pode corresponder ao hexagrama, representando a linha vertical o triângulo de vértice superior e a linha horizontal (antagónica da vertical) o triângulo de vértice inferior :



Sendo Colombo português, e de origem israelita porventura, é interessante constatar como êle, ou alguém por

êle, conseguiu extrair do escudo das armas de Portugal, um escudo novo, auxiliado pela Cabala.

Cumpre referir que a âncora, bem como o hexagrama, fazem parte do simbolismo de certos Ritos Rosacrucianos.

* * *

Passemos agora á assinatura de Colombo. É esta :

.S.
 .S. A .S.
 X M Y
 X P O F E R E N S

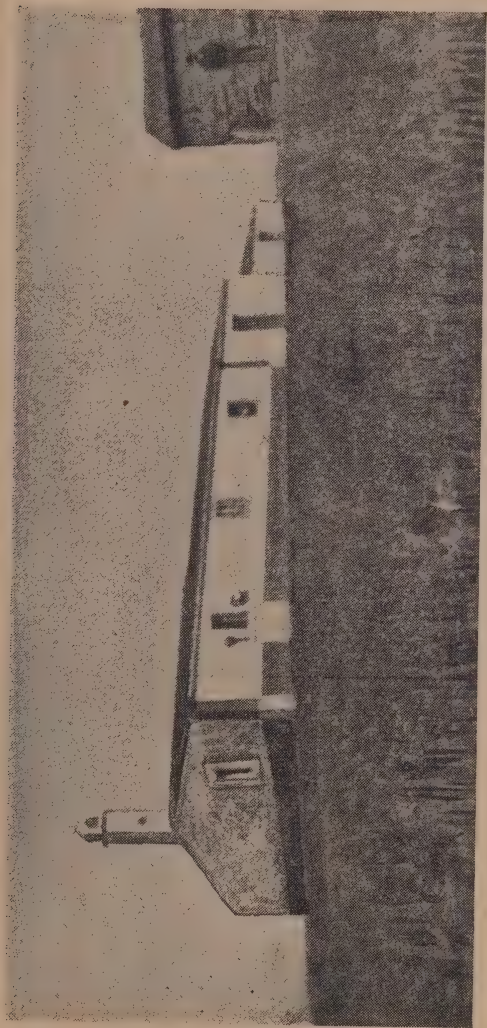
Analisemos a parte superior da assinatura :

.S.
 .S. A .S.
 X M Y

Vemos 3 SSS, dispostos segundo os vértices dum triângulo cada um deles ladeado por dois pontos.

.S.
 .S. .S.

Aqui se revela o ternário (3) e cada letra, ladeada por



A herdade de Columbaes, perto de Cólos
The farm of Columbaes, near Cólos.

dois pontos, pode aludir às *duas* significações com que elas são usadas na Franc-Maçonaria:

Saúde ! Saúde ! Saúde ! ou trez vezes Saúde !

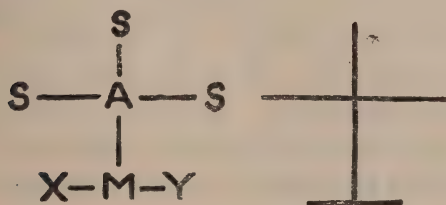
ou então :

Salus ! Stabilitas ! Sapientia !

Os 2 pontos juntos de cada S podem querer significar também, que se deve duplicar o triângulo, obtendo-se assim que apareça o hexagrama :

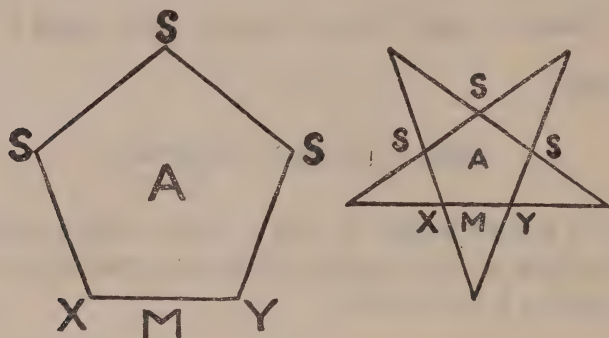


Se unirmos por três linhas as letras, 3 a 3, obteremos :



Revelando-se assim a cruz de 5 braços, que aparece em certas associações herméticas, e que pode corresponder ao tetragrama, visto que é uma cruz.

O contôrno da parte superior da assinatura é pentagonal, o que nos revela o pentagrama (5):



Se contarmos as letras desta figura verificamos serem 7.

Temos, pois, na parte superior da assinatura, os números cabalísticos 3, 5, 7, o tetragrama e o hexagrama.

Na parte inferior da assinatura *ha* 9 letras:

X P O F E R E N S

o que indica, talvez, da parte de Colombo, um grau de iniciação elevado pela apresentação dêste número.

O simbolismo, revelado na assinatura de Colombo, pertence a certos ritos rosacruçianos, e pode também fazer parte das doutrinas secretas dos Templários.

Tenho razões para crêr (o que seria longo expôr aqui) que a Ordem do Templo, apesar de extinta no tempo de D. Diniz, subsistiu em Portugal, trabalhando activamente, porventura bem protegida, de forma a escapar ás horrendas perseguições que os católicos apostólicos e romanos exerciam nos que não eram católicos, segundo a sua ortodóxia.

BARBOSA SUEIRO

APENDICE ⁽¹⁾

Querendo nós dar relevo à obra de Patrocinio Ribeiro, procurámos e conseguimos colher elementos que veem reforçar a sua tése, rebuscando material que com certeza a Patrocinio lhe serviria — se a morte o não arrebatasse — para alargar a sua obra.

Já por mais de uma vez, os investigadores espanhóes, na ancia de arranjarem uma prova de que Cristovam Colon ⁽²⁾ era espanhol, teem pretendido apresentar documentos, que em vez de os acreditar, os comprometem até ao descredito.

Os celebres documentos de Pontevedra, essa farça ignobil, como classificou Patrocinio, teem sequencia néssa mesma provincia, com o pretendido aparecimento em Porto Santo, povoação da ria de Pontevedra, duma inscripção numa casa; pretendendo isso significar de que na epoca da descoberta da America, já existiam os Colon, na Galiza, e isto para reforçar os argumentos de que Colon era galego.

Pois como dissemos, é um investigador espanhol o Sr. Prudencio Otero Sanchez, que respondendo a uma carta

(¹) Publicamos este apendice, que é um pretexto para a publicação de alguns documentos e algumas considerações, que achámos convenientes aquí juntar, afim de dar maior realce á obra do malogrado escritor Patrocinio Ribeiro, não tendo outro objectivo, a nossa pobre e humilde prosa.

O Editor

(²) Por acharmos mais logico e aproximado da verdade o nome de — **Colon** — porisso o usamos neste apendice.

de Patrocinio Ribeiro ; diz o seguinte, que a seguir transcrevemos conforme o original.

DIRECCIÓN

PRUDENCIO OTERO SANCHEZ

Pontevedra. Abril 21/922

Sr. D.^m Patrocinio Riveiro Lisboa

Mi distinguido Señor :

Al regresar de un pequeño viage, me encuentro con su muy apreciable del 18 y siento que la falta de tiempo no me permita contestar su pregunta con la estencion que merece.

«Quien tiene razon ?

La primer fotografia que se sacó del crucero de Porto Santo, crucero perteneciente à la casa que la tradicion comprobada de mas de tres siglos dice qué «de ella salió quien descubrió las Americas» fué la que figura en mi libro con el n.º 2. la qué segun yó-y conmigo están conformes el Sõr. D.^m Luis Gorostola. Miembro de la Sociedad Arqueológica de Pontevedra, el Sõr. D.^m Juan Fernandez Gil, miembro correspondiente de la Real Académia de la História Española y gran caligrafo, que han venido expresamente à ver la inscripcion, dice repito Juan Colon. R.º Año 1490».

La fotografia hecha sacar por D.^m Castro Sampedro y que le envió al Sõr. Oyiedo Arce, dice «Juan de Outeiro. R.º Año 1790»

Sorprendido al ver esta fotografia me fué sin perder momento à ver el cruceiro y cual no seria mi sorpresa cuando, 20 metros antes del legar à él, lei — (estoy cási ciego) sin dificultad esa última inscripcion; pero al acercarme, vi que habiam calcado com una teja, lo que quisieron que dijese.

Esto es en sintesis lo que puede contestar à su pregunta, el que aprovecha esta ocasion para ofrecerse de V. con la mayor consideracion at.º S. S.

c. e. s. m.
Prudencio O. Sanchez.

A celebre inscrição de Pontevedra, quem sabe se forjada, e em que epoca (?) será mais uma mistificação, que está a pedir camartelo?

Pois o jornal madrileno *A. B. C.* publicou um artigo em 4 de Abril de 1926, descrevendo que D. Prudencio Otero Sanchez e D. Luiz Gorostola, terem acabado de descobrir em Pontevedra (Porto Santo) uma pequena inscrição — *a mesma já descoberta em 1921 por esses mesmos senhores* — conforme o prova a carta que publicamos.

Por este *achado*, as Academias em 9 de Abril de 1926, em resposta ao governo, dão o parecer por voto unanime, de que não havia nada que provasse que Colon tivesse nascido na parochia de S. Salvador de Poyo de Pontevedra, e tão pouco, prova de que o navegador tivesse nascido na Galiza.

D. Ricardo Beltran y Róspide, presidente da Comissão da Casa das Indias, e da Academia Real da Historia, diz na sua obra «Cristobal Colon, Genovez? *«que o descobridor da America não nasceu em Genova e que foi oriundo de algum lugar da terra hispanica, situada na banda ocidental da Peninsula, entre os cabos Ortegal e São Vicente»*, isto é, desde o norte da Galiza ao extremo sul do Algarve.

Esta confissão, feita pela individualidade que mais auctoridade tem em Espanha sobre assuntos de historia, já bastava para demonstrar uma derrota e preparar o terreno, para que o orgulho do povo espanhol não sofra de chofre a desilusão de que Cristovam Colon, não sendo italiano, tambem não é espanhol. Existem mesmo elementos de prova, na posse de espanhóes, de que Colon era português, mas que o seu patriotismo os inibe de os apresentar, pelo receio dos odios e represalias que incidiriam para com essas individualidades.

D. Rafael Calzada, auctor do livro «*La Patria de Colon*»,

escreveu a Patrocinio, uma carta que a seguir publicamos por ser interessante.

RAFAEL CALZADA

ESTACION VILLA CALZADA

Enero 19 de 1922.

F. C. Sud.

Excmo. Sr. Patrocino Ribeiro.

De la Academia de Ciencias.

Muy distinguido Señor.

Según telegrámas recibidos de esa, ha dada V. cuenta a la ilustre academia de Ciencias de Portugal, de que es miembro dignísimo, de haber encontrado la prueba de que Cristóbal Colón era portugués. Ya podrá V. imaginarse el inmenso interés que habrá despertado la noticia, y muy especialmente, en los que nos hemos preocupado, mas o menos en averiguar el origen del Descubridor.

Y bien: ¿sería V, señor, tan amable que me enviase lo que se haya publicado o se publique al respecto? Para mi resultará interesantísimo, porque ultimamente di a luz un modesto estudio intitulado «La Patria de Colon» que me permito remitirlo, y que merecio de la opinión los mas favorables juicios.

La prueba por V. encontrada ¿es decisiva? No lo pongo en duda; pero, desde luego, no puede ser la partida bautismal del Descubridor. V. sabe bien que cuándo debio nacer Colón, no se llevaban registros parroquiales, los cuales fueron instituidos en el siglo siguiente por el Concilio de Trento. Esa prueba, pues, debe ser otra ¿Cual? Ansio conocerla.

Lo que yo he sostenido resueltamente y sostengo, de acuerdo con mi ilustre amigo Excmo. Sr. R. Beltrán y Róspide, della Academia de la Historia de Madrid y otros, es que Colón no fué jamás, ni pudo ser genovés. Seria el mayor de absurdos historicos. Creo demostrarlo con mi libro. Pero ¿fué portugués? Que lo fué su hermano Bartolomé, lo han reconocido algunos historialores italianos. Yo sostengo que nació en Porto Santo, de la ria de Pontevedra, que es, al fin, una región de la antigua Lusitania; pero nada tendria de particular que hubiese nacido en Portugal y se hubiese criado en un pueblo de la ria de Pontevedra.

Pero, a todo esto, una duda ¿cómo siendo portugués, nunca fue atendido por el rey de Portugal? ¿Cómo no se sabe (hasta ahora) que se haya dicho portugués ante aquella corte?

El gran cosmógrafo Toscanelli le tenia por subdito del rey de Portugal, y asi lo demuestro en la pagina 88 de mi libro.

En suma, y sea lo que fuere, yo ruego a V, encarecidamente atienda mi pedido: y si nada hubiese publicado todavía, le agradeceré muchísimo me haga saber, en breves palabras, en que consiste la prueba por V. encontrada, si no tiene algun interés en reservarlo. Confio en que sabrá V. dispensarme esta libertad que me tomo, y aprovecho, esta ocasión para tener el honor de saludarle y ofrecerme como su muy affmo. S. S.

Rafael Calzada

Ora não sendo Colon genovês, pois que isso é assumpto averiguado, e havendo alguns historiadores italianos reconhecido, de que seu irmão Bartolomeu era português; porque não deve ser Cristovam Colon, tambem português, quando, como diz Ricardo Beltrán y Róspide, os Colóns, eram *homens misteriosos*?

Diz D. Rafael Calzada *que nada teria de particular que Colón tivesse nascido em Portugal, mas que se tivesse criado na tal povoação da ria de Pontevedra*. E pergunta: *como sendo português nunca foi atendido por El Rey de Portugal?*

A isto diremos: que a D. João II não lhe interessava a descoberta do caminho das Indias pelo Ocidente, pois que já tinham visto que tal projecto não era o mais pratico, finalmente descoberto por Vasco da Gama, de que resultou ser Portugal um imporio para a Europa, dos productos do Oriente e ainda porque as ilhas do Ocidente já tinham sido descobertas por portuguezes⁽¹⁾ a quem El Rey já tinha dado donativos.

Prova tal facto o Tratado de Tordesillas, assinado em Junho de 1494, rectificando as Bulas Pontificias, em que os territorios do Ocidente, são divididos por uma linha recta, entre portuguezes e espanhões.

(1) V. «A prioridade do descobrimento da America pelos Portuguezes» pelo distinto investigador, sr. Antonio Ferreira de Serpa. «Jornal O Seculo de 15-2-927».

D. Rafael Calzada interroga: ¿— *Como não se sabe (ate agora) que se haja dito português ante aquela Côrte?*

Tal e qual, como nunca se confessou espanhol perante a côrte dos Reis Catolicos, sendo apodado de judeu (*marrano*) pelos espanhóis, e injuriado nas sublevações que houve a bordo e em terra, a pontos de vir prisioneiro de baixo de ferros, sob as ordens de Bovadilha, até Espanha; porque não se podia admitir, de que um estrangeiro, tido como *marrano*, usasse de represalias, ou castigasse subditos espanhóis. ⁽¹⁾

A Cristovam Colon, por astucia e reserva, lhe conveio sempre, declarar-se estrangeiro, pois que isso lhe servia ás mil maravilhas, para fugir ás responsabilidades do crime de «traição á Patria» em que incorriam os marinheiros e pilotos das armadas, de divulgarem o segredo da róta seguida pelos portugueses. para as descobertas de alem mar.

Para exemplo, apresentamos aquele facto, em que D. João II, mandou matar um piloto e dois marinheiros, por que houve a denuncia de que iam a caminho de Castela, oferecer os seus serviços á Côrte dos Reis Câtolicos (ver pagina n.º 42 deste livro).

Os estudos feitos em Portugal, derramados da escola de Sagres, e durante a estada na Madeira onde recebeu os

(1) V. *Ilustracion Iberica* n.º 512, de 22 de Outubro de 1892:

«Cabe aplicar lo de *peor es meneallo* al tratar-se de los motivos que hubo para poner preso á Colon.

Baste decir que no se portó como buen gobernador, y que *el infame Bobadilla* cumplió con su deber.

No podia consentir el Intendente de justicia que D. Cristóbal y sus hermanos trataran á los españoles con la excesiva severidad que lo hacian los Colonos, ni mucho menos que, contra lo terminantemente mandado por los Reys, redujese Colón á *esclavitud* á centenares de indios. Prescindiendo de anticuadas declamaciones, sólo cabe lamentaciones de que no tengamos hoy ni siquiera un Bobadilla. Que es precisamente lo que haria falta en estos tiempos.

documentos de seu sogro Bartolomeu Perestrelo e do moribundo Afonso Sanches, marinheiro português, onde se constata da existencia de certas ilhas⁽¹⁾, tudo isto descreve a obra de frei Bartolomé de las Casas, biografo de Colon, que diz mais: que os indios da ilha de S. Domingos, Haiti, ou Espaniola, se lembravam de terem ali chegado «*outros homens brancos e barbados como nós outros, antes que nós outros, não muitos anos*».

(1) La Ilustracion Iberica n.º 509 Barcelona 1 de Outubro de 1892,

El descubrimiento primero de las Indias

Navegando una carabela por nuestro mar Océano, tuvo tanforzoso viento de levante y tan continuo, que fué à parar en tierra no sabida ni puesta en el mapa ò carta de marear.

Volvió de allá en muchos más dias que fué; y quando acá llegó no traía más de al piloto y á otros tres ó cuatro marineros, que como veniam enfermos de hambre y de trabajo, se murieron dentro de poco tiempo en el puerto.

Hé aqui cómo se descubrieron las Indias por desdicha de quien primero las vió, pues acabó la vida sin gozar dellas y sin dejar, à lo menos sin haber memoria de cómo se llamaban, ni de dónde era, ni qué año las halló. Bien que no fué cupa suya, sino malicia de otros ó envia de la que llaman fortuna. Y no me maravillo de las historias antiguas, que cuentan hechos grandisimos por chicos ó oscuros principios, pues no sabemos quién de poco acá halló las Indias, que tan señalada y nueva cosa es. Quedáranos siquiera el nombre de aquel piloto, pues todo lo cual con la muerte fenece.

Unos hacen andaluz à este piloto, que trataba en Canaria y en la Madera quando le aconteció aquella larga y mortal navegaciòn; otros vizcaino que contrataba en Inglaterra y Francia; y otros português, que iba ó venia de la Mina ó India, lo cual cuadra mucho com el nombre que tomaran y tienen aquellas nuevas tierras. También hay quien diga que aportó la carabela à Portugal, y quien diga que à la Madera ó à otra de las islas de los Azores; empero ninguno afirma nada.

Solamente concuerdan todos en que falleció aquel piloto en casa de Cristóbal Colón, en cuyo poder quedaron las escripturas de la carabela e la relación de todo aquel luengo viaje, con la marca y altura de las tierras nuevamente vistas e halladas.

Tudo isto sabia Colon e como em Portugal os seus projectos do caminho para a India pelo Ocidente não eram aceites, pois que eram impraticaveis, resolveu fugir para Espanha, devido a conspiração contra D. João II, onde esteve escondido durante dois anos, sendo depois apresentado á Côrte de Izabel a Catolica, onde *nem mesmo como espanhol*, o atenderam senão no fim de sete anos.

*

*

*

Há um ponto debatidissimo que devemos aqui tratar, é aquella versão, de que a náu chefe onde Colon fez a primeira viagem se chamava «*A Galega*», pretendendo varios escritores espanhóes, fazer prova de que o descobridor era galego, e dahi o ter crismado assim a náu, como homenagem á Galiza, dizendo-se que isto era uma prova inconfundivel, pois que não havia nome parecido em Italia ou Portugal.

Pois para desmentir essa afirmação, podemos provar, que na mesma região onde nasceram varios navegadores e onde está a Vila de Colos, que é o districto actual de Beja, a 10 kilometros desta cidade e a 4 de Santa Victoria, existe uma antiga e grande herdade, que actualmente está dividida, denominada «*A Galega*», no local que marcamos no mapa que está a paginas n.º 72 e 73, assim como «*Galega a Velha*» a 9 kilometros de Castro Verde.

Ora se Colon crismou a náu com o nome de *A Galega*, e ele fosse galego, era mais logico que lhe dêsse o nome «*Galiza*», como homenagem a essa provincia e assim o nome «*A Galega*» justifica mais uma probabilidade portuguesa.

Cristovam Colon, na epoca das suas ultimas viagens, sofria a ingratidão dos espanhóes (não fosse ele de origem



Casa onde residio Cristovam Colon, na ilha da Madeira, que foi arrazada para abertura duma rua, estando de posse da familia de Agostinho Ornelas, as pedras de uma formosa janela que se vê na gravura.

judaica). Diz «Cesar Cantú na *Historia Universal*, tradução de Bernardes Branco, o seguinte: Quando naufragou na Jamaica, foi ali tratado barbaramente, pelos proprios espanhóes, que lhe negaram o desembarque na ilha que ele tinha descoberto. A ingratidão e a miseria foram a sua recompensa. Privado dos direitos que lhe tinham sido concedidos, obrigado a adiantar dinheiro aos que o acompanhavam na quarta viagem, viu-se reduzido a viver de empréstimos para sustentar honrosamente a sua posição de grande almirante e de vice-rei:

Ele escrevia ao Rey :

Completava o meu vigessimo oitavo ano,⁽¹⁾ quando entrei para o serviço de vossas altezas, e agora não tenho na cabeça um unico cabelo que não esteja branco. Estou enfermo, gastei quanto tinha, e tiraram-me e venderam tanto a mim como a meus irmãos todo o fôto; tenho tanta falta de dinheiro, que nem possuo *una blanca* (moeda antiga) para dar pelo amor de Deus. Só com os meus sofrimentos, doente, esperando a morte a toda a hora, rodeado por um milhão de selvagens, cheios de crueldade e nossos inimigos, quem tem alguma caridade, quem ama a justiça e a verdade, chora a minha sorte!

E a seu filho dizia :

«Depois de 20 anos de serviços e fadigas, depois de tantos e tão grandes perigos, não possuo em Espanha um tecto debaixo do qual me abrigue, e se quero comer e dormir, preciso de ir á hospedaria, e a maior parte das vezes, não tenho com que pagar aquilo que como.»

(¹) Esta idade está errada na tradução, que diz : decimo oitavo ano.

Os espanhóes para encobrirem a verdade dos factos, não teem tido duvidas em quererem demonstrar o contrario, mostrando a sua adversão ao navegador estrangeiro. Veja-se o que dizem a proposito da sua morte, deturpando a verdade. ⁽¹⁾

*

*

*

Ha quem pretenda demonstrar que na assinatura de Colon não ha misterio algum, que ela está completa, descrevendo as iniciaes, nomes de Santos e a seguir ao XPO FERENS./ existe um ponto e um traço obliquo, que não se vê em todos os documentos, querendo afirmar-se que esses sinaes ortograficos eram denominados *Colon*.

Pois estão erradas essas deducções, porque os sinaes ortograficos que assim eram denominados, são outros como se prova pelos dictionarios de Faria e Vocabulario de Bluteau, onde se encontra a verdadeira definição desse termo em ortografia, como segue:

Colon — (termo de ortografia) He hum dos sinaes importantes ao bom escrever & he de dous modos, imperfeyto, & perfeyto.

(1) V. Ilustracion Iberica n.º 512 de 22-10-1892.

La muerte de Colón — Falleció D. Cristobal Colón en su palacio de Valladolid el día 20 de Mayo de 1506, á los sessenta y ocho años (*) en el goce de sus elevadisimas dignidades. Hiciéronseles *regios* funerales en la iglesia de Santa Maria de la Antigua y fué enterrado en el convento de los frailes Franciscos de la mentada ciudad, donde se le tributaron no menos suntuosas honras fúnebres. El sepulcro estaba cubierto por una lápide negra en que se leía este inexato y macarrónico distico:

*A Castilla y á León
nuevo mundo dió Colón.*

Nunca puede decir-se con mãs verdad que fué *Leon el pintor*.

(*) Segundo as datas dos factos mais notaveis da sua vida, deve ter fallecido aos cincoenta anos estando errada esta idade.

Colon imperfeyto, he hum ponto em cima de uma virgula, assi — ;

Colon perfeyto, são dous pontos hum em cima de outro, como — :

Colon imperfeyto. *Punctum cum virgula.*

Colon perfeyto. *Duo puncta.*

Cada oração se assinava com dous pontos, que he o *Colon* perfeyto.

João Franco Barret

«Ortograph. da ling. Portug. pag. 219.

*

* *

Qual a razão da recomendação tão especial e reservada no seu testamento, para que os seus descendentes usassem a firma, com as iniciaes, não as explicando? Há ou não misterio? Se não houvesse, para que essa recomendação num testamento, documento importante?

E porque Cristoferens Colon em vez de Cristovam ou Cristobal Colon?

Porque depois da primeira viagem suprimiu o Cristoferens e a seguir ao grupo das iniciaes assinava — El Almirante?

Pois não seria racional, que se o nome completo fosse XPOFERENS e o sinal •/ fosse Colon; devia de assinar XPOFERENS •/ — El Almirante?

Então tinha ou não, interesse nas iniciaes, pois que assinava a seguir a elas — El Almirante, tendo eliminado o seu nome proprio?

Logo portanto na sua assinatura estava um misterio.

A' um ponto importante que na assinatura não foi es-

clarecido por completo por Patrocínio Ribeiro, referente aos S. S. — Ora o S segundo um significado de anatomia ⁽¹⁾ tem a designação de Colon e ainda os dois pontos que os acompanham a mesma designação.

Reforçando a decifração de Patrocínio, concluimos que os tres .S. são tres Colons, especie de simbolo ou distintivo de familia, que ele queria perpetuar, como recomendou no seu testamento.

Está esclarecido por completo o mistério da assinatura pois que as iniciaes invertidas da assinatura dizem Colus, nome da terra de sua naturalidade, e para despistar a sua origem, usava em vez de Colus o nome Colon, colocando mais os dois S. S. — Colons a completar a assinatura, que significava *tres Colons* ele e seus dois irmãos (?)

.....

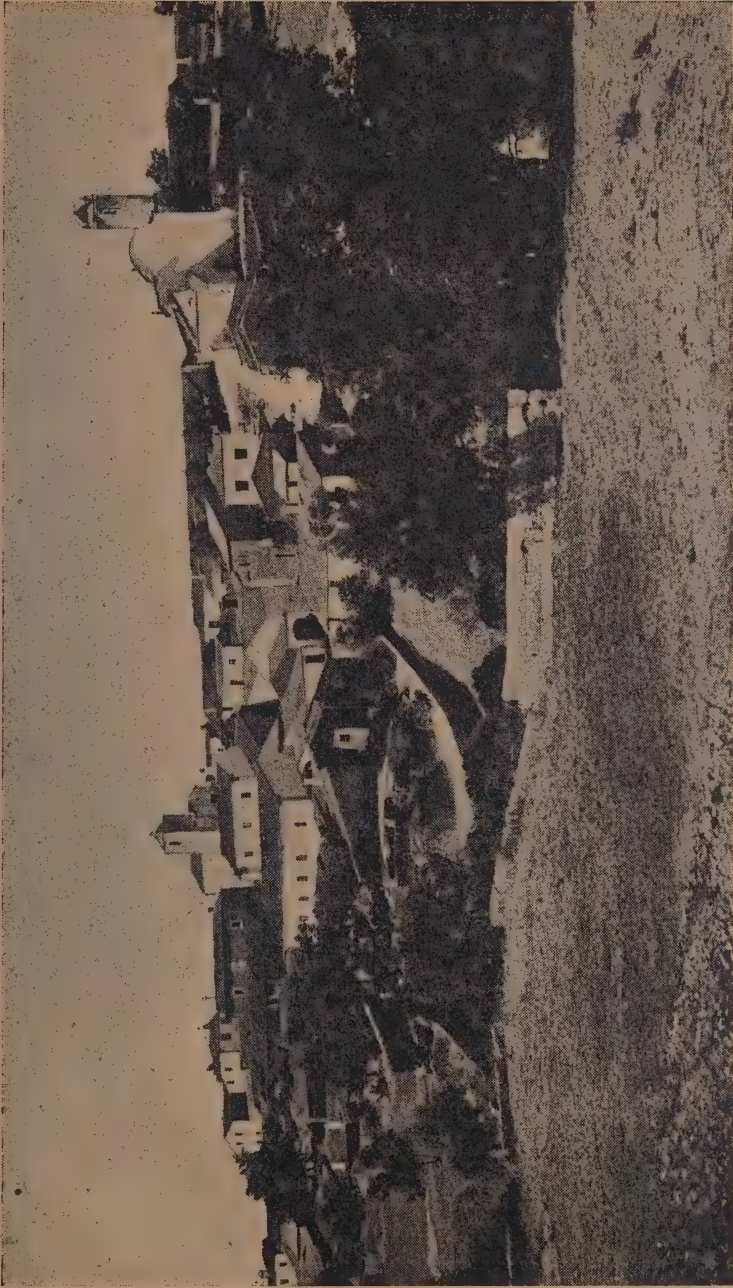
Nota. Activámos a publicação da obra de Patrocínio, acrescentando este apêndice, devido ao jornal A. B. C. de Madrid ter anunciado um concurso, em que daria um premio de cinquenta mil pesetas, ao escritor espanhol que provasse a nacionalidade espanhola de Cristovam Colon, concurso cujo praso terminava em 1 de Abril de 1927.

Com o fim de contestar qualquer trabalho que apparecesse nesse sentido, resolvemos eu e os amigos de Patrocínio, publicar a sua obra, que maior importancia tem actualmente, ao saber-se que o concurso do A. B. C. ficou deserto, não dando o dito jornal a noticia sequer, de que tinha ficado sem efeito, e isto para evitar maior jiáscio.

Terminamos as nossas considerações, com a certeza de termos prestado uma homenagem a Patrocínio e um serviço ao Paiz.

O Editor.

(1) Cólon — latino *colon*, do grego *Kôlon*, anatomia *iliaco*, ou S. do colon, porção contorneada em forma de um S, que vae terminar na parte superior do recto.



Vista geral da Vila de C6los, no Alentejo.
General View of C6los Village, in Alentejo.

PATROCINIO RIBEIRO

THE PORTUGUESE NATIONALITY OF CHRISTOPHER COLUMBUS.

THE MUCH DISCUSSED PROBLEM OF HIS ACTUAL
NATIONALITY AT LAST DISPOSED OF THROUGH
THE CONCLUSIVE DECIPHERMENT
OF HIS HIEROGLYPHIC SIGN

DONE INTO ENGLISH
BY
PROF. ANTONIO CRUZ

FOREWORD

The growing importance attached to the problem of the nationality of Christopher Columbus, claimed by Italians and Spaniards, has prompted us to bring to light this interesting and remarkable work.

The European reputation of the Portuguese navigators, since the XV century, and the famous nautical school of Sagres in Algarve, South Portugal, got up by Prince Henrique the Navigator, are well known, as Portugal became then the centre of all maritime enterprises and was a training school for foreign sailors, such as Americo Vesputio, who came here to test and enlarge their knowledge.

Through the publication of this work of the late Mr. Patrocínio Ribeiro, in the original — and in the English version, with a view to a wider knowledge of its conclusions, — we think we are rendering service to science and historical truth. The reader will judge for himself regarding the reasons and facts which led the author to vindicate for Portugal the nationality of Columbus. In 1915 Mr. Patrocínio Ribeiro had already submitted to the Academy of Sciences of Portugal his paper: «The Mysterious Character of Columbus and the Problem of his Nationality», a masterful and sensational paper, which later on was further enlarged.

The Spaniards have already proved that Columbus had

not been a Genovese, but they have not proved yet that he was a Spaniard. They admit that he was born in the West of the Peninsula, between Galicia and Algarve; and the Italians also own that Bartholomew Columbus, brother to the famous Navigator, was of Portuguese descent, but it has not been proved that Columbus was born in Galicia.

Mr. Patrocinio Ribeiro started therefore his researches to ascertain whether there was evidence in favour of the Portuguese claim, and we must state that his painstaking labour and scrutinising talent eminently fitted him to grapple with the matter, in face of Portuguese documentation and data.

The great aim of the Portuguese in those days was the discovery of the sea-route to the Indies, and it is common knowledge that they had reached the Cape of Good Hope six years before Columbus fleet sailed from Palos. The trade with the East was engrossing the ambitions of the country, and the offer of Columbus to reach the Indies by sailing Westwards did not arouse interest. As a matter of fact, 29 years before Columbus first voyage, the Portuguese were already aware of the lands lying to the West. The Corte-Real brothers, Alvaro Martins Homem, Afonso Sanches, and many others, had been to those savage shores.

India was the goal paramount and Vasco da Gama's successful discovery of that country by sea, is the inspiring theme of one of the World's greatest poems the «LUSIADAS». Brasil only awoke an active interest from the Portuguese much later. Mr. Antonio Ferreira de Serpa published an article in the «Seculo» of the 28th. Dec. 1926 proving the

discovery of America by Portuguese sailors to have taken place long before Columbus'; and on the 15th. February 1927 he published another article in which he testifies that Columbus confessed he knew of the voyages of the sons of João Vaz Corte-Real, the very discoverer, and that he had made use of their informations.

Mr. Patrocínio Ribeiro's book is no doubt a very illuminating study in view of all this, and specially so if we recollect that the Spaniards admit Columbus was born in the West side of the Peninsula while the Italians admit that Columbus' brother was Portuguese. Unfortunately the early death of the author did not allow him to amass further evidence, but we have no doubt that whatever documents may be found in the India Archives, in Spain, and in the Torre do Tombo, in Portugal, they will only confirm the present work.

Mr. Patrocínio Ribeiro was a man of many parts: historian, novelist and poet. Teófilo Braga, the great historian of Portuguese literature, well known in all European seats of learning, entertained for him great appreciation, and received him into the Academy of Sciences of Portugal, on the 14th. May 1912, his name having been unanimously welcomed by that learned body. His literary investigations in connection with some of the most intricate and bewildering points of our literary history are full of interest and clearly show his extense erudition and intellectual sharpness. The list of his works is remarkable both for number and quality, but many remain still unpublished.

He was born in Ericeira (Portugal) on the 9th. July 1882 and died on the 2nd. Dec. 1923.

HIS FRIENDS.

Note of the Editor.

The above is a free rendering and précis of the Preface contributed to the Portuguese original by the friends of the Author.

The aim of the Editor in this Foreword is only to offer the English-speaking reader those facts which directly pertain to the capital problem discussed in the following pages.

I

THE FAMOUS PONTEVEDRA
« DOCUMENTS »

«So that while his person was fully able and endowed with all that conduced to so great an achievement, he nevertheless willed that neither his origin nor his country should be known for certain, and maybe some who wanted to dim his glory, said he was of Nervi, others of Cugureo, others of Buggiasco, paltry hamlets near Genova, and situated upon her shores; others who wished to extol him said he was of Saona, others riding farther on the winds make him born at Plasencia.»

Hernan Colon. Life of the Almirante
Don Cristobal Colon.

All throughout the stages of his public life — by far the best known — the celebrated discoverer of America has systematically concealed the actual name of his birthplace and even his very family surname, and this he did intentionally, with a set mind, a secret and personal scope of his own.

The different orthographic renderings of his so-called surname on contemporary documents — *Colomo* and *Colombo*; — the startling declarations of his son Hernan in "*Vida del Almirante*": — that his father "again renewed the

surname of *Colon*", and the circumstance that not even once has he signed the surname he was known by, are more than enough reason for us to infer that the illustrious navigator had assumed a pseudonym.

Yet the town of Pontevedra, in Galicia, has attempted to, of late, demonstrate it was in her bosom that had been located the true and only birth-cradle of Christopher Columbus, thus posing by a score or more Italian places that long since vie with one another for the coveted and signal honour.

About the end of April 1914, — as surely most people in this city still remember — D. Enrique de Arribas y Turull, a Spanish lawyer of Galicia, delivered in the vast "*Portugal Hall*" of the Geographical Society of Lisbon, a lecture under the sensational heading: — "*Cristobal Colon, natural de Pontevedra*".

On that most curious lecture — it may not perhaps be out of place to bring it again on the tapis — the lecturer held the recent theory of the Galician birth of the discoverer of America, according to the historical researches of his fellow-citizen D. Celso Garcia de La Riega, who had been the first to proclaim the news through his book "*Colon Español*".

In order to better substantiate his arguments, D. Enrique Turull referred at length to some ancient documents found by D. Garcia de La Riega, which, according to his viewpoint, were highly valuable manuscripts, — as on them was stated the incontrovertible fact of the Galician birth of the daring seaman who gifted the world with a fresh one.

And, forsooth, such documents abundantly mentioning the "*Colons*" of Pontevedra, as quoted by the lecturer, had made a stirring impression upon the learned mind of the audience on that memorable night.

The audience was more or less shaken in the formerly accepted knowledge on the matter, being led to give credit to the imposing apparatus of the alleged documents: in fact, twenty-one parchment documents, yellowish and faded under the passing breath of the centuries, full of scribbled matter, stretching from 1413 until 1529, stating and bearing evidence on the put-up theory, is more than can easily be scorned or revoked in doubt.

Furthermore all the known relations of the family of the undaunted sailor appeared on these famous documents: — brothers, sons, ay, and the very father and mother!...

Through the newspaper reports of next morning I got acquainted with the subject handled in this lecture.

I found the evidence to prove too much, analogies to be too crying and data to be too staring, and this flood of documents called a suspicion in my mind... Brooding over the matter for some time, I sought the way to satisfy myself as fully as possible regarding the contents of the wonderful Pontevedra documents, and when I succeeded, at least in a small measure,—they began to grow for me so defective, so fluid and questionable, so poor and denuded of interest, that I resolved to throw myself in right earnestness into the study of the bewildering Colombian problem, and eventually was led to claim for Portugal the glory of having enriched the world with the glorious sailor of the main and discoverer of America.

During August of that year broke out the great war which soon started spreading all over the world, and in consequence of this I was compelled to interrupt my Colombian investigations as long as I remained at Mossamedes, away from the Continent, joining the Portuguese forces against the Germans in Southern Angola.

When, owing to an accident, I had to come back from Africa, in May 1915, I resumed the task which I had braced

myself up for, both with pleasure and pride. The sensational documents about the Spanish "*Colons*" cast no spell on me, my former suspicions grew wildly deeper and stronger... and I began to smell something rotten pervading the whole array of arguments...

I wished I could get across to Galicia and be allowed to freely behold, handle, examine and dip into the Pontevedra parchments. Meanwhile I went on with my studies which filled me with enthusiasm and sanguine expectations. At last on the 23rd. November of the same year I had the opportunity to place before the Academia das Sciencias of Portugal my paper on the "Mysterious Personality of Columbus and the Problem of his Birthplace", when I refuted the put-up Spanish birth of the immortal sailor, at once and honestly suggesting, while throwing evidence, in favour of a further latest claim — that of his Portuguese nationality.

I give hereunder the reply which in my paper I made to D. Arribas y Turrull on the affair under discussion :

—"Columbus is a Spaniard, and was born in Pontevedra" so it is asserted. The first to hold this view on Spanish soil was D. Celso Garcia de La Riega, an historical researcher; and it was D. Enrique Maria de Arribas y Turull, a distinguished pleader, who first on Portuguese soil proclaimed, through public lectures in Lisbon and at Oporto, what according to him was an *evident verity*".

At that time I was staying in Beja, engrossed in the duties of my profession and thus could not be present for the interesting lecture, but having, later on, obtained a copy of the book which the distinguished lecturer published on the matter, I have carefully perused it and so very attentively that now I cannot help rejecting some queer state-

ments met with in this publication, especially assertions directly connected with my country (¹)

After having, with the purpose of furthering his thesis, taken advantage of some verbal analogies between the localities given names to by Columbus in the New World and a church — *S. Salvador*, — a bay — *Puerto Sauto*, — a public square — *La Galea*, — and four Pontevedra pious confraternities — *San Miguel*, *Santa Catalina*, *San Nicolas* and *San Juan Bautista*, but without of course bearing in mind that “upon homonyms nothing solid can be cemented in history” — as D. Garcia de La Riega (²) has so wisely put it — Mr. Turull further says on page 77 of his very peculiar book:

“According to the above we infer that not even once has it occurred to Columbus to name his discoveries after Italian or Portuguese sources or after some manner of relation with these countries.”

Really it is impossible to be more absent-minded. The fact is that Columbus has given Portuguese names to the newly discovered lands, and so very Portuguese are such names that not even Pontevedra with all her wonderful manuscripts could disprove it.

The great navigator gave these two unmistakable names to a port and a river newly found: *Puerto de Santa Maria de Belen* and *Rio de Belen*.

Where will D. Enrique Turull find like names in Spain? He cannot trace out such designations in his country for

¹) Vid. «Cristobal Colon, Natural de Pontevedra», by D. Enrique Maria de Arribas y Turull, Madrid. Imprenta de *La Enseñanza* «Ruiz», 33 bajo. 1913.

²) Vid. «Cristobal Colon y Fonterosa», an article contributed by D. Celso Garcia de La Riega to *L'Ilustracion Española y Americana*, of 8th. Jan. 1902.

the obvious reason that the *Rio de Belen* is neither more nor less than the *River Tagus* (Rio Tejo) in front of *Santa Maria de Belem*, which was in days of yore a small village West of Lisbon.

Furthermore:

Columbus christened two new islands with the name of San Tiago and Santa Maria respectively. Now, *San Tiago* is one of the Portuguese archipelago of Cape Verde islands, and *Santa Maria* is that island of Azores where he *intentionally* took shelter on the 18st. February 1493, while returning from his first voyage to the West.

If in the 15th. century there existed in Pontevedra a public square called La Galea and a bay bearing the name of Porto Santo, it is equally true that in Madeira there also existed the *Galé* bridge, and Afonso Baldaia had in 1436 given an identical name to a cape he discovered on the African coast; and *Porto Santo* instantly calls to mind that island where the audacious sea explorer dwelled with his Portuguese relations on his wife's side, it being thus easy to account why he has named so a Cuban bay and a cape in the Trinidad island.

In order to satisfy Mr. Turull as to the want of reality in his tall statement that "*not even once does it occur to Columbus to name his discoveries after Italian or Portuguese sources or at least after anything connected with these countries*" I will point out the following most striking homonyms:

To a cape in Fernandina Island he gave name — *Cabo Verde*, the African Cabo Verde having been discovered by the Portuguese Diniz Fernandes in 1444.

«*Puerto de Santa Catalina* in Cuba: — analogous with cape of Santa Catarina which had been the furthestmost limit of the Portuguese discoveries in the reign of King Afonso V., and there is, as well, a headland in Madeira bearing a similar name.

«*Puerto de Santa Maria* in the Espaniola Island:— analogous with a port called likewise in the Sal Island in the Cape Verde archipelago.

«*Isleu Cabra*:—analogous with the Cabras Island on the San Tomé coast.

«*Isla Santa Cruz*:— we find similarly named ports in the Madeira, Graciosa and Flôres islands.

«*Vale del Paraíso*:— it was at Vale de Paraíso a small village close by Villa Franca de Xira, where Columbus was received by King João II of Portugal, and where he rested for three days, in March 1493, when on his return, after the discovery of the New World, he *intentionally* put into Lisbon.

«*Rio del Oro*:—analogous with Rio do Ouro on the African continent, discovered in 1436 by Afonso Baldaia, there being a like named river in the San Tomé island.

«*Isla Guadalupe*:— coast of Guadalupe, Island of St. Thomás.

«*Islas San Cristovan, San Miguel and San Tomás*: in Azores we come across similarly named islands, the San Thomas island having been in former times also called San Thomaz island.

«*Isla de Nuestra Señora de las Nieves*:—analogous with Santa Maria das Neves, a bay reached by Alvaro Fernandes still in the times of Infante D. Enrique, and it is also a hill seen from the sea, on the West coast of Portugal, between Cape da Roca and Peniche, well known to our early seamen who also called it Manjapão Heights.

«*Islas San Vicente and Santa Luiza*:— islands named likewise are met with in the Cape Verde archipelago.

«*Cabo Cabrão*:— the «*Bode*» cape in Madeira bears an identical meaning. («*Bode*» meaning a goat, a big goat, i. e. Cabrão).

«*Rio del Sol*: — analogous with the stream of Ponta do Sol in Madeira.

«*Cabo de San Vicente*: — equal to Cabo de San Vicente on the West coast of Algarve.

I will not quote further analogies in order to avoid being wearisome.

Though I do not believe — as Mr. Turull does — that the discoverer of America went on giving names of churches and pious confraternities to the islands he for the first time beheld, his policy of christening new places being sufficiently explained by topographic similarity with other lands known to him, or suggested by souvenirs of his former voyages — still and merely for curiosity sake, seeing that "*upon homonyms nothing solid can be cemented in history*" I shall point out some verbal coincidences which I have come across in the course of my investigations, and which hint a connection between some localities in Alemtejo, Portugal, and the new lands christened by Columbus, it being well to emphasise here that Dona Filipa Moniz — whom he married — belonged to a family whose stock had been in Alemtejo, and it should also be considered that Diogo Gil Moniz — Dona Filipa's uncle on her mother's side — had been Chief Groom of the Chamber to Infante D. Fernando, Lord of Beja, where he had his manor.

The first island discovered in the New World was by Columbus called San Salvador — «in memory of the Most High Lord who graciously had all this vouchsafed» — and *San Salvador* is also the name of a parish of Beja, since 1306.

The second found island was by him called Concepcion, which puts us in mind of the Convent of *Conceição*, founded in Beja by Infante D. Fernando in 1467 and Our Lady of *Conception*, near Colos.

«Isla Santa Maria la Antigua:—might have been inspired by *Santa Maria da Feira* (the most *ancient or Antigua*) parish of Beja, which had been a Mahomedan mosque and of which there are memories since 1282.

«Isla San Juan Bautista:—we have also the *San João Batista* parish in Beja since 1320.

«Isla San Tiago:—again, we similarly have in Beja since 1329 the parish of *San Tiago* the Greater.

«Islas San Bartholomeu, San Martinho, Santa Cruz, San Miguel, Santissima Trindade, Santa Luzia, Santa Margarida, Espirito Santo, Nuestra Señora de las Nieves:—as to these we similarly find small villages scattered around Beja and bearing the religious names — *São Bartolomeu da Serra, São Martinho das Amoreiras, Santa Cruz, São Miguel do Pinheiro, Santissima Trindade, Santa Luzia, Santa Margarida da Serra, Espirito Santo*, and *Nossa Seuhora das Neves*.

«Isla Guadalupe:—this points to *Serra de Guadalupe* which is seen from the Castle of Beja, towards Serpa and *Our Lady of Guadalupe*, near Vidigueira

«Isla Juana, Cubanacan, Colba or Cuba:—this recalls *Cuba*, a small town to the North of Beja.

«Castelo Verde, was the first fortress raised by Columbus in America, and here again we have *Castro Verde* to the South of Beja.

«*The first governor of San Tiago* had the surname of *Esquivel*, which is the name of a street in Beja.

As regards verbal analogies Beja carries the day and Pontevedra is left behind and out of sight, as evident from the map found hereafter. If Galicia shows only *seven* identical denominations, Alemtejo ranks far and away superior without even falling upon the holy confraternities...

The worthy writer of «*Cristobal Colon, natural de Pontevedra*» also says that Columbus «*knew neither the Italian nor the Portuguese idioms*».

It is indeed rash to make such a statement, all the more as it is known that he travelled and kept company with Portuguese people, married a lady of the Portuguese nobility, dwelt in Lisbon, Madeira, Porto Santo, and maybe in Azores too, etc.

Mr. Turull supports his saying with the following passage entered by the famous sailor in the «*Diario de Navegacion*» :—

«... en el Catay there reigns a prince called Gran Kan which in our romance means King of the kings...»

And, behold!, from this he concludes that the great navigator *says that Castilian is his language*, which is tantamount as saying that Spanish is his language, his own vernacular, his mother tongue. Now, and first of all, the “Diario” of the first voyage of Columbus which has come down to us is not the original one, but rather an arrangement of Las Casas who mixed his own style with that of Columbus. The passage cited quoted by Mr. Turull as a weighty argument appears exactly in the introduction, and this introduction, which is a later addition, suggests itself through its style to be rather of the collector than of the navigator.⁽¹⁾

Let us however suppose that the discoverer of America has indeed been the author of these lines: still they can serve in no way to ascertain his Spanish nationality, for Columbus, even as a foreigner, translating an exotic expression in a book meant for the Kings of Castile — whom he addresses in the introduction — could very well employ the words “*nuestro romance*” just as did the German

¹⁾ Vid. «Coleccion de los Viajes y Descubrimientos que Hicieron por Mar Los Españoles desde Fines des Siglo XV» by D. Martín Fernandez de Navarrete, 2nd. vol.

Valentim Fernandes who, while writing in Portuguese, about 1506, his "Chronicas das Ilhas do Atlantico", as extant in the famous Munich manuscript, of which there exists a copy in Biblioteca Nacional de Lisboa, used such expressions as follows :

"*Trees* there grow in this island of Madeira of many kinds, some different from *ours* while others not."

"Their sight is unlike *our trees*."

"And this tree bears no resemblance to any of *our trees* but yet would look like as it were a cherry-tree."

"The whole island is thick with trees and different from *ours*, except the fig-trees and the vine which the Portuguese have taken thereto."

"As to the other birds they are all of the fashion of those of *our land*."

"Sheep there are in this island as big as those of Portugal, and they grow no wool but on the goiter, and the rest is all short hair as that of the dog in *our land*."

But though this foreigner has written, in Portuguese, "*our land*", must we conclude that he was born in Portugal? Evidently not. Therefore Columbus could perfectly well have written "*our romance*" — translating thus the passage from the Latin letter he received from Paolo Toscanelli,—without wishing to imply for himself a Spanish nationality.

The partisans of the Galician nationality of the immortal Discoverer also allege as a powerful argument that he, in one of his letters addressed to the Catholic Kings, has written this : —

"I arrive in a new world and under a new sky, and it is a marvellous sight to behold the woods and the shades and crystal waters and birds and the sweetness that invite

one to stop wondering at such beauty. Beauty of the land only to be compared to that of *Cordova fields*, embalmed air, pure as that of *April in Castile*, *melodies of the nightingale as in Spain*, mountains in the island Juana (Cuba) that seem to reach the sky, abundant and healthy rivers, endless variety of mighty tall trees, the leaves of which are so green and bright as *uses to happen in Spain in the month of May*, and seven or eight varieties of *palm trees superior to ours* in beauty and height..."¹⁾.

But such comparisons cannot pass for arguments — as Dr. Turull pretends — that the daring navigator was born in Pontevedra; they are not warm with the native spirit — as the illustrious lawyer tries to hint — but they rather and only show the natural need to make comparisons, for it is intuitive that the foreigner Columbus should refer to countries known to the Kings of Castile in order to describe the newly discovered lands. It would be absurd and uncalled for to refer in such a case to the Portuguese landscapes where Columbus had travelled, as Queen Isabel and the King doubtless did not know them.

The German Valentim Fernandes, whom I have already mentioned, makes identical comparisons, similar likenesses, not with the warmth truly Southern, of the celebrated sailor, I readily agree, but of course he does it briefly, precisely, cold and quick, as a true German.

Referring to the island of Madeira he says in his "Chronica":

"And there are all the fruits *that there are in Portugal* except cherries."

"As to fish, half are different from *those of Portugal*."

¹⁾ Quotation from D Enrique Turull. Vid. «Cristobal Colon, Natural de Pontevedra» page 159.

Writing in Portuguese and for the Portuguese would it not be ridiculous that this navigator and chronicler should invoke his German fatherland as a term of comparison? Christopher Columbus has of course followed the same principle.

But the discoverer of America while referring to the beauties of the month of May and to the warbling of the nightingale means Spain in general, and such a designation may cover Portugal as well, where the nightingale warbles too and May wonderfully shines. It is very possible that such was his scope and meaning, as he has not named a given country of Spain, and having also christened one of the discovered islands as *Espaniola*, which is rather significant.

Ancient Portuguese writers used to employ this designation to mean the whole of the Peninsula Iberica. The Official Chronicler Damião de Gois, alluding to the fauna of Sintra, has written :

"... there is there plenty of hunting game, venison, beasts, and chiefly plenty of very good fruits of all kinds that may be found in *the whole of Hispanha*..."

And referring to the arrival of Vasco da Gama in Calicut, on the occasion of his first voyage to India, he makes it clearer :

"... until they met two merchants of Tunis, one of them Monçaide by name, spoke Castilian, who when the convict entered the door, *knowing by his dress that he was Hispaniard*, asked him of *which country of Hispanha* was he from, and learning that he was *Portuguese*, ordered food to be given him..."⁽¹⁾

⁽¹⁾ Vid. «Chronica de el-rey Don Emanuel» 1st. par. Cap. XXII and XXXIX, respectively.

As crowning argument, and crushing proof, — according to the opinion of the illustrious lawyer — there are the documents ranging from 1413 to 1529, written in Galician, where the surname of *Colon* often appears, which he unfurls on the pages of his book like a victorious flag, but... in so small and so dim *fac-similes* that it is altogether impossible to make anything out of it.

If in the public deed of the 14th. October 1495, which he cites, it is spoken about the “farm of Cristobal de Colon» — *the very Admiral, as he states*—and if such Cristobal de Colon was indeed the discoverer of the New World, possessing lands in Pontevedra, how could he declare himself a foreigner in Castile, and write in 1498 upon an official document:

“The said city of Genova, whence I came and where I was born...”

when it was already a long time since the fame of his name had spread all over the world and even spread over... Galicia? !...

But in the Pontevedra documents also appears the surname *Fonterosa*, which Dr. Turull states to be that of Columbus' mother. It is however modern Italian genealogists who having discovered the name of a Suzana *Fontanarossa*, married to a Domenico Colombo, *supposed* that this ought to have been the mother of the audacious sailor.

And thus while the illustrious Galician lawyer on the one hand tries to refute the Italian nationality of the discoverer of America, on the other hand he covertly... follows the Italians! —

When I published the above in the “Trabalhos da Academia das Sciencias de Portugal” I had not yet struck against the foul and despicable forgery!... The *famous*

Pontevedra documents are wrapped in a nasty story which fills with repulsion all true historians and honest investigators.

My friend, and fellow in the Academia, Mr. Oscar de Pratt, was kind enough to call my attention on the "Report presented to the Real Academia Galega of Coruña by its Fellow D. Eladio Oviedo y Arce, on the worth of the Pontevedra Documents, taken as basis of the thesis *Colon Español*, first put forward by D. Celso Garcia de la Riega, and and now re-edited by his followers» a work truly remarkable through its critical and erudite apparatus, published in No. 122, year XII, of the *Bulletin* of same Academy, of the 1st October 1917.

There are honest people in Galicia and among such must be included the late Mr. Oviedo y Arce, who has well deserved of History. Inspired by a most praiseworthy impartiality the scrupulous paleographer examined with the utmost attention and care the *famous* documents of Pontevedra and he was proud and brave enough to come and proclaim before the public that the *famous documents* had been on purpose and wickedly adulterated.

Indeed we feel sick to think of such a creature as this Garcia de la Riega — whom Dr. Arribas y Turull extolled in the Geographical Society of Lisbon as being the first investigator of his country—and who was in fact merely a *fraud*! He erased, counterfeited, added, modified, in short, did all that was necessary to make the ancient Pontevedra manuscripts give evidence to the Spanish nationality of Columbus.

The *famous documents* are therefore worth no credit whatsoever and, as such, altogether useless in the attempt to clear up the Colombian problem because "*they are not Colombian at all, though they have been counterfeited in passages to refer to that theory, and are therefore devoid of*

all historical value as sources of the thesis "Colon Español", as Oviedo y Arce puts it.

With reference to the works of Garcia de la Riega the same historian informs us:

"The book «*Colon Español*» in which this thesis is defended is but a poor fiction, a fraud, which being only disparaging to our local culture, deserves to be exposed and scorned as a warning to some and an example to others."

"*La Gallega*", the flag ship of Columbus",—another book by Garcia de la Riega, displaying a show of originality, is only another revelation of the literary personality of this author, who pretending to handle his subject in the fashion of the impartial searcher who prefers documents to bookish erudition, is yet not a man of science, as might be thought, but rather a fiction-monger. "*La Gallega*" is not an historical work, it is a fiction made up with doubtful and forged documents."

The despicable fraud of Garcia de la Riega having thus been exposed, by his own countryman, the *famous Pontevedra documents* deserve no credit, adulterated as they have been by the alterations and additions of the forger who thus rendered them useless to the history of his country.

In view of this crying fiasco through the adulteration of History, the Galician claim to a solution of the Colombian problem has decayed into rot.

Let us no more waste time over this loathsome affair.

II

WAS COLUMBUS A CONSPIRATOR?!...

If, on the one hand, the heroic personality of Christopher Columbus is most bright, his intimate life is however very dark.

This superior sort of man, who was steady, persistent and stubborn, offers us the uncommon instance of the innate genius.

His unflinching resolution to carry out the discovery, had all the morbid characteristics of a great instance of mystical impulsivism.

The revelation of his voyage was a splendid hallucination.

No celebrated man had a like fore-knowledge of his destiny, no other has more resignedly submitted to the irresistible designs of fate.

His ardent faith was mainly the great moral agent which compelled him over the Ocean towards regions unknown, Columbus considering himself predestined and inspired by the Holy Spirit.⁽¹⁾

But the discoverer of the New World though he was possessed of a great faith, was at the same time a man

(1) Christopher Columbus has written a very curious work which he left unpublished—«Libro de las Profecias»—where he pretended to have been chosen by heaven to discover the New World: in this book of

excessively mysterious, as he always concealed his previous life, having never disclosed to his Castilian friends his actual country, neither his real family, it appearing that the higher he went in public honours "*the least known and certain wished he his origin and country to be known*" as declared by his illegitimate son, Ferdinand, who also did not know for certain the nationality and the ancestry of his father.

It is through the synthetical analysis of the mysterious character of Columbus — basing of course on historical documents — that I will try to solve the problem of his nationality.

In Portugal, as far as I know, does not appear any mention of the Italian *Colombos* or of the Spanish *Colons*, neither in the Chronicles nor in any other documents.

so-called divine revelations, there occur passages so typical as, for instance, the following two :

«Who can doubt that this light was not that of the Holy Ghost, and at once mine, who with rays of marvellous brilliancy spread consolation through His holy and sacred Writ in clear and resonant mode by means of 44 books in the Old Testament and 4 Gospels and 23 Epistles of those blessed Apostles, urging me to persevere and is still giving me not a moment's rest spurring me with great haste?»

«.....and I say that not only the Holy Ghost reveals the events to come, unto the rational beings, but also shows such things by means of signs from heaven, in the sky and through the beasts when it so pleases Him.»

As it is known, the priority of the discovery of America has been called into question by contemporaries of his, who attributed it to a pilot who had had shipwreck and supplied him with data for him to, later on, carry it out as an enterprise exclusively his own. Such an absurd insinuation designed to belittle the merits of the great navigator, was believed by many, and so much that he wrote the «Book of Prophecies» to justify himself and reduce his detractors to confusion, proving to them that the instinct of the discovery had been inspired him by the Holy Ghost

Ruy de Pina in Cap. CLXIV of his Chronicle of King D. Afonso V. only makes allusion to a famous French pirate named *Cullam* who having made his obeisance to King D. Afonso V, at Lagos, assisted him later on in Ceuta against the Moors. Ruy de Pina and João de Barros only refer to Christopher Columbus after the event which immortalised him, but in too cursory and vague a manner, the latter emphasising however that "*he was smart, eloquent, good latinist and very glorious in his affairs*".

Historically it is known that the Discoverer of America got married to a lady of the Portuguese nobility who gave him a son, Diogo Colombo, and that, accompanied by him, he left Portugal and made his way to Huelva, in a covert way, as it would appear, like a fugitive, but the actual reasons why he acted so are not known.

I will try to explain, as reasonably as possible, this mysterious flight from Portugal, basing of course on the hypothesis theory, on which otherwise has also been basing the large Colombian bibliography, as is well known.

It would appear that the audacious sailor—hurt by King D. João II—left Portugal in disguise, poorly dressed, but the date of this fact is not given with exactitude by historians, some giving one year and some another, hypothetically.

Let us try and see whether we can throw light on this dark point. According to Fray Bartholomeu de Las Casas, the discoverer of the New World, while in the Island Española, wrote a letter to the King of Castile, which he gives in his "*Historia General de las Indias*" where among other things, he says the following, relating to the discovery:

"You already know that I have been in your Court *seven years* after you for this purpose."

Columbus sailed on his first voyage on the 3rd August 1492, starting from the port of Palos ; and going back seven years previous to 1492, we get 1485, the year when he no doubt entered the dominions of Queen Isabel the Catholic. ⁽¹⁾ Navarrete publishes in "Documentos Diplomaticos" a letter of the Duke of Medinaceli, written on the 19th. March 1493, addressed to the Chief Cardinal of Spain, for him to ask the Queen's permission to send two vessels, every year, to the new lands discovered by *Cristobal Colomo*, as he calls him, *who came from Portugal and wanted to pass to France that it might be undertaken to discover the Indies.*

The Duke supports his request by mentioning his former services to the Crown in this interesting passage of the letter :

— "... through my judgment and owing to my having kept him *two years* in my house, guiding him towards Her service, such a great thing as this has been found." —

Some historians relate that King D. João II had rejected Columbus' proposals, after having them examined by his body of Cosmographs who decided against the enterprise, but it appears more credible that the King did not want to agree to what the navigator asked for the discovery, as among other rewards he wanted to be Admiral and Viceroy of the new seas and lands he should find in his voyages.

On the 3rd. March 1483 Fernão Dulmo (Ferdinand van Olm), Captain of the Island Terceira (Azores) was au-

⁽¹⁾. The historian Bernaldez goes so far as to give the date:—20th. January of the said year. Las Casas, however, states that he run away from Portugal towards the end of 1484 or beginning of 1485, while. Hernan Colon states that he fled by the end of 1484.

thorised by King D. João II to try the discovery of the fantastic *islands of the seven towns and firm land* which were thought to lie to the West, on the Atlantic. ⁽¹⁾

It is natural that this decision of the King should have displeased Columbus on his being informed of the fact, and owing to this he should have turned against the King by joining the partisans of the Duke of Bragança, D. Fernando, who was then conspiring against the Royal power, having thus behaved through spite at having been forsaken for another one; or otherwise won by promises of his being enabled to carry out the planned discovery as soon as the Duke reached his aim.

The conspiracy was however casually discovered and denounced to the King. The conspirators sought to save their lives by flying to Castile, France and England, and the Duke of Bragança was immediately arrested, submitted to a quick trial and executed on the pillory, in Evora, on the 21st. June 1483.

Meanwhile another conspiracy of the nobility was discovered, and on the 23rd. August 1484, King D. João II stabbed the Duke of Viseu at Setubal, as he was held to be the leader of the conjuration. Further arrestations followed and also further flight of conspirators over the frontiers. This time however the gold of the Sovereign generously pays

⁽¹⁾ Later on he got associated with João Afonso do Estreito, squire, living in Madeira, the contract having been sanctioned in Lisbon, with this scope, by the King on the 24th. July 1486 Two ship were to be manned to sail from Terceira on the 1st. March 1487. It would appear that this voyage did not take place, as there is no record of it.

One may wonder whether from this has arisen the legend—mentioned by some historians—that King D. João II, having rejected Columbus' proposals as being not feasible, did nevertheless and secretly send his vessels in quest of the Western lands.

the daggers and the poison that will rid him of his enemies. Those denounced by the King's spies were doomed, and not even their shelter in a foreign land would save them from a violent death. The King's curse followed the fugitives who ran away from destruction, and the King's revenge carried fully out the law of retaliation: — *Thou shalt perish who wouldst murder myself...* And the "*Principe Perfeito*" effectively hunted all over Europe those he was after...

In order to avoid the revengeful hatred of the King who persecuted them everywhere, many of the exiles had to change their names, which did not always protect them, for a Portuguese fidalgo who had managed to cross the Pyrenees, under an assumed name, was all the same traced out and stabbed at Avignon.

It is quite possible and natural that the future discoverer of America should have adopted the same stratagem for his personal safety, making himself pass for a Genovese, favoured in this by his physical appearance, as his complexion and hair were fair, and thus succeeding to reach the house of the Duke of Medinaceli, in Andalusia, without having been overtaken on the way, and where he remained hiding for two years so long as there was no sign of the persecution abating in search of those who fortunately and safely had crossed to Spain.

It was under the same sheltering roof of Medinaceli that, months before, had been received the Portuguese political refugee D. Afonso, Count of Faro, brother of the Duke of Bragança, executed in Evora,—to avoid the revenge which King D. João II had sworn against the conspiring nobility,—a daughter of his Deing the Deing of the Duke of Medinaceli.

Thus were brought together under the same roof to eat the bread of exile:—the Portuguese fidalgo, proud of

so noble ancestors — himself a Count, brother of a Duke and father in law to another, — and also the poor plebeian who was however destined to enrich the Old World with a New One.

In view of what I have above stated, it is not rash to conclude that Columbus was an accomplice in the conspiracy against King D. João II, and all the more likely so, as the following letter found among his papers, after his death, is very significant, as it shows the tenor of a safe-conduct granted to one having grievous faults entered against him in the Royal notes :

“To Cristovam Collon, our special friend in Sevilla”.

“Cristoval Colon :

“We, D. Joham, by the grace of God King of Portugal and of the Algarves, on this and that side of the sea, in Africa, Lord of Guinee, wish thee health. We have seen the letter which thou hast written us and the good will and affection which through same thou displayest towards our service. And we thank thee much. And as regards thy journey to this side surely for the reasons which thou mentionest and also in other respects for which thy industry and good skill will be necessary to us, we desire it and shall be right glad of it if thou wilt come, for as regards thee such arrangements will be made as to give thee satisfaction. And because thou mayest have some fear of our justice by reason of some things to which thou art bound, We through this our Letter insure thee for thy coming and stay and return that thou mayest not be arrested, detained, accused, summoned or prosecuted for anything whatsoever, either civil or criminal, of any kind. And through same we command our justices to fulfill it accordingly. And therefore we request

thee that thy journey take place forthwith, and thus have no fear at all, and we will be thankful for it and will hold it as good service done to us. Written in Avis, on the twentieth of March 1488.

The King." (1).

Through this safe-conduct of King João II, one can see that the Monarch did not address himself to a *Genovese* but rather to a subject of his, who resided abroad through "*fear of our justices*".

It is much to be regretted that this letter to Columbus should not have been found in our National Archives, as it might perhaps throw light on the *fear* to which the King refers.

This letter of the King of Portugal compared with that of Paolo Toscanelli, of 1474, explains most clearly the reason why the celebrated cosmographer of Florence called Columbus — Portuguese, on the occasion of this one being introduced to him by the *italian* Giral di, and this one who evidently ought to know the true nationality of the man whom he was presenting, had surely revealed it to Toscanelli, as it is only on this assumption that the praising

(1). Vid. the text of this letter in Navarrete, «Colección de los Viajes y Descubrimientos» etc. and in Teixeira de Aragão, «Memória Acerca do Descobrimento da America», 1892. Luciano Cordeiro who copied it on page 17 of his pamphlet «De la Decouverte de l'Amérique», 1876, comments in the following way: «This letter is not an invitation as all biographers of Columbus have said. It is, on the contrary an acceptance». Previously to this, Zinilla had called it so, classifying it as «an obliging acceptance». Henry Vignaud, in *Nouvelles Etudes Critiques sur la Vie de Christophe Colomb*, Paris, 1911, page 678, presents it in fac-simile, the authenticity of this document being guaranteed by the illustrious antiquarian in charge of Arquivo Nacional da Torre do Tombo, D. José Pessanha.

words of Toscanelli's letter will make any sense, extolling the Portuguese nation and its most illustrious men among whom he also includes Columbus who — though already showing his disposition to sail Westwards — lived still in Lisbon, modest and unknown.⁽¹⁾

Therefore it is right to conclude that the immortal sailor who discovered America, was a Portuguese in the service of Spain, — like Fernão de Magalhães, Faleiro, João Serrão, Duarte Barbosa and others — who have won honour and glory for our country, rendered more famous still our land of sea heroes, fearless discoverers, bold navigators, who sailing over the Ocean in all directions, have carried to the farthest ends of the Earth the accents of our noble language, the burning fervour of our great christian Faith and the co-operation of our soaring genius.

(1): Vid. the text of the said letter in the work of Hernan Colon «Vida del Almirante» and in the annotations to the «Historia Universal» by Cesar Cantu, translated by Bernardes Branco.

III

COLUMBUS A PORTUGUESE

But the Portuguese nationality of Christopher Columbus, stated by Toscannelli's letter and confirmed by the letter of King D. João II — is further enlightened by other proving items, historical facts which I am going to quote, first transcribing, by way of illustration on my inferences, what the well-known writer J. A. Coelho notes in his learned work "*General Evolution of the Iberian Societies*":

"... *Portuguese, quite Portuguese is the idea, fully carried out, of the Atlantic navigation, scientifically and systematically realised, and having for its scope — first to learn the mysteries of the Ocean and, later on, to bring the East in touch with the West, and therefore to substitute a new means of communication through the Atlantic, instead of the Mediterranean route and across the desert from the Indus to the Pillars of Hercules. This original scheme, altogether of a daring character and essentially maritime could never germinate in the mind of a Castilian isolated in the thick interior of his table-land...*

In the Peninsula the Portuguese alone could create such a scheme, as their position is truly insular... openly and broadly Atlantic...

Though America was discovered by a man of genius in the service of Castile, *the idea however did not spring up from a Castilian... it was created under the influence of the Portuguese spirit*, it was carried from abroad into Castile, and met with hard and overbearing opposition from the Castilian nature,—and truly accepted it was only by a superior Lady—the great Isabel who was the *great grand child of the Master of Avis*, and was in some way the noble and worthy *representative of the Portuguese genius* in the land of Castile.”⁽¹⁾

Let us now see:

The greatest friend of Columbus, in Castile, his intimate friend indeed, was a Portuguese Friar, who being in possession of the confidential secret of the discovery, ought to have been no less informed on the true personality of the Discoverer of the New World.

It is a pity that no writings have been left by this humble Franciscan whom historians have mistaken for another religious, named Fray Juan Perez, while they are two different persons.

Columbus in a letter addressed to the Kings of Castile, referred to this his beloved friend in a way that must destroy all doubts that may prevail on the mind of historical investigators:

“Your Highnesses already know that I have tarried seven years in your Court troubling you after this; during all this time not a pilot, or sailor, or philosopher, nor any one professing another science, was found who did not state that my enterprise was foolish; for I have never got assistance

¹). Vid «Historia da Literatura Portuguesa — Segunda Epoca: Renascença» pages 20-21, Porto, 1914, by Theophilo Braga.

from anybody *except from Fray Antonio de Marchena* and after him only from eternal God. ⁽¹⁾

The strange opposition which the navigator met with in the Court of Isabel the Catholic, — chiefly from a courtier of much influence and very devoted to the Portuguese

1). «All this generated a further anxiety and impatience in Christopher Columbus (who though poor of earthly means was yet by nature possessed of high ambitions) to start this discovery, but he had not wherewith to carry it out. Having taken advice from his brother Bartolomeu Colon and with a *Religious, named Fray Juan Perez de Marchena* of the Monastery of Arrabida, of the Order of St. Francis, Portuguese nation who knew about Cosmography, and, following his advice and agreement, went to apply for the favour of the King D. João of Portugal, who did not give him a hearing, as he would have liked...» etc. Vid. «Historia General de la Orden de Nuestra Señora de la Merced» 2nd. vol Cap. VI. page 10, by Br. Alonso Remon, Mercedario.

In this monastic chronicler, the name of the Friar Marchena does not agree with that of the following documents of an earlier date, which confirm that of Columbus' letter, exactly :

«It seems well to us that you take along with you a good astrologer and it seems well to us that thou takest for this purpose Fray Antonio de Marchena, as he is a good astrologer and *it has always appeared to us that he concurs in your judgment.*») Vid. «Carta Mensajera» addressed by the Catholic Kings to the Admiral on the 25th. September 1493, giving him various instructions for the second voyage to the New World, published in «Documentos Diplomaticos» by Navarrete. Las Casas in his «Historia General de las Indias», 1st. part, Cap. XXXII also says : «It would appear from some letters of Christopher Columbus written by his own hand (which I held in my hands) to the Kings from this Island Espaniola, a *Religious whose name was Fray Antonio de Marchena has assisted him much that the Queen should be convinced and accept the petition.* I have never been able to ascertain the Order to which he belonged, but I believe it was St. Francis', as I know that Christopher Columbus, after being made Admiral, had ever been devoted to that, Order. Neither could I ascertain when nor in what or how he favoured him, or which acceptance the already said Fray Antonio de Marchena had near the Kings».

Sovereign, Hernando de Talavera, — while trying to obtain leave for his enterprise, is significant of much; King D. João II knew all that was going on in Castile, in and out of the Court; Resende reports that diplomatic spying, paid by Portuguese gold, was exercised even by distinguished Castilians holding offices in the Royal Palace, "*from whom he received many advices necessary to his service and state, and to the welfare of his kingdom*" and "*every scheme and secret was made known to him ere anything should be executed*".

It is thus that knowing a pilot and two sailors, of the trade navigation with Guinee, had left the kingdom in order to offer their services to Castile, the King sent his spies who stabbed the two sailors on the way, and arrested and brought to Portugal the pilot who was hanged in Evora, as a warning to future traitors to the motherland.

But in spite of the persistent objection to Columbus' plans all through several years, and the difficulties ever increasing, the voyage was at last allowed, and the discoverer put to sea under the patronage of Queen Isabel the Catholic. How is it that at last the daring navigator could leave the Peninsula to carry out the scheme he was bent upon?

"... *because in that time*" the Chronicler Garcia de Resende enlightens us "*between the Kings of Portugal and Castile there cropped up causes and affairs which threatened a rupture; the King besides his alliance with France, of which he made a show, ordered great and secret preparations to be made, both in the kingdom and abroad, in order to be sure against a war which he desired to avoid on account of his illness, and this did much avail him.*"⁽¹⁾

¹). Vid. «Chronica de D. João II, respectively Cap. CLXIV, CLXVIII, and CLXIX

Nevertheless, some days before the sailing from Palos, the Kings of Castile sent a bann through the kingdom to the effect that the vessels sailing for the Indies could not call at Portuguese ports, a measure which could be understood as devised to safeguard our interests as a neighbouring country, thus avoiding possible complications, but which could also be meant to prevent a betrayal on the part of Columbus, who otherwise had been held capable of it, as sufficiently proved by his later letters, chiefly the letter addressed D. Juana, lady-in—waiting to Prince D. Juan, and sister of Pedro Torres, secretary to Queen Isabel the Catholic:

“I believe you will remember that when the storm threw me without sails into Lisbon, I was falsely accused that I had gone there to deliver the Indies to the King. Afterwards their Highnesses learnt to the contrary, and that everything was plotted maliciously. I know that though even the Indies were mine, I could not hold on without the kingly support.”

But in spite of the prohibition of the Sovereigns, Columbus, on his way back, *intentionally* landed on Portuguese soil.

On the 18th. February 1493 he anchored in Azores, in the port of St. Lawrence, of the island of Santa Maria, where he went to fulfill a vow, which he had made to the Virgin during his voyage, in a plain little Chapel, built on the rock, looking down upon the Ocean which he was crossing for the second time. Afterwards calling again at Portuguese shores, he entered the bar of Lisbon on the 4th. March, sailed up the Tagus, and moored before Restelo and went to pay a visit to King D. João II, at Vale de Paraíso, where he was lodged as a guest for three days, and, on leaving,

was presented with a mule as a token of appreciation. And only on the 13th. March he weighed anchor and sailed for Sevilla, carrying to the Castilian Kings, the sensational news of his epic achievement.

Those who enjoyed the great glory of discovering the New World, while manning the vessels led by the glorious Sailor, were not all subjects of Queen Isabel the Catholic. Columbus did also take Portuguese sailors along with him. It is not known how many they were, but through an incomplete list which has come down to our days, detailing the crew, there appear two boys, two countrymen of ours hallowed by glory — viz :

JOÃO ARIAS

son of Lopo Arias — of Tavira

BERNALDIM

boy to the sailor Afonso who served under the pilot

João Rodrigues Maфра

Reporting a commercial transaction with the natives, on his arrival at San Salvador, Columbus wrote to the Kings of Castile :

I have seen sixteen cotton-balls being given for *three Portuguese ceotils* which is equivalent to the Castilian coin named "*blanca...*"

The *ceotil* (name derived from Ceuta), was coined by order of King João I., exclusively, in memory of the first maritime enterprise of the Portuguese to North Africa in 1415, which resulted in the conquest of that Moorish fortress by Portugal. The fact of Columbus having reported, in connection with his *first voyage*, this episode, where appears the little Portuguese commemorative coin, is rather significant.*

Columbus has left behind writings of his only in Latin and in Castilian; but if we examine his extant Castilian writings, an analysis, however superficial, will show the spelling of most words in the *Portuguese fashion*, many being, strictly speaking, *Portuguese words*, and the syntactic composition, as used in those days, is no doubt in the *Portuguese style*.

Columbus who shared the sincere beliefs of the Portuguese discoverers entertained, like them, a special devotion to the Holy Ghost. If we bear in mind how deep one's subjective impressions are in our early years, this devotion of Columbus will no doubt point to his Portuguese origin.

The most ancient and traditional Catholic festival in Azores was that of the "Holy Ghost" which had started in the island of Santa Maria, where the allegorical Dove was worshipped in a Chapel of the same name, and was the object of a yearly and most solemn commemoration, already by the time America was discovered. If in fact Columbus, on his first return from the New World, went to the little shrine of the Holy Ghost in the Island of Santa Maria, to offer his prayers, on the 18th. February 1493, such landing on Portuguese shores is very suggestive and bears something of a revelation...

While describing his voyages to the Dark Continent, he is happy to admire Nature's beautiful wonders, he praises the cool shades in the thickets, the lofty and picturesque cliffs, the sweet odour of the blossoms and the melodies of the singing birds. This is quite after the peculiar Portuguese idiosyncrasy, the lyric bent of the Portuguese imagination,—the Portuguese being born a navigator through the reacting influence of the neighbouring sea, while at the same time a poet owing to the beauty of the country and the gentleness of its folks.

The ill-will of the Spaniards was dead against him, raising him all sorts of difficulties out of their intrigues and hatred, preventing him from landing in the island Española in order to repair his ship, so badly damaged by the rough Western seas in the midst of which he had discovered a world for them. When he made shipwreck in the island of Jamaica, and after having earnestly and repeatedly asked for the help of the colony of the other island, the respective Governor decided at last to grant him assistance in the shape of a *piggling* and a *barrel of wine*, which he ordered to be left on the shore but to abstain from speech with sailors, and much less with the Man. This deplorable behaviour of the Castilians was no doubt meant as an outrage to our countryman, for it is well known that by that time Portuguese and Spaniards mutually indulged in calling one another the contemptuous epithet of "*mar-rano*", this being the slang for a Jew. For this reason they were sending him wine and the very forbidden animal whose touch defiles the Jew.

This caused him to note down in his "Diary" this melancholy and bitter remark, addressing himself: "What now is happening to thee is the reward due thee for **the services which thou hast rendered to other masters.**"

The **other masters** are the Kings of Castile, his *real master* being the King of Portugal.

By that time he also wrote the following: — "Who, except Job, would not die through despair on seeing that in spite of the risks endangering my life, that of my son, of my brothers, and those of my friends, they barred to us the *lands and the ports discovered at the price of my own blood?*" At the price of his own blood?... Yes, at the price of his own blood, because having risen against the lawful authority of his right Sovereign King D. João II, he had to

mask himself as a Genovese to save his life and avoid the revenge of the Portuguese monarch, but all the time mindful of the guilt of his want of loyalty, and always afraid of the sudden stretching of the dagger of the King's spies.

Nevertheless the hope of justice after his passing, and the certainty of his immortality in the years to come, is a consolation to him: "*When thou camest to a meet age God marvellously filled the entire world with the glory of thy name which became famous in the midst of the Christians. Fear nothing, be of good cheer. All these trials are written on the marble and not without a reason*".

It was the heroic submission of the Portuguese race which spoke in him, a stooping to fate which is peculiar to the Portuguese, as such destiny is the doing of Him who knows everything and by Whom all things are led, in the splendour of His Providence. It is the same brave feeling of doom and high purpose that even nowadays prompts the courage of a Portuguese, who forebodes death coupled with glory: "*I will rather have glory than life*".

Of course I will be objected to:— If Christopher Columbus was indeed a Portuguese, how is it that he on an official document, written in Castilian, has stated his nationality to be Genovese, a nationality which the majority of his biographers have accept as correct?

The document through which he leaves an estate to his son has nicely supported the Italian claim, but nevertheless it is only declared in it *that he proceded* from Genova and *had been born* therein, which however does not make sense in view of the definite statement of his son, Hernan Colombo, his historian and biographer, who states that he *willed his origin and country to be unknown and uncertain*.

Therefore Columbus has steadily and wilfully made himself mysterious, keeping for himself the truth about his

ancestors, never mentioning his parents, whether in his writings or in conversations with his friends in the Court of Isabel the Catholic. Even his Castilian family — on the side of D. Beatriz Enriques de Cordova, his mistress — ignored where he had been born, for if some members of that family took him as born in Saona, in the mind of others the doubt prevailed, because some sort of investigation having been made, after his death, in order to exactly ascertain his true nationality, D. Beatriz's brother, Pedro de Arana, who had been a great friend of his, stated in his evidence quite plainly before witnesses: *that he had heard Christopher Columbus was a Genovese, but that he did not know for certain where he had come from.*

The same uncertainty about his nationality was prevalent in the mind of D. Beatriz's son, Hernan Colombo, who professes to know it not, when he says in "*Vida do Almirante*":

"So that while his person was fully able and endowed with all that conduced to so great an achievement, he nevertheless willed that neither his origin nor his country should be known for certain, and maybe some who wanted to dim his glory, said he was of Nervi, others of Cugureo, others of Buggiasco, paltry hamlets near Genova, and situated upon her shores; others who wished to extol him said he was of Saona, and others riding farther on the winds make him born at Plasencia."

Hernan has otherwise been to Italy expressly to make enquiries, but did not succeed to find out in Genova any clue allowing him to conclude that his father was related to the Colombos of that city. Spanish, Italian and Portuguese writers, contemporary of Columbus, state nothing definite regarding his native land, confining themselves to

repeat one another. Bernaldez, the author of the "*Chronicle of the Catholic Kings*", an intimate friend to whom the dauntless navigator had entrusted the most important papers, calls him "*man of Genova*" but on referring to his demise he states that he was "*from the province of Milan*", thus showing that he himself did not know exactly the true nationality of Columbus.

As already seen, it is a most doubtful fact whether Columbus was Genovese or even Italian, for all his writings, — documents, letters, and his annotations in the books of his own use and study — are in Castilian or in Latin... without the least reference to Genova.

It is therefore evident that it has been through his own convenience that he made himself pass for a Genovese, when he left Portugal and entered Castile, knowing that the Genovese "*met with a grand reception and kindness in the Court of the Catholic Kings*", as stated by a Spanish writer.

In the year 1474, while still in Lisbon, the great navigator consulted by letter the famous *Italian* cosmographer Paolo Toscanelli, in connection with a nautical matter, the *Italian* merchant Lorenzo Giraldi having served as bearer. The Italian mathematician enthusiastically extols Portugal and addresses Columbus of course as *Portuguese*.

"To Christopher Columbus, — Paolo, phisician:—Health!

«I have received thy letters and thank thee for the expressions which thou favourest me with. It is most praiseworthy the wish thou showest to sail from the East to the West, as shown in the map I have sent thee, and will still better be shown on a sphere.

"It has afforded me pleasure to find that my demonstration has been understood, and would to God that the voyage, which so far has not come out of the range of possibilitis,

may become real and certain, for the glory of him who will achieve it and for the good of all christians.

"Of such lands thou wilt be able to have a perfect idea through experience, while I have it through good and reliable informations given me by worthy and learned men come from those regions to the Court of Rome, and through several merchants who have been trading in those parts for a long time and whom I hold to be entirely reliable.

"So that when thou wilt be able to perform that voyage, thou wilt reach powerful kingdoms, most wealthy districts and cities, abounding exceedingly in all that we are in need of, namely, all sorts of spices and precious stones galore. It will doubtless be most agreeable to the princes and kings of those countries to trade and hold intercourse, which they long since desire, with the christian people of our lands, not only because many followers of our religion dwelling in their midst are very anxious to communicate with our learned and famous men, but also because our governments and constitutions are highly held by them.

"I am not therefore surprised, for these and other reasons which could be added in this respect, that *thou, who art gifted with such a great mind and the most noble Portuguese nation that has in all times been ennobled by the most heroic deeds of so many illustrious sons, are so greatly interested that the said voyage should be accomplished.*"

As may be seen through the end of this letter, the *Florentine, Italian* Paolo Toscanelli, extols with enthusiasm, a *Portuguese* who intended to make the marvellous voyage. If the case were indeed with a *Genovese*, the final words of this letter would evidently have been different, for the learned man of Florence certainly would employ other and very different expressions if he were addressing himself to a countryman of his. But as it has been the *Italian* mer-

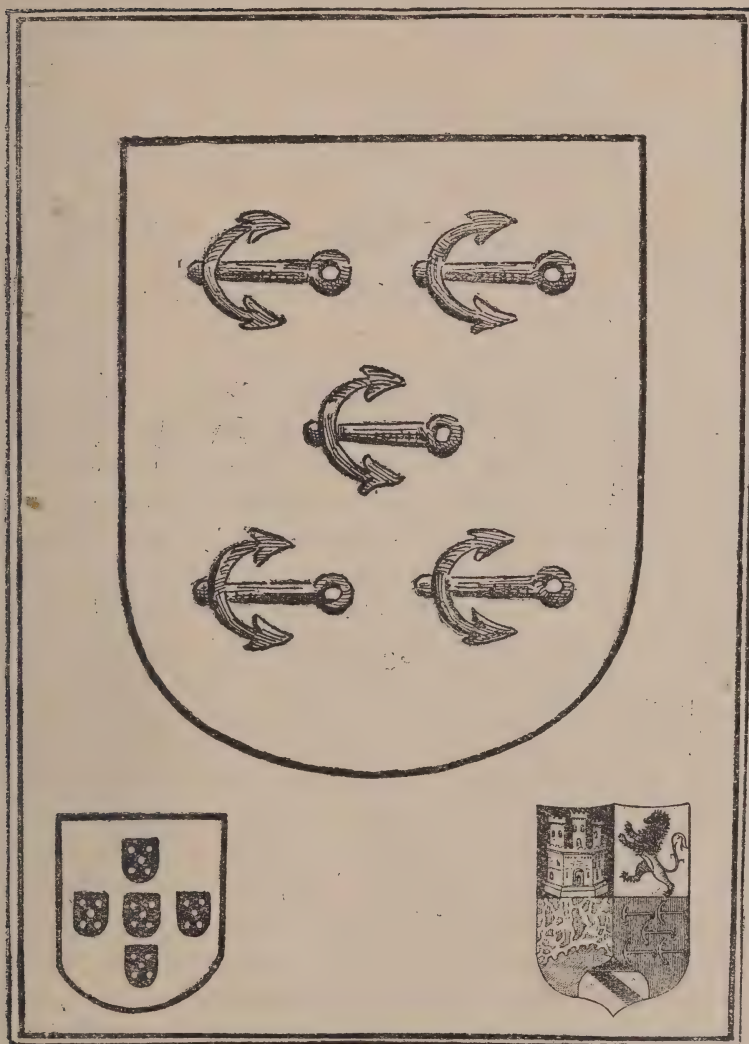
chant Giraldi who introduced Columbus to Toscanelli, there is not the least doubt that for those two *Italians* he was of the *Portuguese nation*.

There is another fact which still confirms the Portuguese nationality of the intrepid navigator. After the discovery of America, Columbus was appointed Admiral of the seas which he had sailed upon, and Vice-roy of the lands he had found, it being granted him to use the title of *Dom* as a mark of nobility, and his coat of arm being enlarged. In a Letter of Provision, issued by Isabel the Catholic, dated 20th. May 1493, quoted by Navarrete in the 2nd. volume of his "*Collection of the Voyages and Discoveries which the Spaniards made by sea since the end of the 15th. century*", among other statements we find the following:

"... a Castle and a Lion which We give thee for coat of arms: namely, a Castle of golden colour on green field, in the quarter of the scutcheon of our arms at the right hand top, and in the other quarter on the left hand top a purple Lion on white field rampant of green, and on the other quarter at bottom on right hand some golden coloured isles upon sea waves, and on the other quarter at bottom left hand *thy arms which thou knowest thou hadst*, which arms shall be known for thy arms and of thy sons and thy generation for ever and all..."

The coat of arms which Columbus first had taken for himself, no doubt out of mere pastime — "*thy arms which thou knowest thou hadst*" as stated by the document, — were very significant and throw much light: a scutcheon with *five* anchors ranged in the same fashion as the *quinas* of the *five* small scutcheons of the Portuguese flag. It appears that through this graphic and symbolic way the

mysterious sailor, who so carefully concealed in Spain his past life, would as it were lift a wee bit the veil that hid his true Portuguese nationality... This symbolic number of *five* anchors — as against the *five* “quinas”, and with the *five* small scutcheons of our glorious flag, — reveals the mystery. Columbus was Portuguese, for a Portuguese alone would look for a symbolic analogy with the “quinas” flag!



The Colombian Coat of Arms

On Columbus' own coat of arms, the distribution of the anchors in the scutcheon is similar to that of the quinas in the small scutcheons of the Portuguese flag, as can be seen by referring to the above illustrations.

IV

FINAL DECIFRATION OF THE HIEROGLYPHIC SIGN

I arrive at last to the most interesting point of my study, i. e. — ascertaining the true nationality of the celebrated discoverer of America, through the analysis of the curious hieroglyph with which he would authenticate official documents and all his writings of some importance, a peculiar hieroglyph which is the key to the complex and so much discussed riddle of his nationality.

Historically, and through documents, nothing positive is known about the ancestors of Christopher Columbus, his parents, the exact date of his birth, incidents of his childhood, the scope of his education, his youth, etc. Though he has written so much and left behind so many manuscripts in his own hand, he willed to let out no clue as to his family, not even about his person! It is however known that he had two brothers; — one called Diogo, was a cleric, and the other, Bartholomew,—vhom Antonio Gallo, contemporary Genovese writer, states to have been born in Portugal. It is also known that he resided some years in Lisbon whence he wrote to the Florentine scholar Toscanelli, and where he married D. Filipa Moniz de Melo, daughter of Bartholomew Perestrelo, lord of Porto Santo island, a son having been born to them, who was named Diogo. The future discoverer of the New World left Portugal ac-

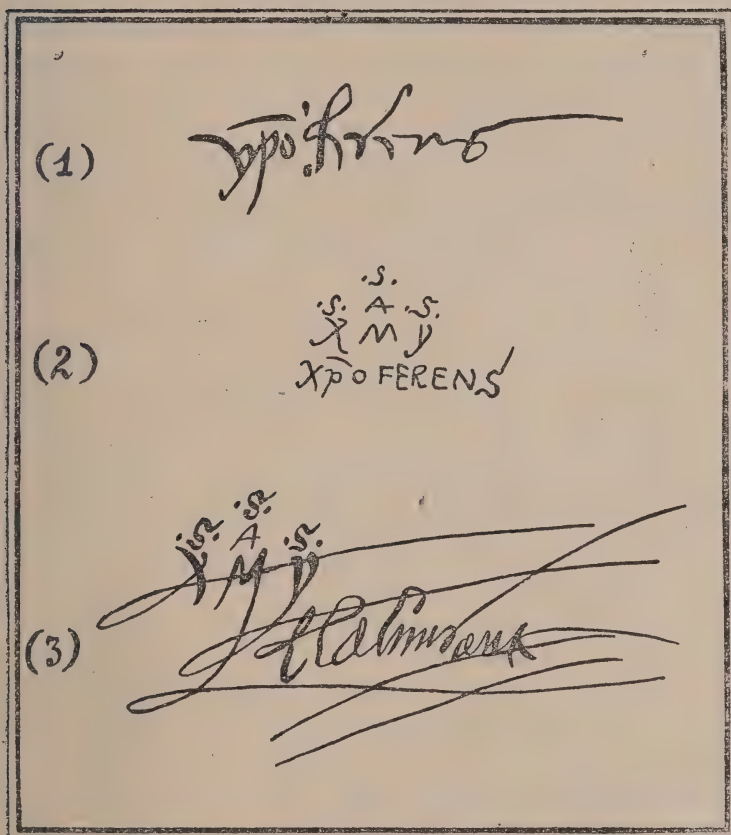
accompanied by this son, making his way to Huelva, where was living his sister-in-law, D. Violante Moniz, married to Michael Moliarte. He was lodged in the palace of the Duke of Medinaceli for some time, until later on and after several vicissitudes, he managed to be introduced to Queen Isabel the Catholic, who took interest in him, and, after some years, authorised him to effect his wonderful voyage, which was started on the 3rd. August 1492. In consequence of this famous achievement, the unknown Portuguese, but audacious navigator, conquered a most glorious immortality, leaving his name for ever recorded in History under its Castilian form of *Cristobal de Colon*.

It is however curious that although he was in his own time known by that name, still he never signed in that manner, but rather in this outstanding style:

XPOFERENS
(Christoferens)

One of his injunctions, appearing in his will, particularly urged on his descendants that they were to always authenticate every document with the signature he made use of:

"... sign with my signature which I at present am used to, which is an X with an S on top and an M with a Roman A on top, and above it an S and then a Greek Y with an S on top with its rays and commas, as I now do; and it must look like my signature of which many will be found, and it will look likewise. And must write but: — the *Admiral*, — though His Majesty may have granted them or they may have won other honours; this applies to the signature and not to the enunciation of honours, when they may write every title at pleasure; in the signature alone will be written — *the Admiral*"



The Signature of Columbus

- (1) and (2) — Before 1492: Christoferens.
 (3) — After the discovery of America: The Admiral.

This curious recommendation to his descendants, — certainly with the scope that the herioglyphic sign should be perpetuated through the centuries — is only too pregnant with meaning in a man so mysterious, of so reserved and puzzling a character, who while he witnessed his name becoming ever more famous yet "*the least he wished is origin and country to be known and certain*".

The usual signature of the great sailor, before sailing for his first voyage to the West, was this :

.S.
.S. A .S.
X M Y
X P O F E R E N S

After the discovery, — when he began enjoying all the rights and honours which his epic deed won for him — he went on signing in this wise :

.S.
.S. A .S.
X M Y
EL ALMIRANTE

As will be seen, this queer signature is a perfect riddle, which various modern historians have attempted to decipher, but without success. After several attempts ending in failure, I have at last succeeded in finding the strange key to the dark onomatographic mystery, as I will presently explain :

All the writings which the discoverer of the New World has left to posterity are, as we have already seen, in Latin or Castilian.

It is strange that giving himself as originary from Ge-

nova — “whence I came and where I was born” — he should have left no writings in his *maternal tongue*! And it is also most strange that having lived so long in Portugal — as is historically ascertained about him — he should not have left behind any writing in Portuguese.

But if one can admit that the fearless sailor did not know Italian, it is not so easy to account for his total ignorance of the Portuguese language... and the more so as the words which the Spanish investigators have assumed to be Galician expressions, are genuinely Portuguese.

There is therefore something hidden in all this.

Examining the signature which Columbus used in Castile — as no writing of his is known done during his stay in Portugal — one only reads clearly XPOFERENS (Cristoferens) two Latin words — *Christo* and *Ferens* — equivalent to the expression: — he who carries Christ, who goes with Christ.

Why did he not plainly write *Christophorus* in Latin, which offers the same meaning?

The reason is that the signature is written in Greek and the expressions *Christo* and *Ferens* are equivalent to *Christoforos* in that language, which if written in the proper characters would be difficult to read, whereas if written in Latin would be occasion of confusion with the Italian form: *Christoforo*.

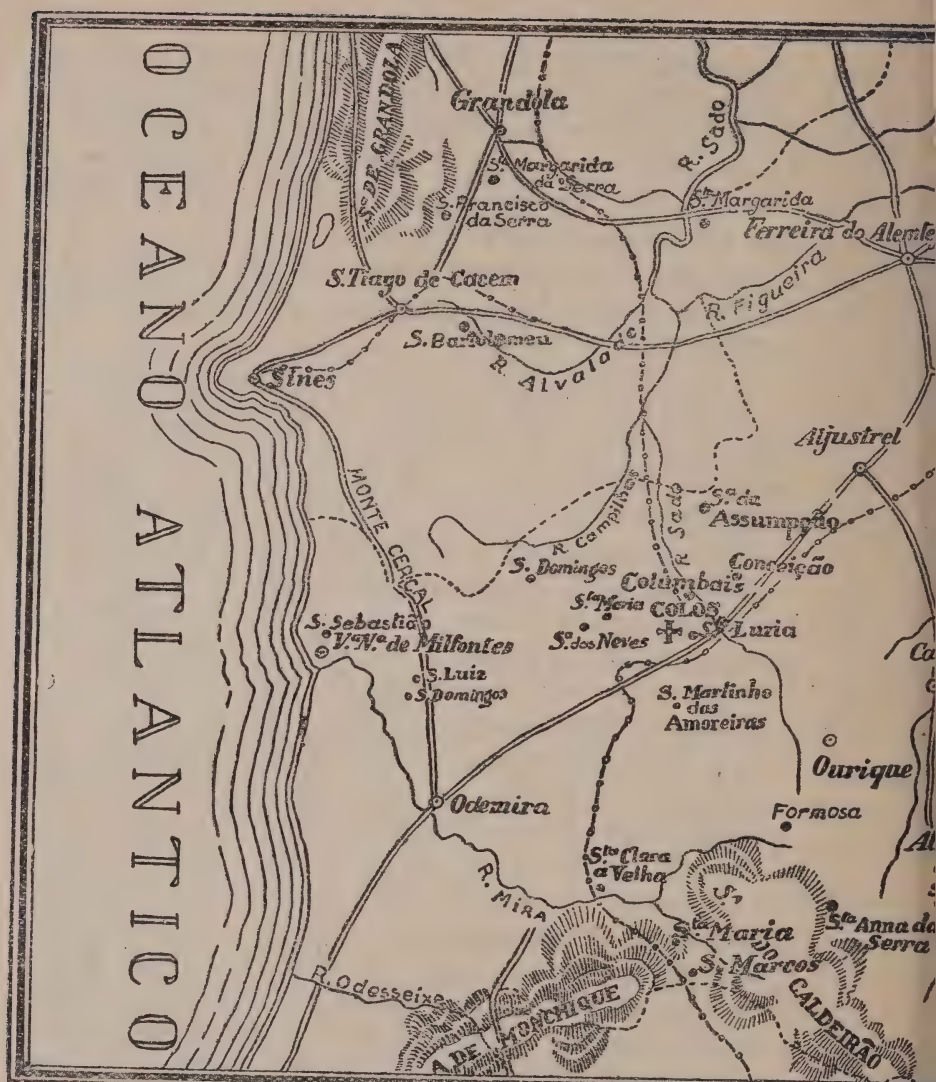
Intentionally, on purpose, trying thus to conceal his nationality, he imparted to his signature a hieroglyphic look, avoiding signing by the Castilian name he was known by — *Cristobal de Colon*, — or by the Italian *Christoforo Colombo* — which would be his, if he were a Genovese, as he tried to make himself pass for, when he entered the dominions of Isabel the Catholic. A man of culture, broad-minded, possessing a good literary and erudite preparation which few of his contemporaries could boast of, Columbus, who was

extremely clever, discovered the way to universalise his name although somewhat concealing it also, for the XPO-FERENS of his invention, will for ever be equivalent to the *Christopher* of the English, the *Christophe* of the French, the *Cristobal* of the Spaniards, and to the *Xpovão* or *Christovam* of the Portuguese.

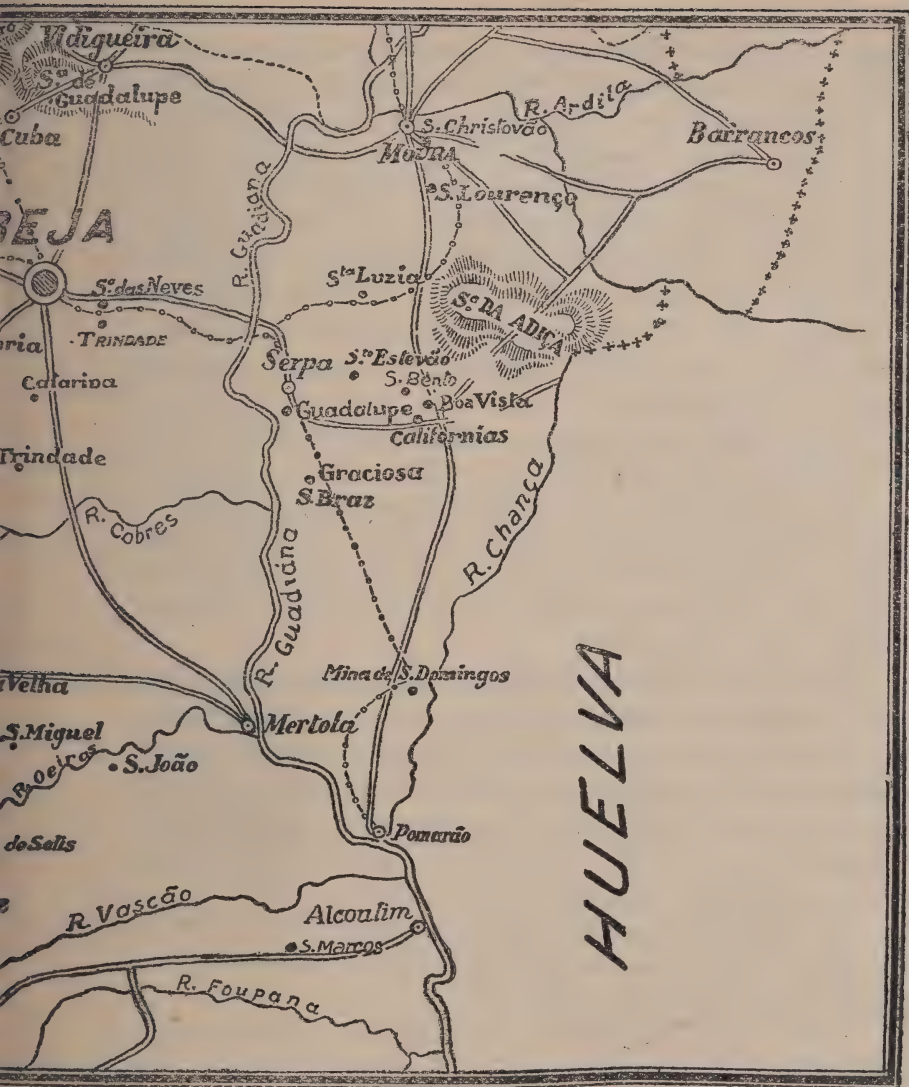
In the surname lies however the secret. The surname — *Colon* — by which he was known, never did he write together with his name.

He mysteriously recommends to his descendants to ever make use of the signature he himself uses, the hieroglyphic sign which was his secret, and which he, ever so careful, wished that should be perpetuated through the future. No biographer of his had paid much attention to this recommendation of Columbus, nobody had in fact dipped into the intimate care that prompted him when he gave expression to that recommendation in his will. The signature was a puzzle, something dark, the meaning of which could not be ascertained, investigators would state, shrugging their shoulders. There were however others who tried to enlighten the mystery and solve the riddle. But all would meet in the same conclusion, viz.: the single letters were no more than the initial ones of some saints' names! I could never submit to this easy interpretation, I was morally sure that only for the sake of that Columbus would not be so anxious that the mystery of his signature should pass on to posterity. In my mind loitered the idea that some other more important explanation should exist for the mystery, while I examined the several opinions regarding the hieratic and mysterious signature. I have therefore thrown myself into a stubborn study of this mistification, looking for a more consistent and serious explanation.

The hieroglyph of Columbus hunted my mind during



Map showing the Alentejo province where is situated Colos (X)
lands discovered and ch



places mentioned in this book, bearing names corresponding to Christopher Columbus.

some months, and the more it stared meaningless at me the more I got convinced that I ought not to waive my eager anxiety to see the truth beyond the symbolical letters. One night, I noted by chance that the first three Greek characters for the word *Colon* remarkably resembled the X, M, and Y, superposed to *Xpoferens*, though these letters were inverted... I had at long last found the key, and the puzzle was disposed of. Stirred by my findings, I started testing them through a close examination, and the word which I got out of it filled me with surprise and left me spell-bound!

The hieroglyphic sign notwithstanding the declaration of Columbus in his will, — “... which is an X with an S on top and an M with a Roman A on top, and above it an S and then a Greek Y with an S on top with its rays and commas, as I now do...” — is only in appearance composed of five Latin characters, the S being repeated maybe for the sake of symmetry.

And so these *Latin looking* characters—which through mere chance I discovered to be inverted — are indeed Greek and equivalent to the following letters of the Greek alphabet:—the X equal to *Khi*, the M to *Omega*, the Y to *Lambda*, the S to *Sigma*, including also the *Alpha A* which is found in the centre of the signature and which, if inverted, will be a V or a U.

To make such a statement is easy, but what matters is to substantiate it. Let us therefore see the exact demonstration of my true assertion.

The mysterious signature of Columbus, as already seen, was this:

.S.
 .S. A. .S.
 X M Y
 X P O F E R E N S

Supposing the above letters XPOFERENS as though in a projection, we shall have:

.S.
 .S. A .S.
 X M Y
 X P O F E R E N S
 X W Λ
 'S' V 'S'
 'S'

Waiving now the letters on top as useless, we have:

X P O F E R E N S
 X W Λ
 'S' V 'S'
 'S'

The signature is now in its proper way, i. e.: the name before the surname, as is usual. It was no doubt under this primitive form that Columbus worked it out, for the characters are strictly Greek, except that of the centre which is a Roman V, certainly not to repeat the *Omega*.

X P O F E R E N S
 X (*Khi*) W (*Omega*) Λ (*Lambda*)
 S (*Sigma*) V S (*Sigma*)
 S (*Sigma*)

Once disclosed the hidden character of the signature, and after having found the characters that make it up, it is enough to put them together: — *Khi*, the *Omega*, the *Lambda*, the V and any of the *Sigmata*, in order to obtain the Greek word that results from this combination:

X P O F E R E N S

X (Ch) W (o) A (l)

V (u)

S (s)

The Greek word is Cholus: therefore the signature written in good Greek would give *Xptophoros Cholos* (*Christophoros Cholos*), and translating it into Latin, we shall have:

X P O F E R E N S

C O L

V

S

Thus we find *Xpofereus Colus* or better still *Christophorus Colus*. Therefore the full revelation of the mysterious signature of the immortal discoverer of America is simply this:

CHRISTOFERENS COLVS

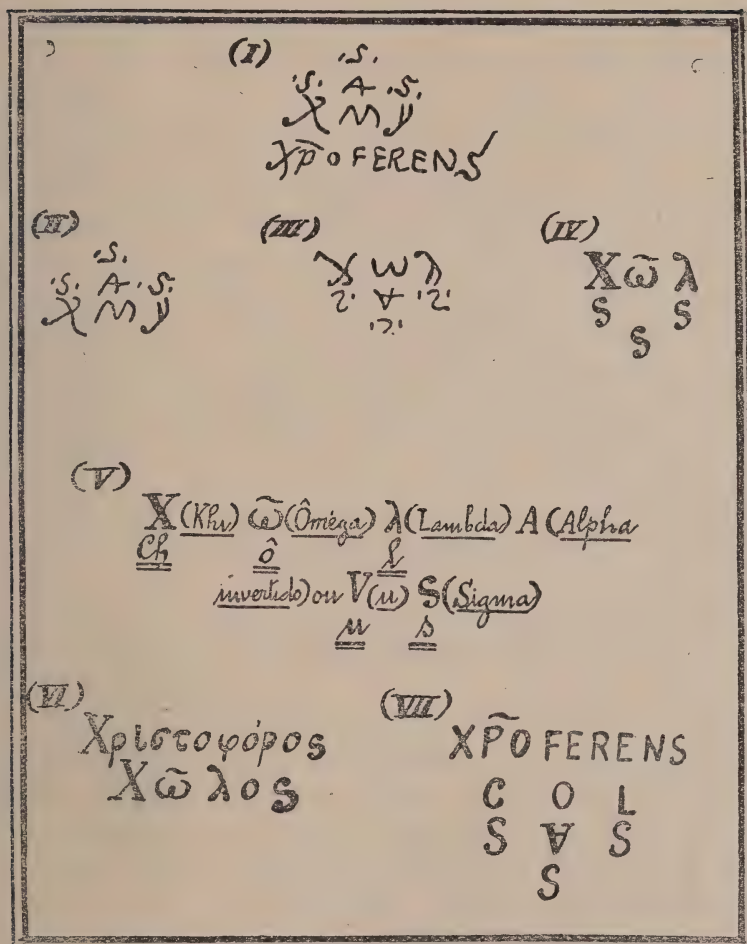
which may be translated into modern Portuguese in this way:

CRISTOVAM DE COLOS

The town named **COLOS** only exists in the province of Alentejo. (1)

It is a most ancient town, of Roman origin, lying at the foot of a hill between two rivers — the Ferraria and the S. Romão — near Messejana, in the district and diocese of Beja, municipal council of Odemira.

(1) **Colos** — Town in Portugal, Alentejo. King D. Manuel I. raised it to a township granting it the respective charter; it was formerly annexed to town of Sines.



Full Decifration of the Signature

- (I) The common signature of the Navigator.
 (II) The firm, if isolated, would look as though written in Latin characters.
 (III) The firm, if upside down, shows Greek characters corresponding to (IV) as can clearly be seen through a comparison.
 (V) The Greek characters which make up the firm.
 (VI) The firm in Greek: Christoforos Cholus.
 (VII) The firm in Latin: Christoferens Colus.

Was the brave sailor *Cristovam de Colos* born in Colos? Is this indeed his birth-place, which he so stubbornly concealed?

There are many reasons for us to think so, as we shall presently see.

In those times it was quite frequent in Portugal to write the name of one's town after one's proper name. Thus it is that we have among the famous men of our history, the following navigators: Diogo de Azambuja, João de Santarem, Gonçalo de Sintra, Pedro de Sintra, João de Mafra, Pero de Alemquer, João Afonso de Aveiro, and the travellers: Pero da Covilhã, Ayres de Almada, Pero de Evora, Abraão de Beja, José de Lamego and Fernão Martins de Santarem.

But Colos — as native town of Columbus — possesses other arguments in its favour.

When the sun is very hot the people of Colos referring to the penetrating action of its rays, use to say: — it is a great «*espeto*»!

This word — «*espeto*» — which I had never heard being employed in this sense, and which on my travelling through Baixo Alentejo I have only heard at Colos, has been used by Columbus in the same meaning, as can be seen in a passage from a letter of his, dated 4th. March 1493, addressed to Luiz de Santangel, informing him about the discovery which he had just effected: •

“In these isles up to now I have not come across monstrous men, as many thought, but they are all good looking people, nor are they negroes like in Guinee, their hair is glossy, and they do not live where there is too much «*espeto*» of the rays of the sun; it is true that the sun is there most intense, though it is twenty six degrees from the equator.”

This passage from the letter — “*too much espeto of the sun's rays*” — employed in this exclusive sense, altogether local, is pregnant with meaning.

At present there still exists in the neighbourhood of Colos a farm named *Colombais*.

It bore the same name by the beginning of the 18th. century — as is seen in a deed of sale of 1709, — and of course it will not be rash to assume that as far back as the 15th. century, when Christopher Columbus was born, it had already the same name.

The word *Colombais* seems to be derived from the Portuguese words *Colombar*, a bird similar to the dove, or from *Colombario* which means dove-cot (*pombal*).

It may however also have a Latin origin, v. g. *Columbarius* or *Colombaris*, concerning doves, or from *Columba* or *Columbus*, dove. Was Columbus born in this farm? This is a historical question which deserves to be carefully studied, when data enough will be obtained to do it effectively and safely.

Colos of course solves the dark problem of the Castilian surname of the great sailor, because the thoroughly Portuguese name of *Cristovam de Colos* — according to etymological laws — if transferred to the idiom of Cervantes, will simply be *Cristobal Colon*.

This is a surname which, after having been disguised, has been in good stead to its possessor.

Cristovam de Colos became then for the Castilians merely the foreigner *Cristobal de Colon*, who gave himself as a Genovese, descending from the Colombo Admirals.

And though in those times there existed the surname *Colon* in the Peninsula, and there were the *Colon* families of Pontevedra, Tarragona and Plasencia — very likely descending from the French *Cullam* — none of the Chroniclers, contemporary of the audacious sailor, ever thought of

attributing to him any relationship with any of these families. For them, Cristovam de Colon, was very plainly the Italian Colombo.

A curious coincidence took however place viz. that there lived in those times in Genova a weaver named *Cristoforo Colombo*, son of Domenico Colombo and of his wife Suzana de Fontanarubia, a modest creature, altogether insignificant, whom modern Italian historians have in vain attempted to identify with the very *Cristobal de Colon*, discoverer of America, but there is nothing in common between the two, except the proper name: *Christopher*.

Nevertheless, Columbus declared himself native of Genova, hiding however the name of his parents, about whom nothing is known.

He has deliberately hidden the truth, and has done so with a very reserved and personal scope. This deliberate untruth in professing himself to have been born in a place where he had never been, enabled him to stand in the Court of Isabel the Catholic as an accomplished sailor, experienced through long voyages, as the Genovese were in those days the rivals of the Portuguese in the art of sailing.

Thus under this assumed nationality, he imagined it to be easier for to attain his aim, as he eventually succeeded but after a stubborn, untiring and long struggle, after many years of begging and of contumely, as history reports, and *he himself* has left bitterly registered in his own writings.

But some modern writers try to construe that *untruth* of Columbus as a prudent way of hiding his Jewish origin, which would be no doubt a great obstacle to his schemes.

His biographers may be right, if we bear in mind the tiresome difficulties he met in order to have his nautical services accepted by Castile, if we recollect the new-Christians — Luis de Santangel, Luis de Torres, Rodrigo Triana

and others -- whom he took as his companions in his first voyage to the West, when not a single priest wished to accompany them, also if we bear in mind the profuse quotations from the Holy Writ appearing in his writings, his legacies to Jews residing in Lisbon, his enthusiasm about the sublime Gold: all this and other similar reasons, appear to prove that he was in fact of Jewish descent.

In those days very learned Jews lived in the Portuguese Court, surrounded by the esteem and regard of the very Monarchs.

D. Afonso V. — whose lord of the exchequer was the Jew Abrabanel — was a staunch defender of the Jews, allowing them ample freedom in his kingdom.

His son and successor — the fearless D. João II — entertained also a great esteem for them, chiefly those whom he acknowledged to be men of real worth and capacity.

It was due to his insistence that the *Jewish astrologer* Abraham Zacuto, a distinguished mathematician, author of the "*Almanach Perpertuus*" came to Portugal to fill the post of Court Cosmographer,

Master Josepo Judeu, or José Visinho, was astronomer and physician on the Mathematic Board, having effected several voyages to Guinee to exactly ascertain some latitudes.

Abraham de Beja and José de Lamego — who performed diplomatic work of the utmost secrecy and importance to the political life of the country — were also Jews, as well as Master Rodrigo *chief pyhsician* to the Court.

Garcia de Rezende — in the XCI of his *Chronica* — reports that Master Antonio, Chief Surgeon of the kingdom, was a Jew, and, when he became a Christian, King D. João II stood his god-father.

Many of our greatest navigators int the days of the discoveries were converted Jews i.e., new christians.

Was Columbus a Portuguese converted Jew? Was he a new christian?

It is very likely he was it, as already hinted

But, whether old or new christian, the fact is that this man of genius was born in Alentejo, and that he has shown, through his epic achievement, that he possessed the heroic virtues of the Portuguese race, as extolled by Camões in the glorious stanzas of the *Lusiadas*.

We must add to the glories of Portugal, the further one of having enriched the world with her illustrious son, brave sailor, immortal discoverer who "*while his person was fully able and endowed with all that conducted to so great an achievement, nevertheless willed that neither his origin nor his country should be known for certain.*"

Ascendants and Descendants of D. IZABEL MONIZ — Mother-in-Law of Columbus.

HENRIQUE MONIZ, governor of Silves, got married to D. IGNEZ PEREIRA, his seconde wife, daughter of D Diogo Alvares Pereira, and among other children begot:
VASCO MARTINS MONIZ

who went over to the Madeira Island, and settled down in Machico, and there got married three times, his third wife having been D. Joana Teixeira, daughter of Lançarote Teixeira, the Elder, and of D. Brites de Gois, who was on her father's side grand daughter of Tristão Vaz, 1st. Captain and Lord of Machico and of his wife D. Branca Teixeira, of the noble house of the Teixeiras of Vila Real, and on her mother's side grand daughter of João do Rego and of his wife D. Brites de Gois. Vasco Martins Moniz died in the town of Torão, where abode his aged mother. Through his marriage to D. JOANA TEIXEIRA were begot:

GARCIA MONIZ	DIOGO GIL MONIZ	FREI CHRISTOVAM MONIZ	D. IZABEL MONIZ
mentioned by the genealogists.	Chief groom of the chamber and inspector of the estates of the Infant D. Fernando, Lord of Beja, where he had his manor. He was married to D. Leonor da Silva, daughter of Ruy Gomes da Silva, Lord of Chamusca and Ulme, and of D. Branca de Sousa, sister of the 1st. Count of Abrantes. From this marriage were born D. Francisca da Silva, who got married to D. Sancho de Noronha, 3rd. Count of Odemira; she died before 1521 and was buried in the Convent of Saint Anthony of Odemira. Diogo Gil Moniz together with his widowed sister D. Izabel Moniz exercised tutelage over their nephew Bartholomew Perestrelo, during his minority.	Belonged to the Carmelite Order. Was Titular Bishop of Reona and assistant to the Diocese of Evora. Was elected Prior of the Carmo Convent of Lisbon in 1510 and continued in office until 1522. In 1528, as a bishop, he dedicated the church of Colares.	Was the 3rd. wife of Bartholomew Perestrelo, 1st. Lord of the Island of Porto Santo. When her husband died in the town of Baleira, in the said island, she betook herself to her father's house with her two sons Bartholomew of 7 years and Filipa of 5, having sold the Lordship over Porto Santo to Pedro Correia da Cunha, married to D. Iseu Perestrelo, daughter of Bartholomew Perestrelo and of his second wife D. Brites Furtado de Mendonça, her son having however later on caused this deed to be legally revoked. She exercised tutelage over her sons during their minority, together with her brother Diogo Gil Moniz. From her marriage to Bartholomew Perestrelo it appears the following sons were begotten:
BARTHOLOMEW PERESTRELO	FILIPA MONIZ DE MELO	BRIOLANJA or VIOLANTE MONIZ	
Married D. Guiomar Teixeira whom he murdered, and married his second wife D. Solana Teixeira.	who married Christovam Colombo.	who married Michael Moliarte.	

Ascendants and Descendants of BARTHOLOMEW PERESTRELO—Father-in-Law of Columbus.

Gabrielle Pelestrello and Bartholine Biforti begot Filippone Pelestrello who married D. Catharina de Mello.

From this marriage was born:

BARTHOLOMEW PERESTRELO

of the House of the Infant D. Henrique, and 1st. Lord of the Island of Porto Santo, to which he had gone with other settlers from the Continent.

Got married to D. Margarida Martins whom he murdered.

Got married, second time, to D. Brites Furtado de Mendonça, daughter of the Admiral Afonso Furtado, who gave birth to:

D. FILIPA, Who married Mem Rodrigues de Vasconcelos, commander of Seixo and Lord of the lands of Caniço (Madeira).

D. CATHARINA FURTADO, Who married João Teixeira 3rd son of the 1st. Captain and Lord of Machico, Tristão Vaz.

D. ISEU PERESTRELO, Who married Pedro Correia da Cunha, owner of the Quinta da Charneca, near Lisbon, where he died in 1499. Some nobilities also state that he was Captain of the Island Graciosa.

Got married a third time to D. Izabel Moniz, daughter of Vasco Martins Moniz and D. Joana Teixeira, who gave birth to:

BARTHOLOMEW PERESTRELO

Who was under age, being eight years old, when his father died. Got under the tutelage of his mother and of his uncle-Diogo Gil Moniz. Sailed from Lisbon to Larache in order to join in the African wars. After an absence of some years, returned to Madeira, and put up by his brother-in-law Mem Rodrigues de Vasconcelos, lodged a suit against his brother-in-law Pedro Correia da Cunha, to annul the deed of sale of Porto Santo, effected by his mother during his minority. He won the suit on the 15th. March 1473. Got married to D. Guiomar Teixeira, daughter of the navigator Tristão Vaz and of his wife D. Branca, Teixeira through whom begot a son named Bartholomew, and having killed his wife owing to adultery, he married her sister D. Solana Teixeira.

D. FILIPA MONIZ DE MELLO (1)

Lived in the Monastery of Santos, as stated by the author of the *Life of the Admiral*. It appears she died in Funchal and there was buried. Got married to Christopher Columbus by whom she had:

DIOGO COLOMBO

who got married, in Castile, to D. Maria de Toledo, and begot:

IZABEL DE COLON

who on the 3rd May 1531 got married to D. Jorge de Portugal, Count of Gelves, widower of D. Guiomar de Ataide.

D. BRIOLANJA or VIOLANTE MONIZ

Who got married to Michael Muliarte and resided in Huelva, where Colombo joined them, when he left Portugal in 1484. It appears her husband was already dead by the beginning of the 16th. century, for Diogo Colombo, son of the Navigator, in his will of the 16th. March 1509, disposes as follows: *Twenty sixth disposition. Moreover dispose that to my aunt Briolanta (sic) Moniz will be given her share of twenty thousand maravedis every year as long as she lives for her needs including the ten thousand maravedis which I used to give her.* Diogo Colombo, brother of the discoverer, has also included in his will the following item: *Moreover I dispose that be paid do Briolanza Muñiz ten gold ducates as an alms, and he frees her from and old debt of eight thousand maravedis.*

1 According to the usage amongst the Portuguese families in the 15th. century, she took the surname of her maternal grand father (Vasco Martins MONIZ) and that of the paternal grand mother (D. Catharina de MELLO).

COLUMBUS' SIGNATURE FROM THE CABALISTIC VIEWPOINT ⁽¹⁾

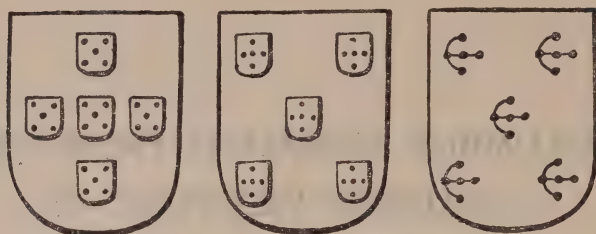
Christopher Columbus -- I take it -- got some knowledge of the so called occult sciences, either directly obtained through some secret society where he may have been filiated, or received through somebody initiated in such mysteries, say, some friend of his. Bearing in mind the possible Jewish origin of Columbus, it is easy to understand how he could get such knowledge, for instance, through an intimate friend aware of the Cabala secrets.

* * *

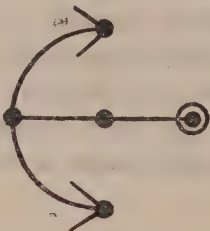
The way Columbus has made up his won coat of arms from the Portuguese scutcheon -- as discovered by Patrocinio Ribeiro -- betrays, in my opinion, somebody used to deal with matters pertaining to the Cabala. Through the first illustration we see who Columbus transformed the small scutcheons into anchors.

(¹) By a pressing insistence on my dear friend, great writer and famous physician, Dr. Barbosa Sueiro, he did the kindness to make the analysis of the discoverer of America's signature from the occultism.

Not knowing any analysis of this kind, I take the liberty to reproduce the interesting work of Dr. Barbosa Sueiro (on his own words) which will remain as a valuable study on the mysterious character of Colombo and thus enriching the so great Colombian bibliography.



Each anchor was set on five points, arranged cross-wise, causing respectively the rectilinear segment and the segment of the curve to cross three points. Thus:



We find out the following: — the straight line crosses 3 points (ternary). The cabalistic number 3 thice repeated ($3 + 3$), once showing a straight line and once a curved line (antagonic lines) reveals a hexagram:

Straight line, crossing 3 pointst may mean...



Curved line, crossing 3 pointst, may mean...



Anchor, formed by two antagonic lines may mean.....



Each anchor is therefore equivalent to a exagram. It must also be noted that the hexagrams are 5, and each of them has the cabalistic value of 6: we shall therefore have:

$$6 \times 5 = 30$$

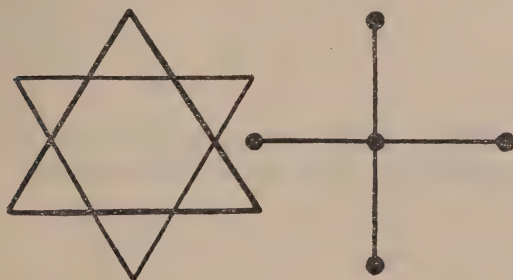
$$3 \div 0 = 3$$

according to a simple cabalistic calculation.

Therefore there exists in Columbus' Coat of Arms the cabalistic number 3. There exists also the number 5, if we take each hexagram as one unit. There also exists the number 7, because 25 being the total number of points, on which the hexagrams have been constructed, we shall have:

$$2 + 5 = 7$$

Otherwise the arrangements of the points cross-wise already reveals the quaternary, which may correspond to the hexagram, the vertical line representing the upper vertex triangle while the horizontal line (antagonical to the vertical) represents the lower vertex triangle:



Columbus being Portuguese, and maybe of Jewish blood, it is interesting to find out how he, or somebody

for him, managed to derive from the Portuguese scutcheon a new one by means of the Cabala.

It must also be noted that the anchor, as well as the hexagram, are found in the Rosicrucian symbolism.

* * *

We may now deal with Columbus' signature. It is as follows:

.S.
 .S. A .S.
 X M Y
 X P O F E R E N S

Let us examine the portion above the name:

.S.
 .S. A .S.
 Y M X

We see 3 SSS, placed according to the 3 vertices of a triangle, each one of them sided by two points.

.S.
 .S. .S.

Here we see the ternary (3) and each letter sided by

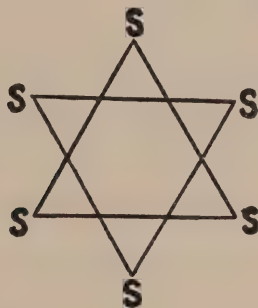
two points may correspond to the *two* meanings which they are used for by Masonry :

Health ! Health ! Health ! or thrice Healt !

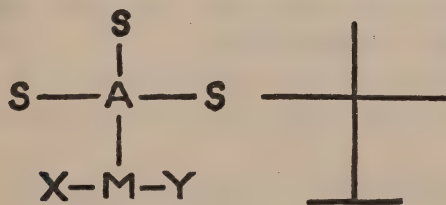
or otherwise :

Salus ! Stabilitas ! Sapientia !

The two points by each S may also mean that the triangle is to be repeated, thus obtaining a hexagram :

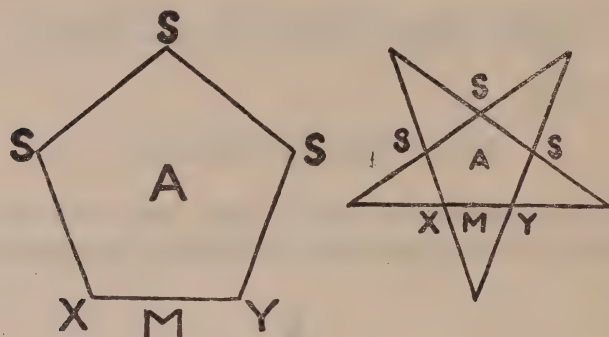


If by means of three lines we connect the letters, 3 by 3, we shall obtain :



having thus the cross of five arms, which appears in some hermetic societies, and which may correspond to the tetragramas it is a cross.

The outline of the portion of the signature above the name is pentagonal, which reveals a pentagram (5):



If we count the letters of this figure we find they are 7.

We have therefore on the higher portion of the signature the Cabalistic numbers 3, 5, 7, tetragram and hexagram.

On the lower portion of the signature *there are 9 letters*:

X P O F E R E N S

which shows perhaps in Columbus a high degree of initiation through this number.

The symbolism, revealed in Columbus' signature, belong to Rosicrucian rites, and may also belong to the occult doctrines of the Templars.

I have reasons to believe (which would be too long to detail here) that the Order of the Temple, though suppressed in the times of King D. Diniz, continued to exist in Portugal, working actively, maybe well patronised in order to escape the awful persecutions which the Apostolic Roman Catholics exercised against those who were not Catholics according to their orthodoxy.

BARBOSA SUEIRO.

APPENDIX ⁽¹⁾

Wishing to further the scope of Patrocinio Ribeiro's work, we have looked for and have found that which will strengthen his subject on having gathered materials which — had not death taken him away so untimely — Patrocinio Ribeiro would no doubt have collected to enlarge his work.

More than once, Spanish investigators anxious to obtain a proof that Christopher Columbus ⁽²⁾ was Spanish, have tried to take advantage of documents which far from improving their scope do rather prejudice and discredit their endeavours.

The famous Pontevedra's documents, a despicable farce, as Patrocinio Ribeiro has called it, was followed in the same province by the so-called discovery in Porto Santo, a village by the Pontevedra river, of an inscription on a house, pretending to mean that, when America was discovered, there already existed the Colons, in Galicia, and of course with a view to substantiate that Columbus was Galician.

As already said, a Spanish investigator, Mr. Prudencio

⁽¹⁾ We add this Appendix in order to include some documents and make some remarks conducive to emphasise the work of the late and regretted writer Mr. Patrocinio Ribeiro.

The Editor.

⁽²⁾ We use the form — **COLON** — in this appendix as we find it more logical and nearer to the truth.

Otero Sanchez replying to a letter of Patrocinio Ribeiro says as follows: —

ADDRESS

PRUDENCIO OTERO SANCHEZ

Pontevedra, April 21st 1922

Mr. Patrocinio Ribeiro,
Lisbon.

My dear Sir,

On returning from a short journey, I am glad to find yours of the 18th. and I am sorry that through want of time I should not be able to answer your question so fully as it deserves.

Who is right?

The first photograph which was taken of the cross of Porto Santo, a cross belonging to the house in connection with which a standing tradition of over three centuries says that "from there went forth who discovered the Americas" is the one which appears in my book, bearing No. 2, which according to myself, and with me concur D. Luis Gorostola, Member of the Archeological Society of Pontevedra, D. Juan Fernandez Gil, Correspondent member of the Real Academia de la Historia Española, an expert in paleography, who have on purpose come to examine the inscription, says, I repeat "Juan Colon. R.º Año 1490".

The photograph caused to be taken by D. Castro Sampedro and by him forwarded to Mr. Oviedo y Arce, says "Juan de Outeiro. R.º Año 1790".

Surprised on my seeing this photograph, I went immediately to examine the cross and fancy my surprise, when 20 metres before coming near it, I have read — (I am nearly blind) — without difficulty this last inscription; however on my coming nearer I noticed that it had impressed by means of tile what they wanted it to say.

This is in short what I can reply to your question, while I take the opportunity to remain with the highest regard'

Yours...

PRUDENCIO O. SANCHEZ

The famous Pontevedra inscription, perhaps a forgery, may be another mystification deserving to be repulsed.

Nevertheless the Madrid paper A. B. C. published an article on the 4th. April 1926, reporting that D. Prudencio Otero Sanchez and D. Luis Gorostola, had recently discovered in Pontevedra (Porto Santo) a small inscription — *the very same already in 1921 discovered by these gentlemen* — as is proved by the above letter.

In view of this *discovery*, the Academies on the 9th. April 1926, on being consulted by Government, stated their unanimous opinion that there was absolutely no evidence that Columbus had been born in the parish of S. Salvador de Poyo de Pontevedra, nor was there any proof that the navigator had been born in Galicia.

D. Ricardo Beltran y Róspide, president of the Committee of Casa das Indias, and Member of the Academia Real de Historia, says in his work "Cristobal Colon, Genovез?" "*that the discoverer of America was not born in Genova*" and "*that he was originary from somewhere on **Hispanic lands**, en the Western band of the Peninsula, between Capes Ortegal and Saint Vincent*", i. e. from North Galicia down to South Algarve.

This statement made by the most authoritative scholar of Spain on historical matters, was enough to point to a defeat while it prepared the pride of the Spanish people not to suddenly be shocked by the disappointment that Christopher Columbus though not Italian was not however a Spaniard. There are even means of evidence in the hands of Spaniards to the effect that Columbus was Portuguese, but which out of a patriotic feeling and in order not to incur the odium and hatred of their countrymen they are withholding.

D. Raphael Calzada, author of the book "*La Patria de*

Colon" wrote to Patrocinio Ribeiro the following interesting letter:—

RAFAEL CALZADA

ESTACION VILLA CALZADA

F. C. Sud.

January 19th. 1922

Mr. Patrocinio Ribeiro

Of the Academy of Sciences

Dear Sir,

According to telegrams received from yours, you have reported to the Academy of Sciences of Portugal, of which you are most worthy member, that you have found the proof that Christopher Columbus was Portuguese. You can imagine the immense interest aroused by this news, and chiefly in those who have been more or less engaged in ascertaining the origin of the Discoverer.

Would you be so kind as to send me what has been and will be published in this respect? For me this would be of the utmost interest, because of late I have brought to light a modest study named "*La Patria de Colon*" which I beg to post to you, and which deserved from the public opinion the most favourable criticism.

Is the proof, you have found, peremptory? I do not doubt it, but it cannot be the baptism register. You well know that when Columbus was born baptism registers were not yet in use, as they were started on the following century by the Council of Trent.

The proof in question must therefore be another. Which? I am anxious to know it.

What I have boldly maintained and maintain in unison with my illustrious friend Mr. R. Beltrán y Róspide, of the Madrid Academy of History, and with others, is that Columbus was not and could not have been Genovese. It would be the biggest of historical absurdities. I think I have proved it in my book. But was he Portuguese? That his brother Bartholomew was it, has been acknowledged by some Italian historians. I maintain that he was born in Porto Santo, by the Pontevedra river mouth, which is after all a region of the ancient Lusitania; but it is not impossible that he should have been born in Portugal and brought up in a village by the Pontevedra river mouth.

But after this occurs a doubt: how is it that having been Portuguese he has not been attended to by the King of Portugal? How is it that up to now it is not known that he has ever professed himself a Portuguese before the Court of Portugal?

The great Italian cosmographer Toscanelli took him as subject of the King of Portugal, which I prove on page 88 of my book.

In short, and whatever it may be, I earnestly pray you to gratify my request; and in case you have not yet published anything, I shall be very thankful to you, if you will let me know in a few words the substance of the proof you have found, in case you do not mean to keep it reserved. I trust you will excuse me for the liberty I am taking, and I take the opportunity to have the honour to send you my greetings and own myself.

Yours...

RAFAEL CALZADA

Columbus having not been Genovese, as it has been ascertained, and some Italian historians having admitted his brother Bartholomew to have been Portuguese, why should Christopher Columbus not be also a Portuguese, considering what Ricardo Beltrán y Róspide says about the Columbus, that they were *mysterious men*?

D. Rafael Calzada says that *it is not impossible that Columbus should have been born in Portugal, but brought up in a village by the Pontevedra river mouth*. And he asks: *how is it that being a Portuguese he has not been attended to by the King of Portugal?*

To this we have to say that D. João II did not take interest in the discovery of the Indies by the West, for they had already seen that such scheme was not. The most practical discovered at last by Vasco da Gama which rendered Portugal an European emporium for Eastern produce, the Islands of the West having been discovered by Portuguese⁽¹⁾ whom the King had already given donatories.

A proof of this is the Tordesillas Treaty signed in

(1) V. "The priority of the Discovery of America by the Portuguese" by the distinguished investigator, Mr. Antonio Ferreira de Serpa. Newspaper *O Seculo* of 15-2-927.

June 1494, rectifying the Pontifical Bulls through which the Western lands are divided by a straight line among Portuguese and Spaniards.

D. Rafael Calzada questions: *How is it that up to now it is not known that he has ever professed himself a Portuguese before the Court of Portugal?*

Well, the same puzzle applies to Spain, if we recollect that he has never confessed himself a Spaniard before the Court of the Catholic Kings, having been called *marrano* (a Jew) by the Spaniards, and injured on the occasion of the insurrections against him on board and on shore, so that he came under chains as a prisoner by order of Bobadilla to Spain: as it could not be admitted that a foreigner, held to be *marrano*, could exercise reprisals or apply punishments to Spanish subjects (¹).

Christopher Columbus, had interest both through disguise and craft, to declare himself a foreigner, as this would nicely serve him to escape the responsibilities of the crime of "treason to the Fatherland" in which incurred the sailors and pilots of the fleets for revealing the secret of the way followed by the Portuguese in their discoveries beyond the seas.

As an illustration we have that instance when D. João II

(¹) V. *Ilustracion Iberica* No. 512, of 22nd. October 1892

"It might be better to pass in silence over the motives justifying the imprisonment of Columbus.

Enough to say that he did not behave as a good Governor, and that the infamous Bobadilla did his duty.

The Superintendent of Justice could not allow D. Cristobal to act and his brothers towards the Spaniards with the excessive severity used by the Colonos, much less that against the express orders of the King, Colon should reduce to slavery hundreds of Indians. Waiving old fashioned invectives, it is only to be regretted that at present we have not even one Bobadilla. That is what would be necessary in these days.

ordered a pilot and two sailors to be killed, after having received a denunciation that they were on the way to Casile in order to offer their services to the Court of the Catholic Kings. «see page, n.º 132.»

His studies made in Portugal, derived from the nautical school of Sagres, and also during his stay in Madeira where he got the documents of his father in law Bartolomeu Perestrelo and of the moribund Afonso Sanches, Portuguese sailor, where was stated the existence of some islands ⁽¹⁾, all this is referred to by the work of Fray Bartolomé de las Casas, biographer of Columbus, who further says: that the Indians of the Island of S. Domingos, Haiti.

(1) La *Ilustracion Iberica* No, 509. Barcelona 1st. October 1892.

The First Discovery of the Indies.

A *caravel* sailing on our Ocean sea, it met such strong East wind and so steady that she reached a land not known, appearing not on the map nor on sea-chart.

It returned from there in many days than she had gone, and when it reached here it carried no more than the pilot and three of four sailors, who being ill through unger and labour soon died after arrival.

Here is how the Indies were discovered through the misfortune of those who first beheld them, as he died without having enjoyed them and even without informing at least how they were called, nor whence he was, nor the year they were found. Though this was no fault of his, but rather through malice of others or envy of her who is called fortune. And I do not wonder at the ancient histories relating great deeds originating from little or obscure sources, as we do not know even in modern times who has discovered the Indies, which a feat so important and new. We wish that the name of that pilot had escaped the oblivion into which death merges all things.

Some make this pilot Andalusian, who was trading in Canaria and Madeira when that long and mortal sailing befell him; other make him Vizcayan trading in England and France; and others Portuguese who was sailing to or from Mina or India, which much agrees with the names which those lands have taken and preserve. There are also peo-

or Espaniola, recollected that there had arrived there "*other white men and wearing beard like ourselves before ourselves not many years*".

Columbus knew all this and as his scheme of a way to the Indias by the West had not been granted, as being impracticable, he decided to fly to Spain in consequence of the conspiracy against D. João II, having hid there two years, and having later on been introduced to the Court of Isabel the Catholic, where, *not even as a Spaniard*, they gave him attention but after seven years.

*

* *

There is a much discussed point which we wish to deal with here, viz the tradition that the main ship on which Columbus made his first voyage was called "A Galega" (the Galician), several Spanish writers stating in consequence that the Discoverer was Galician and for this reason had thus called his ship, saying that this was an out standing proof, as there is no similar name either in Italy or in Portugal.

In order to contradict this assertion, we can prove that on the same region where were born several navigators and where is the town of Colos, which is the present distric of Beja, 10 kilometers way from this city and 4 from Santa Victoria, there exists an ancient and large farm, which

ple who say that the caravel reached Portugal, others say Madeira or some other island of Azores, but nobody asserts anything.

Yet all agree that that pilot died in the house of Cristóbal Colón in whose hand remained the books of the caravel and the report of all that long voyage, with the mark and the position of the lands newly seen and found.



House where Christopher Columbus lived in the Madeira Island. It was levelled down to give way to a street, and the family of Agostinho Ornellas preserves the stones of a fine window, which is seen on the illustration.



at present is parcelled, called "A Galega" on the spot we have marked on the map, and there is also "Galega a Velha" 9 kilometres away from Castro Verde.

If Columbus christened his ship with the name of "*Galega*" because he was Galician, it would better stand to reason that he should have called it "Galiza" to honour that country, and thus the name "*Galega*" accounts as a further Portuguese probability.

By the time of his last voyages Christopher Columbus bore the ingratitude of the Spaniards (was he not of Jewish origin?). Cesar Cantu says in *Historia Universal*, translated by Bernardes Branco, the following: When he got shipwrecked in Jamaica he was barbarously used by the very Spaniards who refused him a landing on the island he had discovered. Ingratitude and poverty were his reward. Deprived of the rights which had been granted him, obliged to advance money to those who accompanied him in his fourth voyage, he was reduced to live on borrowing in order to keep up his position of Chief Admiral and Viceroy.

He wrote to the King:

—"I was completing my twenty-eight year ⁽¹⁾ when have joined Your Highnesses service, and now I have not on my head a single hair that is not gray. I am infirm, have spent all that I had, they have taken from me and from my brothers all my clothes which they have sold: I am in such a want of money that I do not even possess *una blanca* (ancient coin) to give an alms for the love of God. Alone with my sufferings, ill, awaiting death every hour, sur-

(1) *This age is not correct in the translation which mentions: eighteenth year.*

rounded by a million savages, full of cruelty and our enemies those who love justice and truth, pity my misfortune!"

And to his son he said :

— "After 20 years of services and fatigues after so many and great dangers. I own not in Spain a roof under which I may dwell, and as for eating and sleeping I have to go to the inn and often I have nothing to pay even what I eat."

The Spaniards in order to conceal the truth in this respect have attempted to prove the contrary, thus showing their aversion to the foreign navigator. In this respect may be read what is said about his death, with no care for truth.⁽¹⁾

*

* *

It is said and there has already been attempted to prove that Columbus signature conceals no mystery, as it is complete, the initials standing for names of Saints, and

(1) V. *Ilustracion Iberica* No 512 of 22-10-1892.

The death of Colon. — D. Cristóbal Colon died in his palace of Valladolid on the 20th. May 1506, being sixty eight years old (*) enjoying his lofty dignities. He was given a *royal* funeral in the Church of Santa Maria de la Antigua, and was buried in the convent of the Franciscan Friars of the said city. The tomb was covered by a black stone upon which could be read the following incorrect and macarronic distich:

*A Castilla y á León
nuevo mundo dió Colón.*

Never could be more truly said that *Lion was the painter.*

* According to the dates of the most remarkable events of his life he must have died being fifty years old, the above date being therefore incorrect,

that after XPOFERENS./ there exists a point and a stroke sloping, which is not seen in all documents and it has been stated that these ortographic signs were named *Colon*.

Such inferences are incorrect, for the ortographic signs so named were different as can be ascertained through the dictionaries of Faria and Vocabulario de Bluteau, where we find the correct meaning of this word in the ortographic sense, as follows :

COLON — (Ortographic mark). It is one of the important marks for good writing, and it is twofold, imperfect or perfect.

Imperfect *Colon* is a point above a comma, thus — ;

Perfect *Colon* it two points one above the other, thus — :

Imperfect *Colon*. *Punctum cum virgula*.

Perfect *Colon*. *Duo puncta*.

Every sentence was marked by two points which was perfect *Colon*.

João Franco Barret.

Orthograph: da Ling. Portug. Pag. 219.

*

• *

*

Why such a special and cautious a recommendation that his descendants shuld use the signature, with the initials, vithout explaining them? Is there a mystery or not? If not, why then such an injunction in a will, i. e. a document of great importance?

And why Cristoferens Colon instead of Cristovam or Cristobal Colon?

Why has he after his first voyage suppressed the word Cristoferens and signe — **El Almirante**, after the group of the initials?

It would not be according the reason that if the complete name was XPOFERENS and the sign./ meant Colon, he would then sign XPOFERENS./ — El Almirante?

Had he interest in the initials or not, seeing that after them he would sign — El Almirante, omitting his proper name?

There was therefore a mystery in his signature.

There is an important point in the signature which has not been fully explained by Patrocínio Ribeiro, regarding the S. S. — An S in the anatomical sense⁽¹⁾ means Colon, and the two points which accompany them have the same meaning.

Strengthening Patrocínio's decipherment, we conclude that the S. S. are three Colons, a kind of symbol or mark of the family, which he wanted to perpetuate, according to his recommendation in his will.

The mystery of the signature is now in full light as the inverted initials of the signature mean Colus., name of the place of his birth, and in order to detract those after his origin he employed Colon instead of Colus, using the further two S. S. — Colons to complete the signature, which meant *three Colons*, he himself and his two brothers. (?).

.....

(¹) Colón — Latin *colon*, from the Greek *Kôlon*. anatomy *iliac*, or S. of the colon, section shaped to the form of an S. which ends on the higher end of the rectum.

Editor's Note. *We have hurried up the publication of the work of Mr. Patrocinio Ribeiro, adding this appendix, in view of the Newspaper A. B. C. of Madrid having announced a competition, and promising a prize of fifty thousand pesetas to the Spanish Writer who should succeed to prove the Spanish nationality of Christopher Columbus, time for same having expired on the 1st. April 1927.*

In order to contradict any work which might appear for this purpose the friends of Patrocinio Ribeiro and myself have decided to publish his work, which will still attain a higher interest, if we note that the competition invited by the A. B. C. was not answered, the same paper having not even advised the public that the competition had given no result, the silence of the Spanish paper thus preventing the fiasco being made public.

We wind up our remarks, and intertain the certainty that while honouring the memory of Patrocinio Ribeiro we have also rendered service to our country.

The Editor.

TO THE READER

We beg benevolence for any mis take that might have occurred on the composition of English owing to the haste to have it printed.

THE ÉDITOR.

ERRATA IMPORTANTE

Por um lapso de revisão saíu errada a palavra *donatarios* que na linha 27, ao fundo da pagina, 87, saíu como *donativos*, o que dá um sentido errado ao trecho em questão.

Varias outras gralhas é facil terem escapado, mas de facil correcção ao leitor, que decerto saberá desculpar.

Este livro acabou de se imprimir aos 6 dias do mez de Junho, de 1927, na tipografia da IMPRENSA BELEZA, na Rua da Rosa, 99 a 107 — Lisboa.

EXTRACTO DO CATALOGO
DA
LIVRARIA RENASCENÇA
DE
JOAQUIM CARDOSO

27, Rua dos Poiais de S. Bento, 29 — Lisboa

A CATEDRAL

por MANUEL RIBEIRO

Magnifica edição especial de luxo, numerada e assinada pelo auctor, grande formato, ilustrada por *Alfredo Candido*, com magnificos desenhos à pena, aguarelas etc, ineditos da Sé de Lisboa.

Preço..... 50\$00

Os Miseraveis

por VICTOR HUGO

Esta admiravel obra, edição ilustrada em 2 grossos volumes encadernados com capas especiaes.

Preço..... 50\$00

Educação Moral da Creança na Familia

por BENOIT BOUCHÉ, tradução de Emilio Costa

Livro premiado em concurso na Belgica pela sua importancia Social. Um verdadeiro manual de Educação, que todos os pais, professores, tutores e noivos devem possuir, para saberem conduzir a educação das creanças.

Preço..... 5\$00

A EPOPEIA DO TRABALHO

por FERREIRA DE CASTRO,

desenhos de Roberto Nobre

Esplendido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras.

Preço..... 6\$00

GALICIA RINDO

por ROGELIO RIVERO

Cronicas galegas, o livro mais humoristico que se tem publicado. Rir, Rir, Rir.

Preço..... 4\$50

FLORES DE CAMPO

por BRAAMCAMP DE BARAHONA FRAGOSO

Peça regional em 1 acto, em verso, com musicas originaes, linda edição em papel *vérgé*, capa ilustrada.

Preço..... 7\$50

VISIONARIA

por ARMINDA GONÇALVES

Livro de esplendidos versos, com prefacio de *Manuel Ribeiro*.

Preço..... 5\$00

ANFORA DE AMOR

Sonetos pelo Dr. ARNALDO FORTE

Magnifica edição, livro de sucesso.

Preço..... 5\$00

FRANCEZ SEM MESTRE

O mestre popular, em 3 mezes por *Manuel Gonçalves Pereira*.

Preço encadernado..... 15\$00

Afonso XIII Desmascarado. O Terror Militarista em Espanha

por **BLASCO IBAÑEZ**

3.^a edição grande successo.

Preço..... 5\$00

O Novo Sistema de Cura Natural. O Novo Tratamento Naturalista "Bilz,,

2 grandes volumes encadernados, cerca de 2.000 paginas, centenas de gravuras e 10 modelos do corpo humano. A massagem, ginastica medica, as plantas medicinais, a electricidade, as applicações da agua, banhos de sol, o ar puro, a dieta especial para cada caso, taes são os principios essenciais do novo metodo para a cura de todas as doenças. Mais de 2 milhões de exemplares vendidos em todas as linguas.

Preço..... 250\$00

O LIVRO POPULAR

CADA VOLUME 2\$00

Filha Adoptiva, *George Ohnet*.

Madalena, *Peres Escrich*.

A Visinha do Poeta, *Peres Escrich*.

O Misterio de Nideck, *E. Chatrian*.

Uma Noite em Florença, *A. Dumas*.

Cristovam Colombo, *Visconde Vila Fórtes*.

Othelo, *Gustave Dubarry*.

O Mestre de Aviz, *Carlos Pinto de Almeida*.

Yvette, *Guy Maupassant*.

Amor de Mãe, *François Coppé.*
Raússo por Homizio, *Rebello da Silva.*
Romance de Alina, *Alexis de Valon.*

Edições "Spartacus"

A Crise Economica João Perpétuo da Cruz...	2\$50
Trez Aspectos da Revolução Russa, <i>E. Vanderveld</i>	5\$00
A Revolução em Portugal, <i>Campos Lima</i>	6\$00
O Primeiro Congresso Femenista e de Educação, <i>Arnaldo Brazão</i>	10\$00
A Ceia dos Pobres, Episódio dramatico em verso — <i>Campos Lima</i>	2\$00
Sendas de Lirismo e de Amor, novelas — <i>Ferreira de Castro</i>	8\$00
Os Tres Milagres Subtis do Convento, <i>Antonio de Passos</i>	5\$00
A Historia do Movimento Macnovista, <i>P. Archinoff</i>	10\$00
A Teoria Libertaria ou o Anarquismo, conferencia por <i>Campos Lima</i>	3\$00
Entre Vinhedos e Pomares, novela, por <i>Mário Domingues</i>	6\$00
No Sertão d'Africa, contos indigenas, por <i>Manoel Kópke</i>	6\$00
A Excelente Aventura do Cavaleiro Alaiz contos, por <i>Antonio de Passos</i>	6\$00

DESCONTOS AOS REVENDEDORES

e 10 0/0 para despesas de portes de correio.

Livros em todos os generos, nacionaes e estrangeiros, material escolar, artigos de desenho, de pintura a oleo e aguarela e de papelaria.

